

COORDENADORAS

BEL SANTOS MAYER
FERNANDA POMPEU
VERA LION

DIALOGO

MODO DE COMUNICAR

UMA EXPERIÊNCIA BEM SUCEDIDA COM JOVENS

...a Crist...
...eiro. Dera...
...ouza. Fa...
...argo. Jar...
...za. Kare...
...Leda Iv...
...oral dos Santos...
...Melo da Silva...
...de Oliveira Coutinho...
...César Borges...
...Cristina Queiroz Santos...
...Deraldo Batista da Conceição Júnior...
...Fabiano P. Ferro...
...Janilma Nunes da Silva...
...Karen Camila dos Santos...
...Leda Messias Alves...
...dos Santos...
...da Silva...
...Oliveira Coutinho...
...ino da Costa Melo...
...Cabral dos Santos...
...Cabral dos Santos...
...Talita Pereira Lopes...
...Wilq Vicente dos Santos...
...dos Santos...
...Silvana Melo da Silva...
...Simone Daniela de Santana Camargo...
...Talita Pereira Lopes...
...Terezinha de Oliveira Coutinho...
...Vanessa Sampaio Rodrigues...
...Wilq Vicente dos Santos...
...Cabral dos Santos...
...Silvana Melo da Silva...
...Simone Dani...

...Anderson...
...Marcos de...
...or. Eliane...
...logueira...
...B. de Al...
...Afonso...
...Ligia Sabino...
...Silvana Cabral dos Santos...
...Silvana...
...Terezinha...
...Ligia Sa...
...Ligia Sa...
...Silvana...
...Silvana...
...Terezinha...
...Ligia Sa...
...Silvana...
...Silvana...
...Terezinha...
...Vanessa Sampaio Rodrigues...
...Wilq Vicente...
...Ligia Sa...
...Silvana...
...Silvana...
...Terezinha...
...Vanessa Sampaio Rodrigues...
...Wilq Vicente...
...Cabral dos Santos...
...Silvana Melo da Silva...
...Simone Dani...

...Lion...
...a. Chirle...
...ilva. Eric...
...da Silva...
...Jean Karlo Olive...
...Laniela de Jesu...
...Costa Melo. Na...
...Silvana Cabral dos Santos...
...Silvana...
...Terezinha...
...Ligia Sa...
...Ligia Sa...
...Silvana...
...Silvana...
...Terezinha...
...Ligia Sa...
...Silvana...
...Silvana...
...Terezinha...
...Vanessa Sampaio Rodrigues...
...Wilq Vicente...
...Ligia Sa...
...Silvana...
...Silvana...
...Terezinha...
...Vanessa Sampaio Rodrigues...
...Wilq Vicente...
...Cabral dos Santos...
...Silvana Melo da Silva...
...Simone Dani...



DIFUSÃO
CULTURAL
DO LIVRO

“O narrador conta o que ele extrai da experiência – sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história”.

Walter Benjamin

Prefácio

Quando Bel Santos e Vera Lion, coordenadoras do Projeto Dialogo, do Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário / Ibeac, me convidaram para coordenar uma Oficina de Redatores com jovens moradores da periferia ligados ao projeto Dialogo, estudantes de escolas públicas, tremi na base.

Logo, na minha cabeça, surgiram sólidos preconceitos: jovens da escola pública escrevem mal, jovens não gostam de se concentrar, entre outros. No entanto, no primeiro dia da Oficina de Redatores, percebi que meus temores eram infundados.

Os jovens participantes da empreitada responderam a todos os desafios propostos. Na verdade, eles estavam ávidos para trabalhar. Ansiosos para expressar seus sentimentos em relação à escola, à saúde, à família e à segurança. Circunstâncias e instâncias estruturantes de seus cotidianos.

A Oficina de Redatores compreendeu vários encontros de dias inteiros. Todo mundo trabalhou duro para chegar aos textos finais, contemplados no presente livro.

Durante o percurso, aprendemos uns com os outros. Eles compreenderam que a matéria-prima de um texto, qualquer texto, é a palavra. Compreenderam que para expressar suas idéias e seus sentimentos de mundo é necessário articular frases. Por meu lado, comprovei que sempre aprendemos com as outras pessoas, independentemente das diferenças de saberes, idades, gênero e raça.

Dialogo – modo de comunicar, mais do que produto, é processo. É uma experiência que atesta que os jovens, desde que estimulados e motivados, podem expressar-se pelo texto.

Se essas moças e rapazes seguirem se exercitando, poderão se tornar proprietários da língua portuguesa. Cidadãos capazes de fazer do idioma espaço de reivindicação e criação.

Esta experiência pode ser perfeitamente replicada em ambientes variados: como a escola, projetos destinados a jovens, entre outros

A conclusão é que é preciso pouco para conseguir muito. Desde que neste pouco esteja a coragem de aventurar-se e o afeto entre quem ensina e quem aprende.

Fernanda Pompeu

Apresentação

Para contribuir com o fortalecimento de uma cultura de direitos humanos, DIALOGO - construindo relações democráticas entre jovens, suas famílias e seus interlocutores nas áreas de educação, saúde e segurança - se propôs a refletir acerca de relações; escutar vários segmentos e gerações; levantar desafios, interesses e sugestões. Enfim, construir conhecimentos e trilhar novos percursos.

A inspiração veio da necessidade de se aproximar dos jovens, das queixas de comportamentos violentos, do temor de conflitos, da certeza de que é preciso conhecer, aprofundar e garantir os direitos de adolescentes e jovens, entre eles, o acesso a serviços públicos adequados e de boa qualidade.

Se a experiência de trabalho com grupos juvenis e com profissionais de áreas sociais evidenciava relações complexas e, na maioria das vezes, pouco dialógicas, nossa aposta sempre foi no diálogo como ferramenta poderosa para a reelaboração de questões e vivências, a negociação entre jovens e adultos, a constituição de relações alterativas.

Era importante desconstruir estereótipos e imagens pré-fabricadas, problematizar preconceitos, compreender as diferenças entre autoridade e autoritarismo, perscrutar o outro, restabelecer (ou estabelecer) a sabedoria do diálogo, tentar entender as violências institucional, midiática, política, física, psicológica, doméstica. Entender para construir estratégias de paz.

Assim, de janeiro de 2004 a fevereiro de 2006, o Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário – IBEAC realizou ações de formação em direitos humanos e cidadania com jovens e adultos de várias regiões periféricas de São Paulo: Capão Redondo, Cidade Tiradentes, Jardim Ângela, Jardim São Luís, Grajaú, Guainazes e Raposo Tavares.

As ações incluíram grupos focais levantando percepções e vivências da e sobre a juventude; cursos de formação em direitos humanos sobre juventudes, direitos e responsabilidades; formas e espaços de organização; documentos e mecanismos de defesa de direitos; sexualidade, drogas, violências, trabalho, economia solidária. Também foram ministradas oficinas para constituição de “Espaços de Diálogo” objetivando planejar ações de inclusão de jovens e adultos em políticas públicas, por meio do rompimento de monólogos. Por fim, realização de seminários para partilha de conhecimentos e troca de experiências.

Esse processo culmina com a publicação Dialogo, Modo de Comunicar, experiência riquíssima de expressão e construção juvenil.

Ibeac

Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário

SUMÁRIO

MODO DE FAZER.....	10
EDITORIA FAMÍLIA.....	19
MURAL DA OFICINA.....	56
EDITORIA ESCOLA.....	58
EDITORIA SAÚDE.....	78
EDITORIA SEGURANÇA.....	94
PARA SABER MAIS	118
ILUSTRAÇÕES DA OFICINA	125



MODO DE FAZER

ANTES

A idéia inicial era boa. Tínhamos argumentos fortes para pensar em uma publicação “clássica”, com especialistas escrevendo sobre os jovens e suas questões com a escola, a segurança, a saúde e a família.

Não nos faltava experiência em sistematizar e editar informações valiosas. Certamente, contando com o acúmulo de conhecimentos da equipe do Programa de Formação de Direitos Humanos do Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário – Ibeac chegaríamos a um bom termo.

Portanto, avaliávamos, estávamos no caminho seguro. Mãos na massa. Fizemos reuniões de dia inteiro, elegemos textos para leituras, organizamos grupos focais com jovens de periferia e com profissionais de saúde, educação e segurança. Gravamos tudo o que eles disseram. Pedimos que avaliassem suas relações pessoais e institucionais.

Suas respostas, em geral, apresentaram relações difíceis, desafiantes e conflituosas. Fomos percebendo que na base das dificuldades estava a falta de diálogo. Havia o velho autoritarismo do mundo adulto, “onde manda quem pode e obedece quem tem juízo”.

Também, sem generalizar, nos demos conta de que projetos, programas, políticas gestadas nos gabinetes são postas em prática em cenários dinâmicos e, via de regra, muito mais complexos do que previam os desenhos originais.

Foi então que a pulga começou a rondar nossas orelhas. Pelo método de trabalho tradicional, ouviríamos os jovens, os adultos envolvidos, os pesquisadores e montaríamos uma publicação carregada de idéias e de boas intenções. Afinal, estudamos as questões, conhecemos as estatísticas, temos idéias próprias acerca do universo juvenil. Particularmente, temos familiaridade, devido ao trabalho do Ibeac, com grupos de jovens das periferias da cidade de São Paulo. Trabalho já de longa data e largos efeitos.

Quando tudo estava pronto para começar, a pulga se transformou em um gato que, generoso, decidiu nos ensinar como pular.

O pulo do gato

Fizemo-nos a seguinte pergunta: se no lugar de falar sobre os jovens e suas relações na escola, na família, com agentes de saúde e de segurança, criássemos condições para que os próprios jovens refletissem e escrevessem suas histórias e o que pensavam acerca desses universos? Pergunta comprida, a resposta seria maior ainda.

Em primeiro lugar, tínhamos um problema logístico. O Ibeac desenvolve projetos com grupos de jovens sediados em vários bairros periféricos de São Paulo. Quem conhece a cidade sabe o que isso significa em distância e horas de trânsito.

Decidimos que as reuniões com os jovens aconteceriam no próprio Ibeac, situado no bairro do Sumaré, a poucas quadras de uma estação de metrô. Também, como parte da logística, providenciaríamos almoço (no estilo das quentinhas), café da manhã para quando os participantes chegassem e lanche antes da turma enfrentar a maratona de volta para suas casas ou para suas escolas ou, ainda, para trabalhos noturnos.

Em segundo lugar, ainda não tínhamos certeza de que os jovens apreciariam a proposta de se tornarem redatores. Para tanto, eles precisavam passar por oficinas de capacitação. Em outras palavras, teriam que aceitar dias inteiros de leitura e de escrita.

Partimos para os contatos em rede e veio a melhor das notícias: eles toparam.

Quem são eles e elas

Aldo César Borges, 27 anos, Capão Redondo, Zona Sul, ensino médio completo¹.

Aline Rosa dos Santos, 20 anos, Parque Cocaia, Zona Sul, ensino médio completo.

Anderson C. da Silva “Montanha”, 22 anos, Cidade Tiradentes, Zona Leste, ensino médio completo.

Andressa Cristina Queiroz Santos, 18 anos, Grajaú, Zona Sul, ensino médio completo.

Antônio Marcos de França Sousa, 19 anos, Cidade Tiradentes, ensino médio completo.

Chirles Araújo Ribeiro, 29 anos, Capão Redondo, Zona Sul, ensino médio completo.

Deraldo Batista da Conceição Júnior, 20 anos, São Mateus, Zona Leste, ensino médio completo.

Eliane Vieira da Silva, 18 anos, Grajaú, Zona Sul, ensino médio completo.

Eric Martins de Souza, 17 anos, Cidade Tiradentes, Zona Leste, 3ª série do ensino médio.

Fabiano P. Ferro, 17 anos, Raposo Tavares, Zona Oeste, 3ª série do ensino médio.

Fábio da Silva Nogueira, 16 anos, Parque do Otero, Zona Sul, 1ª série do ensino médio.

Ireldo Alves da Silva, 24 anos, Guaianases, Zona Leste, ensino médio completo.

Janiele Camargo, 15 anos, Jardim São Luís, Zona Sul, 1ª série do ensino médio.

Janilma Nunes da Silva, 16 anos, Jardim João XXIII, Zona Oeste, 2ª série do ensino médio.

Jaqueline B. de Almeida, 16 anos, Jardim Lídia, Zona Leste, 1ª série do ensino médio.

Jean Karlo Oliveira de Souza, 28 anos, Cidade Tiradentes, Zona Leste, superior incompleto.

Karen Camila dos Santos, 17 anos, Raposo Tavares, Zona Oeste, 2ª série do ensino médio.

Kelly Roberta Afonso Costa, 24 anos, Cidade Tiradentes, Zona Leste, vestibulanda.

Laniela de Jesus Feitosa, 20 anos, Jardim São Savério, Zona Sul, vestibulanda.

Leda Messias Alves, 23 anos, Guaianases, Zona Leste, curso técnico de auxiliar de enfermagem.

Leide Ana Camargo, 21 anos, Jardim São Luís, Zona Sul, 1ª série do ensino médio.

Lígia Sabino da Costa Melo, 16 anos, Jardim João XXIII, Zona Oeste, 1ª série do ensino médio.

Natali Cabral dos Santos, 17 anos, Cidade Tiradentes, Zona Leste, 3ª série do ensino médio.

Sara Henrique de Oliveira, 16 anos, Cidade Tiradentes, Zona Leste, 2ª série do ensino médio.

Silvana Cabral dos Santos, 16 anos, Cidade Tiradentes, Zona Leste, 2ª série do ensino médio.

Silvana Melo da Silva, 20 anos, Jardim São Luís, Zona Sul, ensino médio completo.

Simone Daniela de Santana Camargo, 25 anos, Capão Redondo, Zona Sul, ensino médio completo.

Talita Pereira Lopes, 18 anos, Jardim Gaivota, Zona Sul, ensino médio completo.

Terezinha de Oliveira Coutinho, 25 anos, Guaianases, Zona Leste, ensino médio completo.

Vanessa Sampaio Rodrigues, 18 anos, Capão Redondo, Zona Sul, vestibulanda.

Wilq Vicente dos Santos, 21 anos, Jardim Ângela, Zona Sul, ensino médio completo.

¹ idades e escolaridades correspondentes ao ano de 2005.

DURANTE

A Oficina de Redatores foi distribuída em vários encontros de dia inteiro. Esta foi a filosofia dos trabalhos: “o sujeito do texto é aquele que escreve, e não aquele de quem se fala”. O objetivo: expressar, na língua padrão, vivências e opiniões acerca da escola, da família, da saúde e da segurança pública.

Os encontros foram estruturados em duas grandes partes: “Sensibilização para a escrita” e “Trabalho por editorias”.

A “Sensibilização para a escrita”, por meio de exercícios variados, buscou despertar o redator que existe dentro de cada um, encorajando-o para a expressão escrita. Proposta ousada, se consideramos a faixa etária dos participantes – os jovens, em geral, são afoitos na escrita – e a origem escolar – alunos provenientes do ensino público, ambiente que maximiza as regras gramaticais e minimiza a redação.

Também trabalhamos para vencer a “síndrome do papel em branco”. O medo de escrever “errado”, provocado, em primeiro lugar, pela exacerbada valorização da gramática – que em geral é ensinada de forma descontextualizada, ensinada como “língua dos outros”, e não como língua de todos nós – e, em segundo lugar, pela desqualificação dos textos dos estudantes feita por muitos educadores. “Quem você acha que é? Um Machado de Assis, uma Clarice Lispector?”

Os resultados da sensibilização para a escrita não tardaram. Os jovens redatores começaram a disparar suas canetas, os textos iam saindo com naturalidade e sem sofrimento. Aproximamo-nos, assim, da escrita com fruição.

Certamente, o tempo da Oficina de Redatores não teve a pretensão nem o objetivo de “enfiar goela abaixo” a gramática da língua portuguesa, assunto que, sabemos, é estudo para toda a vida. Mas conseguimos fazer um apanhado dos temas: ortografia, crase, concordâncias nominal e verbal. E o principal: conseguimos que eles se interessassem pela gramática e escrevessem com liberdade!

Escrever com liberdade, dentro da Oficina, significava não se preocupar com o “certo” e o “errado” gramaticais. O fundamental era plasmar uma frase, e outras depois, com o intuito de expressar sentimentos e ideais. Começamos com a escrita automática, à moda dos surrealistas. Seguimos para o lead jornalístico, que tenta responder as perguntas básicas: o quê? quem? como? por quê? onde? quando?. Aí, os jovens mostraram a rapidez com que aprendem. Estudadas de manhã, pela tarde todos já faziam aberturas de matérias com desenvoltura.

A primeira parte da Oficina de Redatores nos mostrou várias evidências, entre elas o quanto a escola formal subestima o potencial dos estudantes no quesito redação e o quanto, também, desperdiça a criatividade da garotada. Pois, em poucas horas de poucos dias, os participantes preenchiam a tábua rasa do papel em branco com letras que formavam palavras que formavam frases que formavam parágrafos que formavam textos que, enfim, comunicavam.

Trabalho por editorias

Na segunda parte da Oficina de Redatores, nos dedicamos a estruturar os trabalhos dirigidos para a publicação propriamente dita. A turma foi dividida em quatro editorias: Saúde, Escola, Segurança, Família. Propusemos sortear os participantes das quatro editorias, para favorecer o entrosamento entre os jovens das diferentes regiões. A proposta foi aceita e, em quinze minutos, as editorias estavam formadas.

A organização interna – como seriam divididas as tarefas, como seriam desenhados os textos – ficou por conta dos jovens. Demos um empurrãozinho nas pautas, mas, no fundo, eles trilharam os caminhos que quiseram.

Dificuldades concretas surgiram: poucos tinham acesso fácil à internet para a troca de idéias e textos; integrantes da mesma editoria moravam em pontos extremos da cidade e ninguém, rigorosamente, tinha dinheiro para custear os deslocamentos.

Fosse um grupo de jovens da classe média, o cronograma seria, talvez, mais célere. De outro lado, como acontece nas redações de vestibular, teríamos jovens falando de “outros jovens”. Certamente, soprando caminhos aprendidos pela leitura de jornais, livros e pelo discurso dos pais. No nosso caso, tínhamos jovens pensando relações em primeira mão. Pensando a escola precária, sendo estudantes dela. Pensando a segurança pública, tendo testemunhado ou mesmo vivido abusos. Pensando a saúde, sendo usuários, ou mesmo agentes, de unidades ou equipamentos de saúde na periferia. Pensando a família e, principalmente, pensando a si próprios.

Outra vivência fundamental, na experiência de trabalhos por editorias, foi a de dividir conhecimentos. Também ler o próprio texto em voz alta, ouvir críticas, criticar com argumentos.

Temos clareza de que a Oficina não formou redatores profissionais, nem era esse seu objetivo. O que fizemos foi ajudar os jovens participantes a se apropriarem da ferramenta-língua e, por meio dela, ocuparem novos espaços e se expressarem. Mais ainda, descobrimos juntos que existem caminhos.

DEPOIS

Concluída a Oficina de Redatores, passamos a editar o material produzido pelos jovens. Também refletimos acerca das avaliações que eles escreveram sobre o processo.

Os jovens redatores avaliaram a Oficina em vários momentos. Doze deles optaram pela avaliação escrita. Abaixo, partilhamos algumas delas com vocês:

ANDRESSA CRISTINA QUEIROZ SANTOS

Antes de participar da Oficina de Redatores, eu não dava tanta importância aos detalhes. Agora os detalhes da língua são fundamentais, tanto na leitura quanto na escrita.

Paralelamente aos exercícios de redação, foi bastante importante perceber que existem diferenças nas opiniões, nos gestos, na maneira de ser das pessoas. Isso não é ruim. Acho que aprendi a ouvir mais e a esperar o momento certo de falar.

Minha crítica: senti falta de textos mais individuais. Os desafios foram em grupo.

ANTÔNIO MARCOS DE FRANÇA SOUSA

A Oficina de Redatores me ajudou a viver melhor em sociedade. Tive contato com pessoas de diferentes regiões da cidade de São Paulo. Foi bom fazer amizades e abrir os ouvidos para os outros.

Creio que estou lendo e escrevendo melhor do que antes.

CHIRLES ARAÚJO RIBEIRO

Melhorei meu português. A Oficina foi prazerosa de fazer. Abriu minha mente para novos horizontes, despertou minha curiosidade para a leitura. Aprendi a trabalhar em equipe, a ouvir meus colegas e a esperar para ser ouvida.

Gostei de ler várias vezes o que eu mesma escrevi. Entendi que é assim que a gente melhora o próprio texto. Espero que meus escritos enriqueçam esta publicação.

ELIANE VIEIRA DA SILVA

Aprendi a conviver com as diferenças das pessoas, a respeitar a diversidade das opiniões do outro. Aprendi que todos têm seu espaço, sua individualidade, mas também podem ser um grupo, uma equipe, se ajudando, conversando, discutindo o que estava bom, o que fazer para melhorar.

Também descobri que sou capaz de colocar minhas idéias no papel. Capaz de situar as coisas, cortar textos, discutir a essência de um texto, relembrar gramática. O melhor foi descobrir jeitos novos e maneiras diferentes de escrita.

Sempre gostei de ler e escrever. A Oficina de Redatores aprimorou isso. Senti estímulo para abrir as portas da mente e do coração, pegar caneta e papel e deixar fluir. Um dos meus melhores textos eu fiz aqui.

FÁBIO DA SILVA NOGUEIRA

Aprendi várias coisas, como escrever um texto coerente, fazer uma pontuação correta. Sinto que melhorei minha escrita e, hoje, escrevo com mais coerência.

Gostei muito quando tínhamos que ler nossos textos e enxergávamos nossos erros e os dos outros. Também quando enxergávamos os acertos. Foram prazerosas as atividades de redigir um texto ouvindo música, ou depois de uma caminhada pela praça.

Enfim, tive a oportunidade de exercitar a escrita, talvez o meu maior poder e a maior arma do povo.

IRELDO ALVES DA SILVA

Primeiro, aprendi que posso escrever mesmo com minhas limitações.

Quando eu cheguei à Oficina, pensei que ia escrever um livro qualquer, desses que você compra e deixa num canto, ou como enfeite na estante.

Com o processo, aprendi que posso escrever e que um livro pode ser uma viagem para lugares desconhecidos. Com a escrita, eu posso viajar e fazer alguém viajar comigo.

JEAN KARLO OLIVEIRA DE SOUZA

O legal foi gostar mais da língua portuguesa e ver o quanto é preciosa a escrita para a expressão e para os registros. Foi muito bom refletir sobre determinados temas e, algumas vezes, provocar o grupo e dar sugestões.

Confirmei a importância de ouvir as diferentes pessoas, suas histórias de vida, e de conviver com a diversidade cultural. Durante a Oficina de Redatores, em vários momentos, algumas coisas ficaram bem dentro de minha cabeça. São informações que servirão para a vida toda, inclusive para minha vida acadêmica.

Foi um processo inovador, no qual os jovens participantes tiveram autonomia para pensar, pesquisar e escrever. Foi realmente um processo de construção coletiva.

Tenho uma crítica: em uma próxima Oficina, realizar alguns exercícios ao ar livre. Ficamos muito confinados à sala.

KELLY ROBERTA AFONSO COSTA

A primeira coisa que aprendi na Oficina de Redatores foi ver o português dos brasileiros como o meu português, como a minha língua. Gostei, também, da divisão por editorias. Pude ser eu mesma, não precisei me esconder nem brigar para expor minhas idéias.

Outro ganho foi que voltei a gostar de ler e de escrever. Agora, eu consigo me expressar com palavras e interpretar textos com outra visão. Também comecei a pensar que todos temos que aprender com as diferenças.

LANIELA DE JESUS FEITOSA

O que posso destacar foi que aprendi a ouvir. Passamos dias inteiros dentro de uma sala ouvindo uns aos outros. Durante a Oficina de Redatores, além de exercitar a paciência, vi que sou capaz de fazer várias tarefas ao mês.

Vi também que todos nós temos problemas com a escrita, todos temos dificuldades com a gramática, porém isso não deve ser um motivo para não escrever. Aprendemos que é escrevendo que se escreve.

LÍGIA SABINO DA COSTA MELO

Quando a Oficina começou, eu não sabia o momento certo de colocar os pontos e as vírgulas; agora eu sei um pouco mais. Para o futuro, quero escrever corretamente. Quero colocar minhas idéias em prática, entender mais as coisas e pensar melhor.

Valeu muito, também, ter feito amizades, ouvir as pessoas e mostrar o quanto sou inteligente. Foi uma oficina muito legal, extrovertida, alegre, diferente.

SIMONE DANIELA DE SANTANA CAMARGO

O melhor foi o trabalho em grupo e o saber ouvir. Descobri que toda opinião é importante. Agora eu gosto mais de ler; antes eu só “gostava” de ler revista de fofoca. Aprendi a dar mais atenção a outros tipos de textos. Fiquei mais seletiva.

Finalmente, eu diria que uma oficina de redação não ensina apenas a escrever melhor; ensina a ler com qualidade, trabalhar em conjunto e ouvir melhor.

WILQ VICENTE DOS SANTOS

Aprendi não só a ouvir o outro. Aprendi a aprender com as idéias alheias. Também presto mais atenção quando leio e quando escrevo. Acho que o meu texto melhorou.

De negativo: achei o tempo da Oficina de Redatores curto.

O FINAL QUE É TAMBÉM COMEÇO

A publicação Dialogo, modo de comunicar é o resultado tangível da experiência na Oficina de Redatores. Nas páginas a seguir, divididas por editorias, estão os textos dos jovens redatores, acompanhados dos nossos comentários acerca do processo.

É evidente que entre o registrado e o vivido há muito do que as palavras nunca alcançam. Por exemplo, o brilho nos olhos do participante quando lia em voz alta seu próprio texto. Ou o nosso entusiasmo ao constatar que a proposta de entregar papel e caneta para eles valeu a pena.

O valer a pena extrapola a publicação em si. Ela é o produto da Oficina de Redatores e, também, um caminho aberto para que essas garotas e esses garotos possam seguir na trilha de outras realizações.



EDITORIA FAMÍLIA

Os textos a seguir resultaram das conversações em torno da família. Os participantes foram estimulados a pôr no papel sentimentos, pensamentos, valores e alternativas da vida familiar. Também foram encorajados a pensar e a escrever livremente, tendo como ponto de partida e de chegada suas percepções e experiências familiares.

Nenhum tema foi imposto. Nenhuma forma de texto foi predeterminada. Elas e eles tiveram a oportunidade de se expressar com franqueza. No transcorrer das oficinas, todos os trabalhos foram lidos e discutidos em conjunto. A palavra final quanto a mudar ou não um texto coube a cada autor.

Os textos produzidos pincelam questões de gênero, maternidade, saída da casa, drogas, ausência e presença de diálogo dentro das famílias.

Quanto à forma, houve quem fez versos, diálogos, dissertações, cartas.

Dormindo com o inimigo trabalha um dos temas mais sensíveis relacionados com famílias: a violência doméstica. Particularmente, a violência doméstica contra as mulheres, assunto difícil de ser expresso, uma vez que nosso “caldo cultural” a legitima por baixo do pano.

Pesquisa feita pela Fundação Perseu Abramo, em 2001, revela que uma em cada cinco brasileiras declarou ter sofrido algum tipo de violência por parte de um homem, sendo que o principal agressor é o parceiro (namorado, marido), incluindo os ex-parceiros. Uma outra pesquisa, realizada em 2003 pelos institutos Noos e Promundo, revela que 51% dos homens entrevistados declararam ter usado algum tipo de violência contra suas parceiras. Desses, 25% relataram emprego de violência física.

Para escrever o texto, Silvana Melo fez pesquisas na internet, conversou com uma amiga agredida pelo parceiro e, para a redação final, buscou e encontrou a colaboração de Roberto Castro, seu professor.

Vale ressaltar a “impessoalidade” no tom do texto, dando-nos a pista, talvez, do quanto é difícil falar da violência doméstica a partir de experiências próprias ou vividas por pessoas próximas.

Dormindo com o inimigo

Por Silvana Melo, com colaboração de Roberto Castro

A violência doméstica é um dos flagelos que atingem famílias inteiras. Uma das formas de combatê-la é romper o silêncio em torno dela.

Será que podemos usar o título acima para falar sobre violência doméstica? Sim e não. Sim, se pensarmos que inimigos são aqueles que nos causam algum tipo de mal. Não, se pensarmos que inimigos são pessoas pelas quais não nutrimos o mínimo afeto. A violência doméstica invariavelmente caminha – ou se equilibra – entre esses dois extremos: a agressão e o afeto.

Essa contradição já demonstra o quanto é delicada essa “modalidade” de violência. Ela também apresenta peculiaridades: é camuflada, dissimulada, covarde e acontece, quase sempre, na privacidade do lar. E mesmo quando se torna mais explícita, ainda há barreiras culturais ou egoístas do tipo: “Em briga de marido e mulher, não se mete a colher” ou “Cada um que cuide de sua vida”.

Enfim, tem sido um grande desafio buscar soluções de erradicação ou que atenuem a violência doméstica. Talvez um bom primeiro passo seja justamente compreendê-la. Vamos falar sobre alguns fatores que compõem esse tipo de violência:

- Quem sofre? Geralmente mulheres, crianças, adolescentes e idosos, ou seja, “os mais vulneráveis”, independentemente de classe social, religião, nacionalidade ou etnia, o que demonstra o caráter “universal” da violência doméstica.
- É um problema grave. Segundo o Ministério da Saúde, estima-se que, no Brasil, haja 18 mil agressões por dia, sem contar as não-notificadas.
- Qual o reflexo nas vítimas? As marcas não ficam só no corpo, pois as pessoas agredidas acabam, quase sempre, apresentando baixa auto-estima, síndromes de revolta, rejeição, pânico e outras seqüelas.
- Quais os tipos de violência doméstica? Os tipos mais comuns vão desde o desrespeito ao papel de mulher ou de mãe, passando pelo desrespeito aos direitos de ser criança, adolescente ou idoso e chegando às violências física e psicológica, à violência sexual contra as parceiras e ao abuso sexual contra crianças e adolescentes.

Ou seja, o problema é muito grave e muitas vezes resulta em assassinatos.

É dever do Estado e da sociedade criar uma rede de proteção às vítimas, de apoio à família e de preservação dos direitos das crianças, jovens, mulheres e idosos. É preciso reforçar campanhas educativas, preventivas e de incentivo à denúncia, pois, mesmo quando os agressores são vítimas de tantos problemas sociais, eles acabam causando males ainda maiores a pessoas inocentes e indefesas.

A denúncia talvez seja uma das saídas para as vítimas, mas o Estado e a sociedade têm obrigações e desafios muito maiores: investigar e combater as causas desse problema.

Dois jovens escrevem para seus familiares. Os dois se envolveram com o uso de drogas. A reação de cada família – uma com intolerância, outra com diálogo – dá o tom das visões de mundo desses jovens.

A escolha do estilo epistolar favorece o “tom de confiança”. Mágoas e cobranças aparecem mescladas com expressões de afeto: “Você, mãe, é meu tudo, o pulsar do meu coração”. Vale atentar que Eliane Vieira da Silva pôs a declaração de amor na boca de um rapaz, comumente socializado para ser “duro”.

Na primeira carta, o pai não é poupado. Aparece como agressivo e ausente em momentos fundamentais para o filho. Na segunda carta, as relações afetivas com a família se mostram menos trágicas.

Duas cartas, dois destinos

por Eliane Vieira da Silva

Querida família,

Estou indo! Vocês devem estar se perguntando: “Como assim, indo?” O fato é que cheguei no meu limite. Não dá para resistir mais. Com essa decisão estou querendo me encontrar. Quem sabe encontrar a minha felicidade, longe daquilo que me aprisiona. Vocês sabem como detesto despedidas, mas não há como evitar.

Despeço-me de você, mãe, que é meu tudo, o pulsar do meu coração, o sangue das minhas veias. Você é também a razão de eu continuar vivendo. Obrigado pelo cuidado quando eu era pequeno, totalmente dependente de você. Obrigado pela minha infância, que sempre vou me esforçar para guardar na memória. Mãe, um milhão de desculpas por tudo. Pelas noites em claro, pelo estresse que causei. Também perdôo a senhora pelas vezes que nem sequer tentou me compreender. Perdôo sua raiva e seu nervosismo, que distorceram sua visão. Ainda me doem as ocasiões em que você deixou que eu presenciasse suas brigas, jogos e ofensas com o papai. Desculpo você pelas tantas vezes em que me fez acreditar que nada mais valia a pena e que os meus sonhos e necessidades eram impossíveis. Mãe, muitas vezes cheguei a duvidar do seu amor por mim.

Pai, vou seguir meu caminho longe da sua ignorância e agressividade. Também o perdôo por não acreditar em mim. Perdôo pelas ocasiões em que não pôde ou não quis estar presente, mesmo em momentos cruciais para mim. Tenho a sensação de que coisas importantes da minha vida nunca fizeram diferença para você. Rezei muitas vezes para que você tivesse um tempinho para mim. Não obtive nada.

Minha irmã, adoro você apesar das nossas brigas na infância e agora. Obrigado, maninha, pelo apoio e pela confiança que você sempre depositou em mim.

Brother, vou sentir saudades. Mas você entende, né? Nossa família está por um fio. Cuida dos meus cachorros e estuda. Moleque, você ainda vai ser meu advogado.

Vó, meu coração está apertado, mas tenho que dar esse tempo. Por favor, tome seus remédios direitinho. Não se preocupe, eu sei me cuidar. Não queria deixá-la nesse ambiente de malucos, mas, eu acho, será por pouco tempo. Obrigado por suas orações, por me levar à igreja aos domingos e me apresentar a Deus, à Virgem e ao menino Jesus. Quando tiver um filho vou colocar o nome do vovô, como homenagem não só a ele, como a você, já que vovô foi o grande amor da sua vida.

A todos, vou tentar apagar as mágoas e ressentimentos. O clima não está fácil aqui em casa. Sinto-me mal quando estou aqui. Então, alguma coisa está muito errada. Vou levando o que restou da gente, para um dia ter por onde recomeçar. Com o pai não há tempo nem diálogo, com a mãe não sei o que acontece.

Estou partindo para não perder vocês para sempre. Na minha mochila, além das minhas coisas, levo expectativas, otimismo, mudanças e sonhos. Levo comigo os tombos de infância, a escola, o futebol, os aniversários, os natais, as férias, as amizades. Também vou levar as palavras duras que ouvi, a rejeição, a ausência total de papai. A frustração de que não poderia mudar o mundo como o super-homem, no cinema, havia feito. Levo também a culpa, o arrependimento das más companhias.

Vou indo com essas coisas ruins, mas no momento certo vou colocar tudo dentro de uma bonita caixa com um belo laço e jogar no mar. Quando fizer isso, tudo ficará no passado.

Antes que me falte a oportunidade: família, estou limpo, estou saindo das drogas. Amo vocês.

O autor dessa carta morreu no dia seguinte. Pegou carona com um amigo alcoolizado, que bateu o carro contra um muro. Os dois tiveram morte instantânea.

Queridos familiares,

Depois de tantas atribulações, momentos difíceis de angústia, medo, inconformismo, vou viajar. Mas antes de ir para o meu destino, quero agradecer a Deus e a vocês, minha família. Obrigado por estarem ao meu lado nos momentos mais graves da minha vida, nos momentos em que mais precisei. Obrigado pelas palavras de otimismo e fé.

Obrigado também pelas broncas, sermões e pelos momentos maravilhosos que passamos juntos. Juntos percorremos caminhos amargos e também descobrimos o doce dos caminhos. Obrigado pelos sorrisos e abraços com ou sem motivo. Por terem aberto as janelas quando o quarto ainda estava escuro pela manhã. Muitas vezes, vocês não compreendiam o que estava acontecendo comigo, mas mesmo assim me amaram.

Obrigado, mãe, pai, irmãos por não desistirem de mim, por não me darem como um caso perdido. Obrigado principalmente pelo amor e pelo perdão que vocês me deram. Podem ter certeza de que nas horas em que me perdi nas drogas foram suas mãos que me encontraram e que me guiaram para longe da destruição e do puro suicídio em que me achava.

Por muitas vezes achei que não conseguiria, mas com a ajuda do amor de vocês consegui. O sabor da vitória é muito bom, principalmente, quando compartilhado com vocês, na benção do dia-a-dia.

Aproveito esta segunda chance: Deus me deu o pincel e a tinta, vocês me deram a força para colorir a minha vida, para não deixá-la em branco.

Hoje começo a fazer meus primeiros rabiscos coloridos. A gente driblou as pedras, pulou obstáculos, saltou problemas em cima de problemas, tudo isso de mãos dadas.

Vou experimentar o mundo lá fora.

Amo vocês e sentirei saudades.

Valeu!

O autor dessa carta viajou e voltou para a família mais forte e maduro.

Nesses diálogos ágeis, de Ireldo Alves da Silva, transparece a construção da masculinidade – entendida como a dominação dos garotos sobre as meninas. Aparece também a força do grupo nas escolhas e atitudes dos adolescentes e jovens. A relação dos adultos com os jovens e suas reações são significativas para entendermos a dinâmica de gênero, definindo-se gênero como a construção sociocultural do masculino e do feminino, como a socialização da masculinidade e da feminilidade dominantes.

Tiago, o herói do texto, é quase obrigado a agir conforme o figurino do machismo, passado de geração a geração.

Falando a mesma língua grande

Por Ireldo Alves da Silva

Ricardo e Tiago, depois de muito tempo sem se encontrarem, conversam:

Ricardo: Aí, firmeza! Como vão as coisas? Quais as novidades?

Tiago: Beleza, mano. E as minas?

Ricardo: Falando em mina, soube que você está namorando. Nem fala pros manos.

Tiago: Calma aí. Como é que você sabe do meu namoro?

Ricardo: As pessoas comentam. Depois, quem não conhece a Flávia?

Tiago: Espera aí. Você conhece a Flávia?

Ricardo: Eu estudei com ela, meu. Ela é firmeza. Não é qualquer uma, não! Além disso, é uma gatinha. Você tirou a sorte grande.

Tiago: Ela é legal!

Ricardo: Há quanto tempo vocês estão ficando?

Tiago: Uns dois meses.

Ricardo: Já rolou?

Tiago: O quê?

Ricardo: Você já comeu ela?

Tiago: Não.

Ricardo: Você é frouxo, mesmo. Tem que ir pra cama, cara. Senão, ela vai falar pra todas as minas que você não gosta, não curte. Tá ligado?

Tiago: Sério?

Ricardo: É batata. Se você não tentar, ela vai acabar arrumando outro. Eu não quero ver meu amigo com um chifre na cabeça.

Tiago: E você, o que faz? Transa com as minas?

Ricardo: Eu sou o “cara”. Tem várias minas na minha bota. Eu pego mesmo. Vacilou, eu pego mesmo!

Tiago: Caramba, cara. Ouvindo assim, até dá para acreditar!

Ricardo: Pode zoar. Mas ouve a voz da experiência, mano. O problema é que você não sabe o que passa na cabeça das mulheres.

Tiago: Ah...

Ricardo: Pois é, o Adriano não escutou o que eu disse, que tinha que chegar chegando. Você viu o que deu?

Tiago: Aquele Adriano de quem as minas vivem falando?

Ricardo: Não gosto nem de dizer essa palavra. Bate na madeira. Na hora H, o Adriano broxou. As minas comentaram pelo bairro inteiro. Imagina se rola isso com você, meu!

Tiago: A Flávia não faria isso.

Ricardo: Já vi que você não conhece mesmo as mulheres. Elas falam de tudo. Por que vão sempre em duas no banheiro? Por que sempre querem dormir na casa da melhor amiga?

Tiago: Mas e daí? Elas podem falar de qualquer coisa...

Ricardo: Quando nós, os caras, nos encontramos, falamos do quê?

Tiago: De mulher!

Ricardo: E as minas vão falar de quem? É óbvio que é da gente!

Tiago: Não sei, não.

Ricardo: Você é cabeça dura.

Tiago: Falou, cara. Estou indo, a Flávia está me esperando.

Ricardo: Valeu. Pense no que eu falei.

Tiago ficou em dúvida se falava ou não com a Flávia acerca da conversa com o Ricardo. Pensou... pensou... No outro dia, reencontrou o amigo Ricardo.

Ricardo: E aí, meu irmão, pensou no que eu falei?

Tiago: Pensei. Eu e a Flávia decidimos que vamos transar.

Ricardo: É isso, véio. Vai lá e mostra direitinho como é que se faz.

Tiago: Lá vem você pôr pilha novamente.

Ricardo: Mas é isso mesmo que acontece, cara.

Tiago: Ah, estou saindo fora.

Ricardo: Já vai? Boa sorte e não esquece de me contar os detalhes.

Tiago: Não vai abrir esse bocão para os caras, tá ligado?

Ricardo: Eu? Minha boca é um túmulo.

Não demorou três dias e o boato se espalhou pelo bairro.

Flávia: Que negócio é esse, Tiago? Quer dizer que nós estamos transando?!

Tiago: Calma, Flávia. Eu disse isso para nos proteger.

Flávia: O safado nem desmente. Eu vou ficar malfalada. Se chega no ouvido do meu pai e da minha mãe, nós dois estamos fritos. Quer saber? Você é um egoísta!

Tiago: Puxa vida. Foi mal. Mas, olha só, imagine se você falasse para as suas amigas que eu sou broxa... Ia ficar horrível para mim.

Flávia: E para mim? Daqui a pouco vão dizer que estou grávida. E a gente nem transou...

Tiago: Me desculpe, Flávia.

Flávia: Olha, isso é falta de diálogo entre a gente. Da próxima vez, combina comigo antes, tá?

Tiago: Minha besteira foi falar para o Ricardo. Eu confiei nele.

Flávia: O Ricardo? Ah, deixa ele para lá. Ele tem a boca grande e peixe morre pela boca.

Marcos, pai de Tiago, ao saber do falatório, resolve ter uma conversinha com o filho.

Marcos: É isso aí, meu filho. Você puxou ao seu pai aqui, né?

Tiago: O quê, pai?

Marcos: Filhão, não precisa me contar os detalhes. Estou muito orgulhoso de você. Tome aqui cinquenta reais para você sair com a sua gatinha.

Tiago: Obrigado, pai. Valeu!

Marcos: Se precisar de alguma coisa é só falar. Você é meu herdeiro, moleque.

Feliz com os cinquenta reais, Tiago foi para a casa de Flávia. Ao chegar, encontrou a garota chorando e, o pior, deu de cara com o pai dela, Carlão, um homem truculento, temido em todo o bairro.

Carlão: Taí o sem-vergonha. Vem cá, moleque. O que você fez com a minha filha?

Tiago: Eu não fiz nada.

Carlão: Então o que eu ouvi é mentira? Tá me chamando de mentiroso?

Tiago: Não, seu Carlos. É que as vizinhas falam muito da vida alheia. Eu respeito muito a Flávia.

Carlão: Eu não tenho provas de que você e a Flávia fizeram coisa errada. Mas, a partir de hoje, vocês só se encontrarão aqui em casa, e quando eu ou a mãe dela estivermos. Entendeu?

Tiago: Tudo bem, seu Carlão. Tchau, Flávia. A gente conversa depois.

Tiago percebeu que ser homem não é transar a qualquer preço. Não é falar alto ou bater em quem estiver na frente. Também ficou contente de ter conversado de igual para igual com o temido pai da Flávia. Já era um bom começo.

Ireldo Alves da Silva nos presenteia com uma crônica, na qual aparecem momentos da infância, o primeiro trabalho, o primeiro beijo. Também o conflito com os pais. A solidariedade entre irmãos (os jovens se entendem entre si). A renovação das relações. Prestando atenção nas entrelinhas, vemos emergir a juventude como fase de incertezas e indefinições, de sonhos e ousadias. A bela época de sair de casa e atirar-se ao mundo. Por fim, muito delicada, a relação entre os irmãos.

Mudanças

Por Ireldo Alves da Silva

Eu tenho 25 anos e parece difícil analisar minha vida. Vivi algumas coisas legais e outras nem tanto, mas a experiência adquirida me ajuda muito a entender o mundo. Lembro-me das tantas e tantas vezes que fui zoadado na escola, era até meio cruel enfrentar os meus colegas de sala.

Imagina só: minha mãe, nordestina e superprotetora; aliás, onde eu passei a infância é difícil uma pessoa não ter raízes nordestinas. Meus pais nasceram e se criaram no Nordeste, onde viveram várias dificuldades, e eles faziam questão de que soubéssemos. Lá pra cima tem aqueles nomes estranhos de cidades. Um amigo meu nasceu numa cidade dessas, acabou ficando com o apelido da cidade, “Mucugê”, veja só!

Minha mãe me levava e me trazia da escola, credo! Quando eu perguntava o porquê, ela respondia: “Não é porque não confio em você. Não confio é nos outros!”

Aquilo parecia não ter saída, mas quando fui estudar à noite, aí sim, ela me deixava ir e vir da escola sozinho, mas mesmo assim eu surpreendia meu pai atrás de um poste, vendo eu chegar.

Eu não fiz o prezinho porque minha mãe achava que eu ia ficar muito arteiro em casa. Então, comecei na primeira série muito inseguro. Como não brincava na rua, eu e minha irmã brincávamos muito juntos. Isso criou vários laços entre nós.

Um dia, meu pai comprou uma caixa de isopor, me levou pra feira e disse: “Olha, moleque, aprende a se virar aí! Toma a caixa! Tem sorvete dentro, vai vendendo”. Ele foi embora e eu fiquei. Estava nervoso, mas até gostei da idéia, e no fim do dia já tinha ganhado um dinheirinho. Meu pai gostou porque eu estava me virando sozinho, e eu fui levando. Acho que tinha uns treze anos, e esse foi o meu primeiro “emprego”, meio aos trancos e barrancos.

Depois da feira, fui trabalhar no Parque do Carmo, porque lá tinha uns shows e ia muita gente. Só parei quando tinha dezesseis porque o rapa pegou toda a minha mercadotria. Putz! Aquele dia foi revoltante. Eles tomaram todos os sorvetes na minha frente.

Essas experiências me deixaram mais seguro e foi um pouco mais fácil passar pelos dilemas da adolescência. Mesmo com a marcação cerrada da minha mãe, consegui dar o meu primeiro beijo. Não consigo lembrar dos detalhes, só lembro que saímos uma aula mais cedo e que rolou. Como eu tremia! Deve ser por isso que não lembro direito.

Passei pela famosa fase do Exército. Ganhava um dinheirinho fazendo alguns trabalhos escolares para os outros. Também fazia um curso profissionalizante.

Nessa época, comecei a ir para as minhas baladinhas e a beber, mas tinha muita responsabilidade e medo, por isso nunca usei drogas. Também passei a frequentar um grupo de jovens. Lá aprendi várias coisas, como ver o mundo de uma maneira diferente, e, principalmente, passei a compreender o que os Estados Unidos fizeram e fazem com a gente.

Aos dezenove anos, arrumei um emprego de office-boy. Não tinha nada a ver com o curso que eu fiz, mas estava valendo. Foi muito legal conhecer a cidade e o que as pessoas fazem em meio a roubos e à correria de São Paulo. Cidade que nos ensina a não confiar em ninguém.

Depois de dois anos fiquei desempregado. Quantas e quantas vezes ouvia discursos do meu pai dizendo que eu era um vagabundo.. Minha irmã já trabalhava. Ela é dois anos mais velha do que eu. Meus pais não deixavam ela sair, a desculpa era porque ela era mulher.

A situação em casa foi ficando cada vez mais difícil. Eu comecei a sair com minha irmã, meu pai odiava a idéia, pensava que eu queria tirar a “autoridade” dele dentro de casa. Brigávamos direto, todo final de semana, o clima era insuportável.

Um belo dia, ele não deixou a minha irmã sair comigo. Eu questionei e ele quis me bater. Saí de casa, sem dinheiro e sem emprego. Fui para a casa de amigos e a minha irmã tomou a mesma atitude. Daí, nós dois juntamos um dinheirinho e agora estamos pagando o nosso apê.

O relacionamento com nossos pais melhorou, apesar de minha mãe ainda perguntar: “Vocês estão comendo só isso”?

Vivemos juntos, eu e minha irmã, e o legal é que estamos aprendendo a nos virar e a dividir as tarefas domésticas.

Família é estrutura fundante para o ser humano. A falta de diálogo é um erro fatal para as relações, sendo o diálogo percebido mais como ausência do que como presença. Famílias com constituição diferente das tradicionais andam pintando por aí. Eliane Vieira da Silva demonstra, nesse texto, a boa observadora que é.

Não-diálogos: efeito colateral na alma

por Eliane Vieira da Silva

Neste momento muitas famílias se encontram em abismos, nos quais não existe o significado do lar, dos laços de amizade e do amor. Muitas famílias estão se perdendo no individualismo e na negligência. A falta de diálogo impede o reconhecimento de que “todos precisam de todos”.

As famílias que andam se aprisionando nos não-diálogos se esquecem que para um bom relacionamento familiar é fundamental que haja diálogo. Afinal, uma boa conversa desarma o espírito, liberta as emoções e os sentidos para a compreensão e o entendimento que constroem as personalidades.

O diálogo ainda é o melhor remédio para os relacionamentos humanos. Nele está a oportunidade, a conquista de realização de um mundo melhor. O ponto de partida de tudo que construímos começa dentro de casa. O diálogo nas famílias tem o poder de ampliar as visões e os afetos.

O diálogo pode evitar, muitas vezes, que um familiar entre para as estatísticas de drogados, alcoólatras, agressores. Ele pode não ser um fator decisivo, afinal existe o caráter de cada um, mas contribui muito.

Ainda existem famílias conservadoras, para as quais alguns assuntos são tabus, como sexo, drogas, preconceito. Famílias que insistem em papéis antigos e rígidos – o que acaba dificultado a comunicação e erguendo, em vez de pontes, muros entre os seus. Esses antigos padrões têm que ser revistos com flexibilidade e sensibilidade.

Também cresce o número de famílias constituídas por pais separados, por filhos de outros casamentos, por casais de homossexuais (gays, lésbicas). O que não deve ser um problema, ou mais um preconceito, se houver uma boa tolerância e respeito pelas diferenças. Há também muitos jovens que encontram o sentido de família nos amigos, nos parentes dos amigos.

A vida perde o sentido quando voltamos para casa com o coração cheio de amarguras e não encontramos apoio, segurança, ou um ouvinte para nossas experiências. A família é a estrutura de todo ser humano.

Que as famílias que se perderam se encontrem num bom diálogo e revejam o que tem atrapalhado o bom relacionamento familiar. Porque o amor constrói, reconstrói, rompe barreiras. Como é bom ter família!

Faz toda a diferença ouvir frases como: “Eu gosto de você, vamos conversar?”, “Você é importante para mim e para nossa família”, “Amamos você em qualquer circunstância e apesar de tudo”.

As perguntas são muitas. As respostas é que são elas... Nesse texto, em forma de poema, o autor traz o lado dos pais e, junto, os dilemas da educação. Quem educa/deseduca mais: a família? O mundo? A televisão? Aqui, o cronista Ireldo dá a vez ao poeta.

Sem manual de instrução

por Ireldo Alves da Silva

A primeira experiência em sociedade
Mistura loucura e sobriedade
Egoísmo e solidariedade
Repressão e liberdade

Como ver crescer a criação?
Como ter inspiração?
Se soltar demais vira ladrão
Se prender demais vira bobão
Se bater demais fica revoltado
Se não bater? Que limite será usado?

Essas crianças não vêm com manual de instrução
Esses adultos, às vezes, não sabem quem são
E aí vamos todos pra frente da televisão
Parece que esse é o sinal da salvação
Ou o início da nossa perdição
Meu Deus, meu Deus, pra onde correr então.

Se amo demais sufoco
Se não gosto rejeição provoco
Qual a dose certa?

O amor, o carinho são fundamentais para a família
São os fios que deixam a teia unida
Mas meu pai me disse com uma dor bem lá no fundo:
“Os filhos são feitos pro mundo”.

Sonhar faz bem para todas as idades. No entanto, para os jovens, o sonho é vitamina que irriga o seu futuro. Ter uma profissão, fazer uma faculdade, ousar e criar. Porém, os sonhos não se materializam sozinhos. O jovem precisa lutar e ser apoiado pelos educadores e familiares para conquistar seus sonhos. No texto de Eliane, há a clara percepção entre os limites dos discursos e a eficácia das ações.

O vencedor é...

por Eliane Vieira da Silva

Numa noite, alguém perguntou dos meus sonhos. Fiquei por um tempo pensando. O alguém teve que ir e não ouviu minha resposta, mas antes me desejou sorte em meus caminhos e fidelidade nas minhas escolhas.

Então, pensei nos sonhos de quando eu era menina. Sonhei em ter uma boneca Barbie. Meus pais se esforçaram e me deram a Barbie. Depois, já no prezinho, sonhei em frequentar a primeira série; hoje terminei o ensino médio. Também sonhei em pegar a mão de um garoto que fazia meu coração sorrir. Por muito tempo caminhamos de mãos dadas. Meu pai também sonhou com a reforma da nossa casa, economizou e acabou realizando o sonho.

Naquela noite, resolvi pensar melhor na pergunta do alguém: “Qual o meu sonho?” Nesse momento, vieram à minha cabeça aqueles discursos dignos da ONU: “Acabar com a fome, com miséria no mundo, com a desigualdade entre os seres, com os preconceitos de raça, religião, classe social”, etc. Lembrei também de uma frase do Renato Russo: “Não adianta consertar o mundo, tem que consertar a gente”.

Daí comecei a enxergar a realidade das coisas. É claro que desejo tudo isso que a ONU deseja, só que não vale apenas desejar, é preciso agir. Mas qual a lógica de tentar fazer algo pelo mundo se eu não consigo manter um diálogo com minha família, aqueles mais próximos de mim? Assim é um sonhar sem perspectiva.

Pensando em tudo isso me decidi. Quando cheguei em casa estava apenas o meu pai, então o abracei e falei das minhas coisas. Ele ficou assustado, pasmo, mas vi as correntes se desfazerem e junto se quebrar o pacto de silêncio. Depois comecei a falar dos meus sentimentos com meu pai; mais tarde, dos meus sonhos.

Senti como se estivesse no tapete vermelho recebendo o Oscar, dedicando a estatueta aos familiares e aos amigos, e desejando paz ao mundo e falando que eu ainda acreditava em um mundo sem fome, corrupção e tantos outros males.

Naquele dia, me senti digna de querer sonhar com esse mundo. Depois daquela noite, eu e meu pai passamos a conversar, debater, manter uma relação. Claro que não foi fácil, nem rápido, mas eu tinha dado o primeiro passo.

É muito cômodo ver nos outros o grande empecilho, fazer dos outros os culpados pelos nossos erros. De nada adianta querer e desejar que o mundo seja mais compreensivo e justo e que as pessoas mantenham relações sadias se você não tenta mudar primeiro o seu mundo, perceber o que está errado nele e tentar consertá-lo. É preciso parar de esperar dos outros uma atitude, uma boa ação. A gente é quem deve tomar a iniciativa.

Discursos sem ações são como o endocrinologista obeso, o advogado que sabe mais ou menos as leis, o médico que fuma, o jovem que veste a camiseta “100% negro” e se declara para o Censo como “moreno escuro”.

Bom, jamais voltei a ver o alguém, mas senti que estava em dívida com ele. Como não sabia onde encontrá-lo, coloquei uma notinha no jornal que dizia mais ou menos, assim: “Sr. Alguém, sou a garota que o senhor ajudou numa noite, há alguns anos. Hoje sou uma mulher feita. O senhor me falou de sonhos e me desejou sorte. Acho que o senhor foi o meu grande amuleto todos esses anos. Naquele noite, aprendi o valor de ter sonhos e a responsabilidade de realizá-los. Bem, onde o senhor estiver, que Deus o abençoe. Obrigada”.

Um irmão e uma irmã ao telefone. No diálogo, escrito por Chirles, o rapaz está em apuros. Ela o questiona. O diálogo entre pares flui mais fácil. O texto também toca na questão do grupo, muitas vezes mais importante do que a família na tomada de decisões. O drama do uso de drogas está presente. Por último, vale notar que a irmã aparece como sendo bem mais responsável do que o irmão.

Topete

por Chirles Araújo Ribeiro

Shirley: Alô.

Alex: Shirley, sou eu!

Shirley: Alex? Você não tem jeito mesmo. Mais uma vez está enrascado!

Alex: Tipo assim, eu vou sair dessa como saí das outras. Eu sempre me saio bem.

Shirley: Sai bem para você, porque nós, seus parentes, ficamos sempre nessa preocupação. Aliás, desde pequeno você já dava trabalho, a mãe sempre dizia que você tinha problemas. Alex, você sempre teve o que quis e fazia o que queria. Sempre foi livre. Por que você quer ser o dono da verdade?

Alex: Mana, não sou dono da verdade, mas sei o que estou falando. A mãe sempre esteve perto de mim, como você e a Sheila. Vocês sempre resolveram minhas confusões!

Shirley: E as mentiras, Alex?

Alex: Vocês acreditaram nelas!

Shirley: E os roubos?

Alex: Vocês sabiam que eu tinha pego, então não é roubo.

Shirley: Mas essa forma de pegar escondido não é roubo?

Alex: Pra mim, não.

Shirley: Por que você chora depois que a poeira abaixa?

Alex: Não sei, deve ser porque me sinto mal pelo que fiz.

Shirley: Você está usando drogas ainda?

Alex: Só uso na balada.

Shirley: Você sabe que os seus problemas neste momento são causados pelas drogas?

Alex: Ô fia! Eu vou lá conversar com os manos e vai ficar tudo beleza.

Shirley: Alex! Eles disseram que querem sua cabeça, não dá esse desgosto pra mãe. Meu irmão, até quando você vai ficar se escondendo?

Alex: Eu não estou me escondendo, só estou dando um tempo fora do meu mapa.

Shirley: Olha! Daqui uns dias não só vai dar um tempo do mapa, mas estará fora dele para sempre.

Alex: Eu estou com saudades dos fedelhos!

Shirley: Você deve sentir saudades deles e de toda a liberdade que sua família te deu e que seus amigos, entre aspas, tiraram de você. Olha como você se encontra. Você está com uma gente que não te ama como nós te amamos, e com regras que nunca exigimos de você. Agora você tem hora para chegar, tem que pagar despesas...

Alex: Shirley, eu juro! A partir de hoje vou parar com as drogas. Foi delirando que quase matei alguém. Estraguei a festa da elite, os manos estão irados. Fui chamado de nóia e vacilão, fugi para sobreviver e dar uma chance para mim mesmo.

Shirley: Alex, Alex.

Alex: Mana! Eu sei que fui errado, estou com medo! Eu vou mudar, vou ser outra pessoa, eu prometo. Quero voltar pra casa, para o colo da mãe. Quero estar com vocês de novo, sinto falta de nossas brigas de irmãos, de chamar a atenção dos meus sobrinhos e de jogar videogame. Dá um beijo nas crianças!

Uma mulher engravida quatro vezes. Quatro vezes fica só. Sem recursos, sem apoio, chega a morar debaixo da ponte. Curioso que os pais das crianças sempre “somem”. Nesse terceiro texto de Chirles Araújo Oliveira, a personagem parece predestinada a cumprir uma sina de parideira. Na primeira gravidez ela tem apenas treze anos. Em nenhum momento se fala em métodos contraceptivos. Ficar grávida parece uma decorrência natural de cada romance. Vale ressaltar que Maria não se arrepende, em nenhum momento, de sua maternidade. Parece muito maior do que a questão de ter condições ou não de manter as crianças.

Uma história desafortunada

Por Chirles Araújo Ribeiro

Com treze anos, engravidei. Eu morava em Pernambuco com minha mãe. O pai da criança deu no pé. Quando minha filha Maria nasceu, resolvi mudar para São Paulo. Precisava trabalhar para sustentar a menina.

Logo que cheguei à casa dos meus parentes, conheci o João. Começamos a namorar. No dia em que fiz dezesseis anos, descobri que estava grávida da Andréia. Vivi com o João até ele começar a beber. Brigas intermináveis fizeram com que eu me separasse dele. Alguns meses depois de separada, descobri que estava grávida pela terceira vez. Quando o Lucas nasceu, mandei a Andréia, então com um ano e meio, morar com a minha mãe em Pernambuco. Mas Andréia não se deu bem com o clima do agreste e minha mãe devolveu, meses depois, a menina.

Daí fiquei sem emprego, sem casa e com três filhos pequenos. Sem alternativa, fui morar debaixo da ponte. Vivi de esmola nos semáforos. Algumas pessoas diziam que eu era nova, “você deveria trabalhar”. Também insistiam que o lugar dos meus filhos era na escola. Passei dias pensando. Mas quem aceitaria uma empregada sem endereço fixo? Continuamos debaixo da ponte.

Um certo dia apareceu uma mulher bem vestida. Ela quis saber se estávamos com fome. Fiquei desconfiada e não disse nada. No dia seguinte, ela voltou com leite e comida. Ela perguntou se eu não queria ir para um abrigo.

Fui. Achei muito assustador. Era gelado, parecia uma prisão. À noite, ouvíamos as pessoas gritarem. Quem entrava lá, não podia sair.

Uma assistente social propôs que o melhor seria eu me separar dos meus filhos e procurar trabalho. Não faria isso de forma alguma, jamais me separaria das minhas crias. Nessa mesma noite, dei um jeito e fugi com as crianças.

Procurei ajuda de uma tia. Ela me acolheu provisoriamente em sua casa. Mas, com ciúme do marido, que olhava de um jeito esquisito para mim, ela me botou na rua com os meninos.

A sorte é que uma vizinha da minha tia ficou com pena de mim e das crianças e me acolheu. Consegui trabalhar de diarista e as crianças finalmente foram para a escola. Estava tudo certinho.

Nessa época também comecei um relacionamento com Adão, irmão da dona da casa. Fomos viver juntos. Tudo correu bem por dois anos, até que o alcoolismo e os ciúmes doentios de Adão puseram uma pá de cal no nosso casamento.

Por fim, conheci Raimundo. Fui viver com ele. Quando tudo parecia nos trilhos, ele faleceu. Descobri que estava grávida pela quarta vez. No hospital, quando Raimundo Júnior nasceu, os médicos me operaram para não ter mais filhos.

Hoje, Maria, Andréia, Lucas e Júnior estão criados. Eu vivo feliz ao lado do Denivaldo, que nunca teve filhos.

O texto abaixo foi redigido especialmente para a Oficina de Redatores. A idéia foi criar uma base para as discussões em torno de famílias. Não há nele nenhuma pretensão de rigor acadêmico. Presta-se bem mais a um apanhando geral.

Famílias para todos os gostos

por Fernanda Pompeu
Coordenadora da Oficina de Redatores

A origem da família se confunde com o surgimento das primeiras comunidades humanas. Certamente eram famílias bem diferentes das famílias de hoje. Mas lá estava o embrião, até pelo fato óbvio de que “nascemos de uma mulher que necessariamente teve contato sexual com um homem”. Dito de uma forma científica, “nascemos porque um óvulo foi fecundado por um espermatozóide”. Claro que se passaram milhares de anos até a compreensão científica da procriação humana.

Daí, podemos pressupor que a figura da mãe sempre foi fundamental, enquanto a figura do pai foi sendo compreendida e construída mais lentamente. Alguns estudiosos inferem que, antes do patriarcado, deve ter existido o matriarcado, com a filiação sendo determinada – e reconhecida – pela linhagem materna.

O que sabemos ao certo é que, em determinado momento de difícil datação, surgiram o patriarcado (o poder do macho), a monogamia (um único cônjuge) e a propriedade privada (que para existir precisava do patriarcado, porque precisava da “certeza” da filiação e, portanto, do controle sobre a mulher).

É óbvio que estamos falando do Ocidente. Até hoje, no mundo, há culturas que legitimam a poligamia, mas como direito dos homens, e não das mulheres.

Por outro lado, podemos constatar que o patriarcado, com variações, reina em todas as culturas (nas minoritárias, nas hegemônicas). Por exemplo, a gente pouco ouve falar em uma chefe de tribo.

Verdade que o mundo tem girado rápido, e hoje já temos algumas mulheres chefes de Estado, a exemplo de Michelle Bachelet, no Chile, Angela Merkel, na Alemanha, e Ellen Johnson, na Libéria – todas recentemente eleitas pelo voto direto.

O PATRIARCADO

O exercício da cultura patriarcal supõe a sujeição e a submissão da mulher à vontade do homem – aquele que detém a palavra final.

No nosso país, até recentemente, em termos jurídicos, o homem era considerado o “cabeça do casal” e o “chefe da família” (esse privilégio caiu apenas em 2002, com as mudanças no Código Civil brasileiro). No mundo todo, por séculos a fio, as mulheres nem podiam ser proprietárias.

No patriarcado, as mulheres são vistas como coadjuvantes, acompanhantes, sombras. Obviamente, o patriarcado não se dá somente na vida privada; ele é apoiado e apóia a esfera pública. Está presente na divisão sexual do trabalho e nas instâncias de poder e de decisão. Por exemplo, o Brasil nunca teve uma presidenta da República. No topo das empresas são pouquíssimas as executivas mulheres.

Alguém pode argumentar que também nunca tivemos um presidente da República negro e temos pouquíssimos executivos negros, homens e mulheres, o que é verdade. Daí podemos pensar que o sistema patriarcal fere não só as mulheres, como fere outros segmentos politicamente menos poderosos. A razão é bem simples: para dominar, o patriarcado tem que discriminar o que é “diferente” dele.

É importante perceber que os efeitos do patriarcado não são teóricos nem distantes. Eles incidem sobre todos nós, homens e mulheres. E também incidem diretamente no modelo de família dominante.

A CONSTRUÇÃO DOS PAPÉIS

Toda família (a minha, a sua, a do vizinho) é uma instituição social. Isso significa que ela foi construída por fatores culturais, socioeconômicos, simbólicos, étnico-raciais, históricos. Uma instituição na qual os atores – mãe, pai, filhas, filhos, irmãs, irmãos, avós, avôs, netas, netos, tias, tios, primas, primos, cunhadas, cunhados, noras, genros, madrastas, padrastrós e outras e outros – desempenham papéis socialmente construídos.

Essa construção recebeu recentemente o nome de “construção de gênero”. De maneira bem resumida, a construção de gênero significa a construção da masculinidade (tornar-se homem) e da feminilidade (tornar-se mulher). Esse tornar-se quer dizer como iremos corresponder ao que esperam de nós. Como eu serei uma menina bem menina e como eu serei um menino bem menino.

A cada papel correspondem vários atributos. Para as meninas: obediência, paciência, cuidado, delicadeza, fragilidade, maternidade como destino. Para os meninos: ousadia, iniciativa, atividade, virilidade, paternidade como opção.

Agora, atenção: papéis construídos podem ser DESCONSTRUÍDOS. A gente pode DESAFINAR O CORO DOS CONTENTES. Num certo sentido, as mulheres, durante todo o século XX e ainda hoje, não pararam de fazer isso.

UMA MUDANÇA COM NOME DE MULHER

Afinal, no transcurso de apenas um século, as mulheres conseguiram o direito de votar e de serem votadas. No Brasil, conseguiram esse direito fundamental de cidadania, depois de muita luta, em 1932. A partir dos anos 1960, elas entraram em massa no mercado de trabalho formal. Vale lembrar que as mulheres negras e as brancas pobres sempre trabalharam dentro e fora de suas casas, mas, na maioria das vezes, na informalidade, isto é, sem carteira assinada e sem direitos. As mulheres também chegaram à universidade e, pouco a pouco, à política.

No entanto, apesar de todas essas vitórias, a situação das mulheres brasileiras ainda está longe de ser ideal. Se repararmos bem, as mulheres, com as exceções de praxe, seguem longe dos cargos de direção e das instâncias de decisão no mundo político e empresarial. A maior parte das trabalhadoras está na base da pirâmide socioeconômica e concentrada no setor de serviços com baixa qualificação. Mas essa é outra história.

Apesar dos avanços na esfera pública, dentro de casa as mulheres seguem com a dupla (ou será tripla?) jornada de trabalho! A maioria chega do trabalho e cuida do jantar do companheiro e dos filhos. Aos sábados e domingos, dedicam-se a cuidados domésticos: lavar a roupa acumulada da semana, fazer faxina etc.

Mas, seja como for, o caminho para a autonomia econômica e a participação ativa está definitivamente aberto e tudo indica que não se fechará.

O QUE ISTO TEM A VER?

A revolução das mulheres tem tudo a ver com a família contemporânea. Hoje, é comum que a mãe trabalhe fora e que a filha estude. É comum que a mulher assuma a “chefia” da família – segundo o censo de 2000 do IBGE, uma em cada quatro mulheres é chefe de família –, fenômeno que as mães negras conhecem muito bem.

Essa transformação do papel de mãe e de esposa modifica o desenho socioeconômico e mexe com as nossas afetividades. Pois a família, para além de uma instituição, também é a “nossa casa”, a “nossa origem”, as “nossas raízes”.

A família é um lugar de afetos e de proteções. Não obstante, existe o grande problema da violência doméstica, a violência que ocorre entre as quatro paredes. Violência que atinge em cheio as mulheres e as crianças. Essa violência, tão grave quanto a da rua, precisa ser encarada e discutida por todos nós, mulheres e homens.

É muito difícil construir um mundo com relações justas, se dentro de casa impera a política do “cala a boca, quem manda aqui sou eu”. Toda forma de violência é a negação do outro, a negação do diálogo.

Uma nova sociedade implica, também, novas relações familiares. De nada adianta ser justo na rua e injusto em casa. De nada serve reclamar da exploração do patrão e deixar que a mulher, além de trabalhar fora, faça todas as tarefas domésticas. Não dá para ser contra a exploração e ser explorador dentro de casa. De nada adianta exigir direitos políticos, econômicos e sociais na esfera pública e, na esfera privada, não respeitar os direitos (e os desejos) da namorada, da companheira de grupo e de trabalho, da parceira e dos filhos.

Uma atitude tem a ver com a outra. Um outro mundo só será possível com transformações sociais e dos comportamentos pessoais!

A família é, além de espaço afetivo, um lugar político por excelência. A família é o lugar no qual exercitamos a cidadania. Lugar onde compreendemos nossos direitos e compreendemos o direito dos outros.

E OS HOMENS?

As mulheres foram à luta. E os homens? Bem, eles têm que se mexer. Precisam rever seus conceitos e desenhar uma nova masculinidade, ou novas masculinidades. Mas o que seria essa nova masculinidade? Ainda não sabemos direito, mas temos algumas pistas.

Uma nova masculinidade significa um homem mais sensível às emoções. Por exemplo, chorar sem vergonha de chorar, falar de suas intimidades, não esconder a vaidade com o corpo, dividir responsabilidades e tarefas com suas namoradas e parceiras.

Uma nova masculinidade também tem a ver com uma nova paternidade. Pais que assumem, ao lado das mães, o cuidar das crianças e dos adolescentes –

o que inclui trocar fraldas, passear, brincar, levar e trazer da escola e conversar muito, mas muito mesmo, com os filhos e as filhas.

Muitos homens jovens (a maioria jovens de idade, alguns jovens de espírito) já começaram essa transformação. Cabe a eles contagiar outros homens.

Hoje já existem grupos organizados de homens interessados em repensar a masculinidade dominante. Grupos como Papai, no Recife, Noos, no Rio de Janeiro e Laço Branco, internacional, têm discutido a cultura da masculinidade, que, aliás, tem se mostrado bastante nefasta para os próprios homens. Sabemos que os homens jovens estão muito mais expostos a violências de rua (inclusive fatais) do que as mulheres jovens.

Uma coisa parece certa: discutir a construção das masculinidades passa por pensar a relação entre meninas e meninos, homens e mulheres e, de forma mais ampla, pela discussão e revisão das relações familiares.

Também sabemos que “onde há violência tudo mundo perde”. Apesar de focada nas mulheres e meninas, a violência doméstica também é praticada pelas mulheres em cima dos filhos, particularmente quando crianças. Esse quadro forma uma espiral de violência que pode e deve ser quebrada. Entre muitos caminhos, há o de “desnaturalizar” a violência doméstica. Encará-la com a mesma gravidade com que encaramos a violência de rua.

OUTRAS COMBINAÇÕES

O século XXI promete emoções no capítulo “Famílias”. Há combinações que sempre existiram, mas que demoraram para pôr a cabeça e o coração para fora do armário. Porém, tudo indica que, ao menos no Ocidente, uniões e famílias “diferentes” da maioria terão sua vez quanto ao reconhecimento e aos direitos de herança, benefícios, previdência social.

Essas uniões podem ser entre irmãos e irmãs, netas e avós, primas e primos. Amigos e amigas. Ou seja, é um conceito de família mais estendido: família como um núcleo de apoio e de afetividade, com laços consangüíneos ou não.

Há também as uniões homoafetivas. Cada vez mais, casais de lésbicas e de gays ficam visíveis. Além disso, tem crescido em todo o mundo a demanda de casais homo para adotar crianças, fato que, em breve, terá impacto nas escolas, onde teremos crianças com duas mães ou dois pais. Toda essa história é muito boa, pois contribui para o direito do ser humano de se expressar na sua incrível diversidade.

QUESTÕES PARA A GENTE DISCUTIR

- o diálogo intergeracional entre pais e filhos
- o diálogo entre meninas e meninos; mulheres e homens
- o diálogo como ferramenta contra a violência doméstica
- o diálogo com as feminilidades
- o diálogo com as masculinidades
- o diálogo das masculinidades com as feminilidades
- o diálogo com as novas combinações familiares

PARA TERMINAR

Eis a letra de uma canção de Gilberto Gil:
“Superhomem – a canção”, de 1979.

Um dia

Vivi a ilusão de que ser homem bastaria
Que o mundo masculino tudo me daria
Do que eu quisesse ter

Que nada

Minha porção mulher, que até então se resguardara
É a porção melhor que trago em mim agora
É que me faz viver

Quem dera

Pudesse todo homem compreender, oh, mãe, quem dera
Ser o verão o apogeu da primavera
E só por ela ser

Quem sabe

O Superhomem venha nos restituir a glória
Mudando como um deus o curso da história
Por causa da mulher

Este texto é parte integrante da tese de doutorado, em Serviço Social, de Vera Lion. A tese foi defendida, em 2005, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC / SP).

As falas, identificadas por iniciais não correspondem às iniciais do nomes verdadeiros. São falas de integrantes dos grupos: NCFR - Núcleo Cultural Força Ativa , Cidade Tiradentes, Zona Leste; CM - Coquetel Molotov, Itaquera, Zona Leste e NCPR - Núcleo Cultural Poder e Revolução, Jardim São Savério, Zona Sudeste.

Referências masculinas fluidas versus a força simbólica do homem na família

por Vera Lion

Em quase todas as falas abaixo, os jovens se referem a seus pais como coadjuvantes, o que chama a atenção, pois a figura do pai permanece como chefe simbólico. Os personagens masculinos nem sempre aparecem e quando comparecem são distantes, há pouca troca, raramente estão presentes como amigos, como referências positivas, com quem se estabelecem conversas e experiências formativas e informativas:

Meu pai não é o meu herói... tem certas frustrações assim com a pessoa dele... ele foi jogador de futebol... e eu nunca joguei bola com ele... pode parecer ridículo... mas eu gostaria de ser mais amigo dele... de interagir um com o outro... de ter liberdade pra conversar coisas legais (E., CM).

A imagem paterna ora é a do provedor com quem só se conversa sobre dinheiro, ora é a do inatingível porque simboliza a autoridade ou porque está sempre correndo, nunca está em casa e pouco acompanha a vida dos filhos. Outras vezes é alguém que do trabalho vai ao bar e chega tarde em casa, quase sempre bêbado, quando todos já estão dormindo. Alguns pais já morreram, outros nunca apareceram, outros raramente são vistos pelos filhos pois não moram com suas famílias.

Há o relato sobre um pai que quando ficou desempregado, e aí permanecia em casa, só então começou a ter tempo, conversar e acompanhar a vida de seus filhos:

Há males que vem para bem... Agora meu pai é mais pai, eu converso com ele e tudo. Agora que ele perdeu esse emprego ele tem mais tempo para a gente, está mais na minha vida, mais presente (A., CM).

Apenas uma das jovens elogia muito seu pai:

Meu pai é tudo, se tiver que lavar roupa ele lava, se tiver que cozinhar ele cozinha (D., CM).

Uma das jovens lembra que na infância era seu pai que ficava em casa cuidando dos filhos, acompanhando as lições, fazendo a comida, pois era doente e a mãe trabalhava fora. Ele morreu ainda jovem.

Na maioria dos relatos quem conversa com os filhos e estabelece o fio condutor que liga as gerações na família é a mãe ou a avó, ficando por conta delas a educação dos filhos e a manutenção da estabilidade emocional familiar. São elas que ensinam as boas maneiras, os princípios, a humanidade, que dão suporte para a vida:

O meu pai é extremamente machista, minha mãe sempre soube balancear. Meu pai não fala direto com a gente, se quer dar uma bronca, fala na minha mãe "sua filha"..., aí vai lá, minha mãe "ó, seu pai reclamou". Minha mãe criou os seis, mas os bons foi meu pai quem criou... Aí minha mãe fala... "se deu algum problema ou alguma coisa boa, é os dois" (M., NCPR).

Mas em algumas famílias o contato com os pais é muito restrito e superficial, há pouca troca de sentimentos e de carinhos, não se conversa nem com os pais nem com as mães principalmente por falta de tempo, porque se trabalha muito, porque alguns assuntos não são conversados em casa, porque as dificuldades econômicas são a prioridade na família, porque não faz parte da cultura familiar:

Meus pais sempre trabalhavam... já chegamos a passar fome uma certa época, e assim, não tinha tempo para sentar pra conversar com pai e mãe. Quando sentava era para falar “ não fica na rua, não faz isso, ajuda a sua irmã, olha a educação, não fica na casa dos outros na hora do almoço”, aquelas coisas que mãe sempre fala. Agora sentar e conversar como amigos... eu nunca tive isso” (C, CM).

No entanto, alguns jovens têm bastante contato com a família, com os pais, avós, irmãos, sobrinhos, em encontros semanais que reúnem todos com muitas conversas e discussões. Uma das jovens fala que é preciso tomar certo cuidado e não ficar batendo de frente com ninguém, porque

Família é um lugar meio específico, você tem que ter todo cuidado... ele é seu irmão e vai ser seu irmão para o resto da vida, ele é seu pai e vai ser seu pai para o resto da vida. Não é um grupo que você não concorda com as idéias e você sai e tá beleza (M., NCPR).

Para a maior parte dos jovens, com relação às figuras paternas aparecem várias contradições: ainda que as referências sejam carregadas de adjetivos desfavoráveis tais como omissos, ausentes, conservadores, machistas, violentos, deprimidos, autoritários, mulherengos, alcoólatras, a falta do pai em casa e, mais do que isso, na vida traz muitos sofrimentos e responsabilidades desde cedo.

O relato de jovens, principalmente do sexo feminino, que cresceram sem pai revela que a falta da figura masculina em casa, na infância, aumentava a sensação de fragilidade, perigo e ameaça, colocando a família em situação de vulnerabilidade, que interferia na vida cotidiana. Na maioria das vezes principalmente as filhas eram mais “presas” e protegidas, proibidas por suas mães de brincar na rua, afastadas dos meninos, como se as vivências maternas anteriores criassem sinais de alerta, confirmando a identidade feminina como frágil e por isso mais exposta a riscos e perigos:

Minha infância foi praticamente toda dentro de casa... não podia sair do quintal... parecia aquelas crianças presas dentro de casa, doida para sair, olhando as crianças brincar e não podia... só brincava com umas crianças do quintal... só brincava de boneca (R., NCFA).

No meu prédio não podia brincar com menino, tinha medo, falavam que era perigoso... Dava uma raiva, uma vergonha, eu tava sentada na escada com os meus vizinhos, aí minha mãe abria a porta, “entra, eu não quero você conversando com menino” (T., NCFA).

Eu não podia ir nos passeios da escola porque eu era mulher, não podia ficar sozinha, porque ela [a mãe] falava que era perigoso (L., NCPR).

Além dos “perigos”, a imagem da família sem a figura masculina adulta era e é estigmatizada, fragmentada e enfraquecida, o que reforça o preconceito contra o feminino, na visão androcêntrica da ordem social, como apontado por Bourdieu (2002).

Sempre sentia falta, porque as meninas da minha rua, todas tinham pai... jogavam isso na cara... e aí eu também fiquei com raiva dele (Q., NCFA).

Independentemente da presença física, alguns relatos confirmam a importância de saber que o pai existe:

Eu não tenho nada pelo meu pai, não considero como um amigo, eu nunca contei com meu pai... meu pai que me deu trauma em não confiar muito nas pessoas... mas dá vontade de ficar perto de uma pessoa que eu sei que é meu pai... é mais a sensação de saber que eu sou humano... sentir que eu não sou uma máquina, é sentir que eu saí de um homem e de uma mulher... meu amigo ele sabe que o pai dele existe e tá lá em Pernambuco, ele era pequenininho, ele lembra do pai, então ele sabe que tá lá (H., CM).

Se a falta do pai é uma violência, são também dolorosas as lembranças de histórias marcadas por outras violências:

A minha infância foi muito difícil... minha mãe se separou... porque o meu pai batia nela, ela fugiu e a família inteira ficou contra ela... aí meu pai pegou a gente e levou lá para Minas Gerais, pra morar com a minha avó... quatro anos. Quando a gente voltou... porque o meu

pai não tinha condições de cuidar, a minha mãe não deixava a gente ficar na rua, primeiro com medo do meu pai pegar a gente... como moro na favela... não podia ficar na rua para não se misturar com as crianças, toda aquela coisa de mãe protetora (R., NCFA).

Quando eu fui crescendo, eu fui descobrindo que ela apanhava dele... que ele levava outras mulheres na casa... também fui pegando raiva. Aí eu comecei a entender porque ele não ia em casa ver a gente. Fiquei um ano sem falar com ele, voltei, agora briguei de novo, não falo com ele (Q., NCFA).

Minha mãe sofreu muito na mão do meu pai... ela apanhava muito, meu pai bebia muito... ela era muito rígida com os filhos, batia muito... quando o pessoal foi crescendo e começou a ter embate ela falou "ou eu separo ou alguém morre". Ela sabia que esse alguém era meu pai. Ela resolveu separar... foi um marco pra vida dela... ela deixou de apanhar e deixou de bater (Z., NCFA).

Histórias contadas pelos jovens sobre suas mães dão conta dos preconceitos sofridos por mulheres sós, que parecem valer menos, representam uma ameaça ao padrão patriarcal, ainda mais quando têm filhos. Relatos reforçam as obrigações femininas na família, exemplificando a crença de Sarti de como o projeto familiar é mais importante que o individual. As histórias confirmam a expectativa de que a mulher, além da casa, cuide dos doentes e idosos da família e tenha o casamento como projeto de vida:

Meus tios não levavam a mulher deles em casa porque falavam que a minha mãe e a minha tia eram prostituta, vagabunda... Então minha tia casou com um cara que ela não gostava, pra poder sair da boca dos irmãos. E minha mãe... sempre namorou, sempre saiu... ela parou de ir pros bailes quando ela ficou grávida de mim, com 40 anos, mas sempre... dentro daquele conceito de moral, bons costumes... Minha mãe é muito magoada, ela é uma pessoa frustrada, porque ela mudou a vida dela pra cuidar da mãe dela, do tio doente, do irmão caçula e depois da filha. Ela fala "eu tive um monte de namorado, um monte de gente querendo casar comigo"... pra ela, o casamento é a coisa mais importante. Só que "ninguém queria levar a mãe junto, o tio doente, o irmão caçula... queria casar comigo, não com a família inteira" (T., NCFA).

Ainda que os números do censo de 2000 e de pesquisas demonstrem tendência ao aumento de famílias chefiadas por mulheres, a cultura machista define a ausência do homem, como fator que desqualifica e enfraquece a estrutura familiar, especialmente nos segmentos populares. A esse respeito Sarti ratifica como é imperativa a ordem moral patriarcal nas camadas inferiores da população.

Percebe-se nos relatos que, mesmo reconhecendo a essencialidade da família, algumas verdades e normas que estruturam a família tradicional são questionadas e criticadas pela maioria dos jovens entrevistados, o que pode sinalizar tendências e até urgências de mudanças no padrão familiar.

No entanto, essas percepções não são unânimes, e um dos jovens parece não estar muito à vontade ao identificar mudanças no modelo familiar tradicional vividas em sua casa, que despontam para ele como um conflito entre os princípios do individualismo e da solidariedade:

Para minha avó... mulher fica em casa... E para a minha mãe mudou, a minha mãe é mais individual, ela gosta de sair... hoje em dia as coisas estão sendo feitas de forma muito mais individual, ter a "minha" casa, ter o "meu" carro, ninguém pensa "ah vou ficar com a minha família". Todo mundo quer ser o seu dono, ter o seu carro, ter dinheiro, é eu, eu, eu. Acho que foi isso que mudou bastante. E no caso de homem e mulher, acho que depende de família, porque na minha família fui criado por mulheres, pela minha mãe e minha avó. Meu avô faleceu quando eu tinha seis anos, desde aí minha mãe e minha avó sempre brigaram pelo conflito de idéias. Porque minha avó queria que minha mãe ficasse e minha mãe queria sair para procurar emprego. E a minha mãe saiu e arranhou emprego, foi uma briga. Então eu sempre vivi sozinho praticamente (H., CM).

A indignação dos jovens aumenta diante das situações de violências e abandono vivenciados física e moralmente, contados com muita dor, envolvendo pais e irmãos, revelando uma cultura familiar violenta, que deixa marcas corporais e psicológicas. Além da violência simbólica que aparece em alguns relatos, não se pode minimizar o papel da violência física:

Minha mãe teve minha irmã com 17 anos e a minha irmã também teve meu sobrinho mais velho com 17 anos, então eu não podia fazer nada... ao ponto de eu estar sentada com os amigos... conver-

sando... e minha mãe chegar, me bater na roda. Meu pai corria atrás de mim de cinta, no meio da rua, e eu pulava a janela... ele queria me bater... por eu querer sair, brincar com o pessoal... até hoje eu não consigo chamar mais ele de pai...

Minha mãe... nunca teve tempo pra gente. Tudo o que eu aprendi, tudo o que eu sei foi sozinha, tudo, tudo, tudo. Tanto que quando eu menstruei pela primeira vez, eu tinha dez anos... pensei que estava tendo hemorragia, achei que tava morrendo...

Eu não falo com a minha irmã, eu não a suporto, com o meu outro irmão eu também não falo, porque eles me maltratavam muito, a minha irmã me deixava passar fome (U., NCFA).

Ela se separou do meu pai... e se afundou na bebida, virou uma alcoólatra de primeira, e eu bebia com ela, porque ela colocava a dose pra ela, num copo e enchia a tampinha pra mim... eu bebia com a minha mãe, desde os três anos (Q., NCFA).

No entanto a violência é naturalizada, quando se tratam de umas palmadas, consideradas até como pedagógicas no processo educacional:

Eu tive uma infância bem legal assim, apanhava de vez em quando, quase sempre, mas é que eu era meio maloqueira mesmo, e a minha mãe sentava a cinta em mim, mas... eu não tenho do que reclamar (T., NCFA).

Além disso, a família permite que os meninos sejam mais agressivos e autoritários, como num ensaio para a vida adulta:

Eu sempre fui medrosa, ele [primo] sentava a mão em mim, a gente podia brincar só das coisas que ele queria,... não podia ir sozinha, ele tinha que ir junto (T., NCFA).

Ao analisar esses relatos que revelam processos de socialização familiar, detecta-se um padrão mais ou menos homogêneo de famílias, que transitam por um percurso mais tradicional, em que os papéis sexuais estão definidos com clareza e são ensinados e reproduzidos desde os primeiros anos de vida. No entanto, a maioria dos jovens entrevistados questiona e critica esses modelos, quanto mais eles se aproximam de aparências sem consistência, relações autoritárias e desiguais, violências.

A importância da família para os jovens *

por Vera Lion

A família, identificada como provedora de apoio e acolhimento e como uma das poucas instituições do mundo adulto com quem podem contar, é reconhecida pelos jovens na pesquisa *A voz dos adolescentes da Unicef* (2002) como a mais importante das instituições para 85% dos entrevistados, o que é confirmado em outras investigações com jovens realizadas pela Unesco e pela pesquisa *Retratos da Juventude – Análises de uma pesquisa nacional*¹ (2005) do Instituto Cidadania, que revela que para 72% dos pesquisados a família é a instituição mais importante para o amadurecimento juvenil.

No entanto, observando a realidade, percebe-se que a família também pode ser espaço de arbítrio e violência, com atitudes de cumplicidade e indiferença social com o que acontece no lar, o que pode transformá-la, num contexto de violências intrafamiliares, em local de risco principalmente para crianças, jovens e mulheres. Agressões físicas e verbais podem ser cometidas em nome do amor e da moral, assim como chantagens emocionais e atribuições de culpas que se transformam em dívidas impagáveis ao longo da vida (KEHL).

Ada Pellegrini Lemos, em palestra proferida no IBEAC em 2004, lembra que cada família merece atenção e consideração como todo orgânico e sistema de interação dos vários componentes individuais e, apoiada na concepção de Maurício Andolfi, reafirma a importância e cuidado na observação da diversidade e singularidade da composição de grupos familiares e de como são apreendidas, construídas, reproduzidas as relações nas vivências cotidianas, ainda majoritariamente autoritárias, especialmente quando o interlocutor adulto é do gênero masculino, modelos de relações que se reproduzem em outros espaços da sociedade como a escola, a rua, o trabalho, o próprio grupo de jovens.

Cynthia Sarti define família como grupo social onde se realizam vínculos de consangüinidade entre irmãos, descendência entre pai e filho(a) e mãe e filho(a) e afinidade através do casamento, como parte de relações sociais, econômicas, culturais e simbólicas mais amplas. A autora chama a atenção para as mudanças ocorridas no mundo contemporâneo que afetam a família, com a perda do sentido da tradição, substituída pela individualidade, que deve ser compatibilizada e negociada com a reciprocidade e autoridade familiar, necessá-

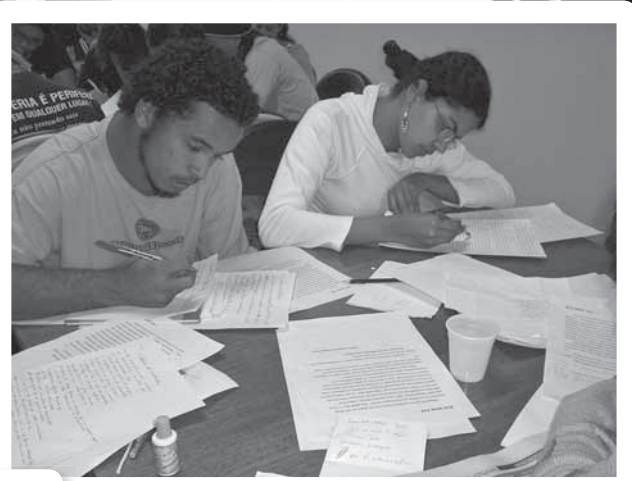
¹Pesquisa realizada com 3.501 jovens na faixa de 15 a 24 anos em 25 estados, em 198 municípios urbanos e rurais, capital e interior, pequenos, médios e grandes.

rias na socialização das crianças e adolescentes, na divisão de papéis sexuais, na construção de autonomia de todos seus membros. Ao se desenvolverem no cotidiano familiar as capacidades de discernir, julgar e escolher prepara-se os filhos para a cidadania, num exercício de integração social, lembrando Hannah Arendt que, em *Condição Humana*, se refere à família como espaço privado e pré-político, estágio e exercício preparatório para a esfera pública e para a participação política.

No universo cultural dos pobres, as famílias ainda têm a tradição como referência, numa lógica de reciprocidade em que o que conta é a solidariedade dos laços de parentesco e de vizinhança. No respeito ao padrão tradicional de autoridade e hierarquia familiares, há dificuldade e menos espaço de afirmação individual, pois as obrigações em relação à família prevalecem sobre os projetos individuais, principalmente para as mulheres que têm posição subordinada, expressa como questão de ordem moral. A família é essencial como referência simbólica para os pobres, dentro e fora da casa. Ela funciona não como núcleo, mas como rede daqueles com quem se pode contar, com quem se estabelecem obrigações morais, o que atribui outro significado às relações (SARTI; MELLO; DAYRELL). “A família, pensada como uma ordem moral, constitui o espelho que reflete a imagem com a qual os pobres ordenam e dão sentido ao mundo social” (SARTI).

** Este texto é parte integrante da tese de doutorado, em Serviço Social, de Vera Lion. A tese foi defendida, em 2005, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.*

MURAL DA OFICINA







EDITORIA ESCOLA

Educação é um tema precioso para a maioria dos 34 milhões de jovens brasileiros entre 15 e 24 anos. Na pesquisa “Perfil da Juventude”, realizada em 2003 pelo Projeto Juventude/Instituto Cidadania, o interesse e a preocupação com a educação aparecem em variados momentos, ligados à “abertura de horizontes”, mercado de trabalho, conhecimento do mundo.

Quanto ao papel da escola, 76% dos entrevistados a consideram muito importante para seu futuro profissional e 74% muito importante para entender a realidade. Os professores, por sua vez, aparecem como “pessoas em que os jovens mais confiam”, perdendo apenas para a família.

Trocando em miúdos, os jovens sabem o que esperam de uma boa escola: habilidades para o mundo do trabalho, capacitação para entender a realidade, espaço em que as individualidades e as diferenças sejam respeitadas e valorizadas.

Esses dados são muito esclarecedores, revelam, entre outras pistas, que os jovens sabem o que querem e vêem a escola como possibilidade de transformação.

Não fôssemos uma sociedade campeã de desigualdades, a relação juventude-escola seria menos complicada, pois certamente educadores dedicados e talentosos iriam ao encontro de jovens criativos e energéticos. Desigualdades, no plural: de renda, resultante da segregação residencial, de acesso, de gênero, de raça/etnia, de escolarização, de qualidade de ensino, entre outras.

Mas somos uma sociedade campeã de desigualdades. No plural, uma vez que abarcam:

- desigualdade de renda
- desigualdade resultante da segregação residencial
- desigualdade de acesso
- desigualdade de gênero
- desigualdade de raça/etnia

- desigualdade de escolarização
- desigualdade de qualidade de ensino
- outras

Sendo assim, é difícil conceituar a escola brasileira. Qual delas? As particulares? As públicas? As públicas de bairros centrais? As públicas de bairros periféricos? Escolas de ricos? Escolas de classe média? Escolas de pobres? Escolas de negros? Escolas de brancos? Qual escola?

Alguns jovens, participantes da Editoria Escola, expressaram suas frustrações com as escolas que freqüentam ou freqüentaram. Nas conversas, as críticas mais recorrentes foram: falta de professores, autoritarismo, desrespeito, inadequação dos ambientes físicos e pedagógicos.

Em um dos relatos traumáticos, uma participante da Editoria Saúde contou que a professora de língua portuguesa a criticou, em sala de aula, por portar um livro de gramática. A professora teria dito: “Para que um livro de gramática? Vocês não vão aprender nada mesmo”.

Naturalmente, todos destacaram também professoras e professores inescrutáveis. Motivos? Souberam motivá-los para a aprendizagem. Souberam relacionar o conteúdo das matérias com as vidas e os interesses dos estudantes.

DEBATES

Os jovens redatores do Projeto Diálogo, de todas as Editorias, explicitaram uma viva percepção de que a qualidade do ensino ministrado em suas escolas públicas de periferia – quanto aos conteúdos e à didática – é sofrível. São conscientes de que alunos de escolas particulares e alunos de escolas públicas de bairros mais favorecidos, em geral, levam franca vantagem sobre eles. Todos estão pessimistas quanto as suas chances no vestibular em universidades públicas e no mercado de trabalho.

Os debates tomaram muitas direções. Foi recorrente a crítica ao autoritarismo, que é a base de sustentação da falta de diálogo – incomoda muito saber-se “não ouvido”. O que também parece exasperar os jovens é o fato de alguns adultos (diretores, professores, funcionários) se contentarem com muito pouco. Uma participante relatou: “O laboratório da minha escola é muito pobre e a maioria dos instrumentos não funciona. No entanto, a diretora diz que o laboratório é muito bom”.

Outros disseram que os estudantes são, comumente, culpabilizados pelo mau andamento da escola.

A questão da violência apareceu com força. Discutiram-se responsabilidades e a clareza de que “alunos satisfeitos não destroem salas de aula”.

As percepções quanto às discriminações de gênero e de raça/etnia estão presentes nos debates, mas, para alguns, pouco elaboradas.

Por fim, surgiram perguntas agudas, cujas respostas só poderão ser dadas por toda a sociedade:

- De quem é a responsabilidade pela precariedade de suas escolas?
- Será que o conjunto de professores, funcionários e alunos tem poder para transformar as escolas?

Na Editoria Escola, leremos: textos dos participantes (uma entrevista e um poema); texto-base pincelando a história da escola; textos referentes à igualdade racial no ambiente escolar; um debate virtual entre os educadores Bel Santos Mayer e Lula Ramires.

Estimulados a procurar ações positivas da escola, integrantes da Editoria Escola escolheram o Programa Escola Aberta – governo em parceria com a Unesco –, cujo objetivo é “estimular a abertura das escolas públicas nos finais de semana para que estudantes e comunidade desenvolvam atividades de educação, cultura, esporte, lazer”.

Antônio Marcos de França Souza e Silvana Cabral dos Santos foram a campo. Com um gravador e uma máquina fotográfica, ouviram: Ana, professora, 50 anos; Adeilton, padeiro, 52 anos; Jaqueline, universitária, 24 anos; Teresa, trabalhadora escolar, 65 anos.

Note-se a importância dada à preservação da escola. Escola ocupada, escola preservada. Há também a valorização da quadra de esportes e da biblioteca, que aparecem como “algo a mais”, quando, na verdade, tais equipamentos deveriam fazer parte do “comum e corrente” de qualquer escola.

Quando perguntados do bom e do ruim na escola, não surgiu nenhuma menção a conteúdos de matérias. Um assunto para pensarmos.

Escola nos finais de semana

por Antônio Marcos de França Sousa e Silvana Cabral dos Santos

Qual a sua visão das escolas abertas nos finais de semana?

Ana – Uma maravilha, porque tira as crianças das ruas. Projetos assim melhoram a qualidade de vida na comunidade, uma vez que a atenção das crianças se volta para a escola.

Adeilton – Acho muito bom, porque oferece lazer para as crianças.

Jaqueline – Creio que as escolas abertas ajudam a integração da comunidade com os alunos.

Teresa – É um projeto ótimo. Traz futebol, capoeira, artesanato.

Escolas abertas nos finais de semana ajudam a diminuir a violência?

Ana – Sim. A garotada tem um meio para se distrair. Isso também melhora a visão do aluno em relação à escola.

Adeilton – Claro, porque os adolescentes vão valorizar mais o patrimônio público.

As atividades do Programa são suficientes?

Ana – Ainda não. Mas cada vez mais aparecem projetos para os finais de semana.

Adilton – Já é um bom começo. Poderiam ter mais projetos, por exemplo, aulas de basquete e de espanhol.

A escola tem mais coisas ruins do que boas?

Ana – Ela tem mais coisas boas do que ruins. Abrir nos finais de semana é um bom exemplo. É bom para todo o mundo ter aulas de desenho, violão, bateria, entre outras.

Adilton – Acho que, se tiverem projetos, a escola será conservada.

Por que alguns alunos danificam a escola?

Jaqueline – Por falta de incentivo e orientação dos professores. Muitos alunos ficam perdidos.

Teresa – O maior motivo é a revolta com a falta de professores na sala de aula. Com isso, os alunos aproveitam a ausência do professor e acabam com a sala.

Em um outro momento, Antônio Marcos e Silvana, acompanhados de Deraldo e Natali, conversaram com dois estudantes de uma escola da Zona Leste de São Paulo, Michael e Michele, ambos com 15 anos.

Michael considera a escola em que estuda: “Mais ou menos, porque há muita bagunça nas aulas”. Michele diz que “a escola é boa para os alunos que querem aprender”.

Perguntados acerca do melhor e do pior, Michael disse que o melhor é a quadra de esportes e o pior, a sala de vídeo: “Raramente assistimos a filmes”. Já Michele considera a biblioteca o melhor de sua escola: “É onde encontro os livros que utilizo nos trabalhos escolares”. O pior para ela é a merenda, “muito ruim”.

Ireldo Alves da Silva, da Editoria Família, deu uma contribuição para os debates acerca da escola. Quando ele leu o poema em sala de aula, desencadeou uma discussão bastante triste sobre a escola. Seus versos dão a dimensão da desesperança. A escola, que por definição deveria ser um espaço de conhecimento e luz, é vista como prisão do corpo e do espírito.

Preste atenção

por Ireldo Alves da Silva

Escola
Lugar para aprender
Não é lugar de se prender
Onde saímos de casa e
Sonhamos!
Sonhamos!
Sonhamos!
E quando acordamos
Estamos presos por grades
Como pássaros incapazes
Incapazes de voar
Presos pelas grades da
Cobrança
Intolerância
Criada por governos
Pais e Professores
“Você é burro!”
“O Professor tem que punir essas crianças”
“Baderneiros”
“Bagunceiros”
“Desordeiros”
E assim são assassinados aos milhões
Escritores, Poetas e outros Artistas

Ainda há luz no fim do corredor
Os Alunos têm sim a luz
Ela está na renegada turma do fundão
Preste um pouco de atenção.

O texto Origem da escola foi distribuído para todas as editorias. A ideia foi traçar um panorama, a jato, da fundação da escola. Informações simples para “inspirar” os participantes.

Origem da escola

por Fernanda Pompeu
Coordenadora da Oficina de Redatores

A escola é uma invenção antiga. No mundo ocidental, ela nasceu na Grécia e conheceu um grande desenvolvimento durante o Império Romano. Curiosamente, se olharmos a origem da palavra, teremos o seguinte: escola vem do grego *scholé*, que significa “descanso, lazer, isenção de preocupações”. Em contrapartida, trabalho vem do latim *tripaliare*, que significa “martirizar com o tripaliu”, (antigo instrumento de tortura).

Ora vejam: a escola era o lazer, o trabalho era a tortura. Portanto, a escola nasce voltada para uma minoria que não precisava trabalhar, porque havia escravos que faziam isso. Essa minoria podia, então, dedicar-se à filosofia, ao estudo da retórica, às estratégias para manter o poder.

Mesmo a Grécia clássica, berço da democracia e da cidadania, tinha uma visão excludente dos direitos das pessoas. Cidadãos eram os homens livres. Escravos e mulheres não eram considerados cidadãos, eram pessoas sem direitos.

No Império Romano, as crianças ricas iam à escola acompanhadas de um escravo, chamado de *paedagogus* (outra curiosidade: essa palavra evoluiria para pedagogo). Foram também os romanos que dividiram a escola em três níveis: instrução primária (século VII a.C.), secundária (III a.C.) e superior (I a.C.).

Vamos lembrar que, por aquela época, não existia a imprensa – ou seja, todo o material escrito era copiado a mão. Conseqüência: a esmagadora maioria dos seres humanos não sabia ler nem escrever. Também não podemos esquecer que as exigências do trabalho eram mais simples. A maior parte dos ofícios estava ligada a tarefas manuais.

Quando o Império Romano desmoronou, o que já não era bom, piorou. As escolas laicas se desorganizam e a Igreja passa a monopolizar o ensino. Agora serão os mosteiros os guardiões das bibliotecas e da reprodução dos saberes. Moral da história: o acesso à educação escolar, que já era restrito, torna-se

ainda mais afunilado (e ideológico). Os textos dos filósofos e dos poetas gregos e romanos passaram para a lista proibida, o Índice Expurgatório. É a Idade Média, tempos caracterizados por uma casta letrada e uma massa analfabeta.

A grande virada que favorecerá a escola acontece quando o alemão Gutenberg, em 1436, inventa os caracteres móveis para impressão. Gutenberg produziu a primeira impressão da Bíblia, em latim. Foram fantásticos trezentos exemplares! Estava dada a largada para o crescimento de leitores e, portanto, para a alfabetização em maior escala na Europa.

É interessante perceber que as mudanças sociais e políticas estão sempre ligadas a mudanças tecnológicas! E vice-versa...

No BRASIL

A conquista do Brasil, em 1500, foi registrada por uma longa carta escrita pelo escrivão Pero Vaz de Caminha. A carta é também considerada a primeira peça da literatura brasileira. Nela, o escrivão português fala de encantos e de espantos. A carta era dirigida a apenas um leitor: o rei de Portugal.

Irão passar 49 anos até a chegada dos padres da Companhia de Jesus. Eles tinham por objetivo propagar a “fé católica” entre os nativos do país, ou seja, entre os indígenas. Para catequizar, organizaram o embrião da escola brasileira.

Com a expulsão violenta e progressiva dos indígenas de suas terras, suas crianças foram perdendo contato com a escola dos brancos.

Não é preciso ter muita imaginação para fazer um retrato da escola brasileira colonial. Certamente, ela era voltada para uma minoria de descendentes de portugueses e ministrada por padres.

As crianças negras, filhas de escravos, não tinham direito a nenhum processo de escolarização. Entre as crianças brancas pobres, somente os garotos tinham alguma chance de ir à escola (normalmente ministrada pela Igreja). Para as meninas pobres, as letras eram parcimoniosas. O que elas aprendiam, de fato, estava ligado ao serviço doméstico ou aos ofícios de corte e costura.

A incipiência escolar melhorou um pouco com a vinda da corte portuguesa (e seus milhares de nobres e burocratas) para o Brasil, em 1808. D. João VI vai pôr o Rio de Janeiro de pernas para o ar. Entre suas canetadas, foi dada a permissão para o Brasil imprimir textos, o que até então era proibido.

Em 1837, é criado o Colégio Pedro II (primeiro e segundo graus). É um colégio público, vetado às meninas e, certamente, às meninas e aos meninos

negros. Somente em 1927 – 89 anos após sua fundação – é que uma garota consegue se matricular no Pedro II, depois de muita luta do movimento de mulheres.

É importante irmos percebendo o caráter expressamente discriminatório da escola pública nessa época.

SÉCULO XX, A ALAVANCA

Durante o século XX, o país sofrerá vertiginosas mudanças, sendo que a maior delas foi a passagem de uma economia escravista (Lei Áurea de 1888) para uma economia de trabalhadores assalariados. Há de se ressaltar que a abolição, apesar de ter tirado a população negra da escravidão, não criou políticas que favorecessem o acesso dos negros ao mundo do trabalho “livre” e à educação formal. Não que houvesse alguma lei proibindo a matrícula de crianças negras em estabelecimentos de ensino: simplesmente não havia políticas, nem facilidades, nem estímulos para isso.

O fato é que, no transcorrer do século, o Brasil se tornou mais complexo. Os movimentos sociais se intensificaram na exigência de que o Estado assumisse seu papel na criação e manutenção das escolas. Mas a grande massa seguiu com uma escolarização muito baixa – ensino primário – e com um grande percentual de não-alfabetizados, notadamente na zona rural. Ou seja, os beneficiados com o ensino público, salvo as honrosas exceções, foram os brancos, urbanos e com renda média.

Durante muito tempo, para passar do primário ao secundário, era necessário fazer um “vestibulinho”, o chamado exame de admissão. Nessa época, a escola pública era de qualidade, mas seguia sendo para poucos. Aliás, a escola pública foi boa quando era para poucos. No momento em que suas portas se abriram “para todos”, a qualidade do ensino caiu. Isso nos faz pensar que, de fato, não existe um interesse real em investir na educação da população.

Um marco que nos interessa é a Constituição de 1988. No artigo 205 está escrito que a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família, e que haverá igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola. Cabe ao Estado garantir o ensino fundamental a todos. Aliás, trata-se de um ensino obrigatório.

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9.394/96) instituiu a obrigatoriedade da oferta do ensino médio, entendido como etapa final do

ensino básico. Com duração mínima de três anos, cabe ao ensino médio assegurar uma sólida educação e preparar o estudante para o ensino superior.

Hoje é inegável que um número bem maior de brasileiros e brasileiras tem acesso à escola. Resolveu-se o problema da quantidade. O que falta resolver?

AQUI ESTAMOS

Falta discutir que tipo, ou quais tipos, de escola queremos. Certamente, desejamos uma escola que não prepare tão-somente para o trabalho. Desejamos uma escola que nos prepare para os relacionamentos interpessoal e social, uma escola, enfim, que nos prepare para a tomada de decisões nas esferas privada e pública.

Falta resolver a qualidade do ensino ministrado. Trata-se de um assunto abrangente. Qualidade diz respeito a professores e pessoal da escola preparados; melhores salários, metodologias eficazes de ensino; materiais didáticos disponíveis; espaço físico, horas reais de estudo e participação de professores, alunos, pais e comunidade. Essa inclusão de “outros” atores em torno da escola fortalece os potenciais de mudanças individuais e coletivas.

Qualidade também diz respeito a questões não facilmente mensuráveis, mas de fundamental relevância:

- diálogo entre as diversidades étnicas/raciais, culturais, de gênero, de orientação sexual, entre outras;
- diálogo entre professores e alunos;
- diálogo entre escola, família e comunidade;
- diálogo entre os saberes ministrados e a cidadania e a ética;
- diálogo entre os saberes ministrados e o mundo do trabalho com suas novas tecnologias;
- diálogo entre o público e o privado;
- diálogo entre o centro e a periferia;
- diálogo entre os saberes ministrados e a globalização (com tudo o que esse nome invoca);
- diálogo entre o ensino fundamental e o médio e o superior;
- diálogo entre a escola e a vida;
- diálogo entre o real e o desejo.

A escola discrimina?*

por Bel Santos Mayer

A mesma pergunta feita a diferentes segmentos, a diferentes sujeitos do ambiente escolar traria diferentes respostas. Há quem ache absurdo falar de discriminação no Brasil, país onde “todos são iguais perante a lei”. Há quem reconheça a discriminação não na escola, mas na “sociedade” (sujeito indefinido e abstrato, que não frequenta os bancos escolares). Por fim, há quem afirme que, além de discriminar, a escola não é capaz de promover a igualdade. Quem está certo e quem está errado?

Desde a década de 1980, pesquisadores se debruçam no levantamento dos conteúdos discriminatórios presentes nos livros didáticos e sua influência na formação de crianças e de adolescentes. Nos livros foram detectados vários estereótipos atribuídos aos negros, colocando-os em posição de inferioridade em relação aos brancos.

Mulheres negras caricatas, com lenço na cabeça, brincos de argolas e traços animalizados; mulheres negras sempre “cuidadoras”, sem família, numa brutal referência à “ama-de-leite”. Negros associados a atividades de trabalho não qualificadas (pedreiros, domésticas). A invisibilidade da população negra, apesar de representar 44% da população brasileira. E outra recorrência: o negro como sinônimo de escravo. Em contrapartida, os valores inversos, positivos, são atribuídos aos brancos.

Verdade que tudo isso está mudando. Hoje, há mais responsabilidade na hora de aprovar os livros didáticos. Falta, porém, avançar mais na produção de materiais que contribuam para a eliminação do etnocentrismo (uma etnia como centro) dos currículos escolares e na elaboração de uma metodologia de tratamento da diversidade racial no ambiente escolar.

Nos últimos anos, muitos olhares e mentes têm-se voltado para a questão das relações, dos cotidianos, das situações surgidas em sala de aula, apontando o quanto ocorre de discriminação no espaço escolar e as dificuldades dos agentes educativos (professores, diretores, coordenadores pedagógicos, agentes escolares, equipe administrativa) em lidar com essas situações.

*O presente texto é uma reedição de trechos do texto de Bel Santos Mayer *A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial – Alguns caminhos*, publicado originalmente no livro *Racismo e anti-racismo na educação*, organizado por Elaine Cavalleiro (São Paulo, Selo Negro Edições, 2001).

A ESCOLA COMO ESPAÇO PRIVILEGIADO

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a escola é espaço privilegiado para a promoção da igualdade e eliminação de toda a forma de discriminação e racismo, por possibilitar, em seu ambiente, a convivência de pessoas com diferentes origens raciais/étnicas, culturais e religiosas. Além disso, sua atuação é intencional, sistemática, constante e obrigatória.

Não podemos permanecer na definição da escola como “instrumento ideológico do Estado” ou como instrumento de “colonização” ou “aculturação”; cabe sublinhar sua responsabilidade em contribuir para deter a “sangria da exclusão” de alguns grupos, fazendo de sua vocação uma ação cultural e política a caminho da transformação da sociedade.

A escola pode fomentar a mudança dos indivíduos e das relações sociais por eles instauradas. Para ser um “espaço de transformação”, precisar deixar para trás seu caráter conservador, que, na maioria das vezes, legitima as desigualdades ao tratar as heranças social e cultural como dom natural. Em outras palavras, ela acaba reiterando o *statu quo*.

Outro aspecto a ser trabalhado é não restringir os processos de formação ao acúmulo de informações. Como propõem os PCNs, “cidadania se aprende, se ensina e se vive”. A escola deve favorecer essa vivência ao promover situações de discussão, de dúvida e de questionamento. A escola pode, e deve, possibilitar o autoconhecimento no encontro com o diferente. Conhecendo o outro, questiono o meu modo de ser, ponho em discussão os meus valores; dialogo.

Nessa visão, o racismo deixa de ser um problema do discriminado para ser o que realmente é: um problema de todos. Poderíamos falar de uma “pedagogia do conflito”, na qual as situações conflituosas são vistas como possibilidades de ação educativa, portanto não precisam e não devem ser evitadas.

A discriminação racial não é um problema exclusivo da criança ou de jovens negros. Ela também é uma oportunidade para crianças e jovens brancos e negros se conhecerem, discutirem e instaurarem novas formas de relação que tenham impacto em suas vidas privadas e públicas.

Assim, tratar da discriminação racial em ambiente escolar não significa ajudar os estudantes negros a serem fortes para suportar o racismo, como se apenas eles tivessem problema com sua identidade, com sua auto-estima. É necessário desconstruir a ordem dos currículos escolares, que insistem em apresentar a produção cultural branca europeia como o único conhecimento válido. A produção cultural, de matriz europeia, precisa interagir com as contribuições dos diferentes povos que constituíram o Brasil: africanos, indígenas e orientais.

Como forma de reconhecimento da luta das organizações negras e da dívida do Brasil e do currículo escolar com relação à população negra, um importante passo foi dado em 2003, com a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, tornando obrigatório o ensino da história e cultura da África e dos afro-brasileiros.

É lição de casa da escola fazer com que a história seja contada a mais vozes, para que o presente seja escrito a mais mãos. Para isso, um dos caminhos é romper o silêncio a que foram relegados negros e índios na historiografia brasileira e na sala de aula.

UMA FÁBULA

Não recordo quem a escreveu, mas passo adiante uma fábula interessante.

Um leão e um homem caminhavam por uma cidade. Enquanto caminhavam, discutiam quem era o mais forte. Dizia o leão: “Eu domino o mundo; sou o rei das florestas. Posso destroçar todos os animais, inclusive o homem.” O homem retrucou: “Não! O homem é mais poderoso, pode modificar a paisagem, submeter todas as coisas e todos os animais.” Seguiram contando vantagens lado a lado. Numa determinada esquina, o homem parou e disse: “Eis a prova da superioridade humana!” – e apontou para uma estátua de um homem estrangulando um leão. O leão, um pouco desolado, falou: “Admito! Você venceu! Os leões não sabem fazer estátuas”.

Boa idéia*

por Bel Santos Mayer

A alteração dos artigos 26 e 79 da Lei 9.394/1996 de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, por meio da Lei 10.639/2003, dispõe acerca da obrigatoriedade dos estudos de África e das manifestações culturais afro-brasileiras. A Lei deve ser entendida como um passo importante a caminho de uma pedagogia e de uma didática que valorizem a diversidade racial/étnica e cultural presente no Brasil.

* Trecho de artigo apresentado no Programa Salto para o Futuro, da TVE-RJ. Em publicação na Revista COAFRO, em parceria com a Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Com a implementação da Lei 10.639/2003, a África deixará de ser ensinada como um “país”, para se tornar um continente, o que, aliás, é. Deixará de ser uniforme, para mostrar-se em toda a sua complexidade e variedade. Na mesma medida, a escola deixará de ser o terreno da exclusão para crianças negras e indígenas, para se tornar espaço de intervenção pedagógica de combate ao racismo e de promoção da igualdade racial.

Com a Lei posta na prática, a tendência é o desaparecimento das ações solitárias em salas de aula e a emergência de projetos coletivos, “projetos-continente”, partilhados com outros educadores, com organizações do movimento negro, pesquisadores e secretarias de educação. Os livros com visões estereotipadas cederão espaço àqueles que falam de diferentes gentes, de diferentes línguas, de variados sentimentos.

Este “projeto-continente” não está pronto. Está sendo e poderá ser construído por cada um cotidianamente. Sua implantação impulsionará decisões assertivas, políticas públicas transformadoras. E, brevemente, nossos alunos, negros, brancos, indígenas e de outros grupos étnicos terão que consultar o dicionário para compreender o termo exclusão. Oxalá!

Quais escolas?

Os educadores Bel Santos Mayer e Lula Ramires conversaram, por e-mail, especial e generosamente para enriquecer o debate da Editoria Escola.

Bel Santos Mayer é educadora. Formou-se em Ciências Matemáticas e especializou-se em Pedagogia Social. Por 11 anos foi professora de escolas públicas de São Paulo. Desde 1988 atua em organizações não-governamentais. Atualmente é uma das coordenadoras do Programa de Formação em Direitos Humanos do IBEAC e empreendedora social da Ashoka.

Lula Ramires é mestre em Educação pela Universidade de São Paulo. É membro da Coordenação do CORSA (www.corsasp.org), entidade de defesa dos direitos dos homossexuais, e empreendedor social da Ashoka.

Os jovens estão decepcionados com a escola?

Lula – Os jovens estão, na verdade, mais perplexos do que decepcionados. Eles ouvem em casa que é preciso se formar, que sem estudo a pessoa não progride na vida. Mas se defrontam com uma realidade em que mesmo os que têm diploma não conseguem um bom emprego.

Bel – Tenho a impressão de que eles sentem um misto de inconformismo e esperança. Dessa mistura surge a decepção. Tenho encontrado jovens que não se conformam com o pouco que a escola oferece. Pouco respeito por seus alunos e pela comunidade em geral. Poucos professores – por exemplo, há escolas de bairros periféricos que passaram quase todo o ano sem professor de geografia e matemática. Poucos conteúdos, o que os jovens constatam quando chegam aos cursinhos pré-vestibular e se deparam com temas jamais vistos em toda a sua vida escolar.

Lula – Os jovens aprenderam que a escola é aquela que transmite o saber de que necessitamos na vida, mas os conteúdos e a metodologia, às vezes, perdem para a gama de conhecimentos e de tecnologia que domina o mundo atual. No entanto, é bom lembrar que a experiência educativa ainda é um processo coletivo. Isso deixa muitas marcas positivas, entre elas, as amizades com colegas e professores.

Bel – Esse é um aspecto que gostaria de mencionar. Os jovens têm esperança na escola. Acreditam que a escola poderia ser um espaço de aprendizagem, de contato com novas tecnologias, com novos saberes. Um espaço também de amizades. Os jovens não se matriculam na escola para pular o muro no dia seguinte. A evasão é uma consequência, entre outros fatores, da decepção, do desencontro entre a escola desejada e a escola encontrada. Infelizmente, poucos jovens e poucos educadores acreditam na escola que está aí. Faço parte daqueles que acreditam que a escola pode ser um espaço de educação para todos e não apenas para alguns. Creio que é possível construir uma escola diferente.

Quem é mais forte na formação/deformação de valores: a escola ou a família? A escola tem responsabilidade quando alunos apelidam colegas de “bicha”, “macaco”, “vagabunda”?

Bel – Não sei dizer quem é “mais forte”. As duas instituições, escola e família, têm formas definidas e produzem impactos diferentes nas crianças e nos jovens, mas talvez de grandeza similar. Cada vez mais tem-se discutido o pouco espaço da família na formação de seus filhos, quando os adultos passam o dia trabalhando e seus filhos, entre a escola, os grupos de amigos e a TV. Temos que considerar que há famílias que só se encontram aos domingos, e olhe lá! Ainda assim, reconhecemos a importância da família, por exemplo, na construção da identidade racial, numa sociedade racista como a brasileira. Uma menina negra pode ter sua auto-imagem fortalecida pelos pais, que lhe dirão sempre que é linda, que a amam, que gostam da cor de sua pele, do seu cabelo. A auto-imagem dela estará fortalecida mesmo que ela veja na TV poucas pessoas negras associadas a valores positivos. Ainda que ela veja exclusivamente mulheres negras como empregadas domésticas ou escravas, uma família consciente da riqueza da diversidade e de sua identidade racial levará esses aspectos em consideração na educação da filha e utilizará diferentes recursos para isso: tranças nos cabelos, bonecas negras, músicas de matriz africana, etc. Imaginemos que essa mesma menina chega ao primeiro ano de escola e não encontra qualquer cartaz com pessoas negras nas paredes, não vê bonecas negras, não se vê representada nos livros didáticos. Imaginemos que ela é chamada de “macaca” por um colega e a professora não faz nada, pede silêncio e continua a aula. Esse silêncio da professora é tão forte quanto todo o reforço positivo dos pais. A nossa menina vai entender que naquela escola não cabe todo mundo. Essa é uma das razões de defendermos uma escola não descolada das grandes questões sociais.

Lula – Uma geração atrás, os valores estavam todos amarrados. Havia sintonia entre família, escola, religião, empresas, instituições públicas. O sujeito sabia como agir, como se comportar nos diversos ambientes. Mas esses valores foram sendo questionados, e as referências com as quais construímos nossas identidades passaram a ser dúbias e, muitas vezes, contraditórias. A escola não pode se calar diante do preconceito e da violência que ela engendra: qualquer estudante que se sinta diminuído perante os demais terá sua auto-estima rebaixada. Ele se sentirá muito menos estimulado a se dedicar aos estudos. Em muitos casos, o ambiente escolar será para ele um inferno que poderá levá-lo a abandonar os estudos.

Bel – Assim tem acontecido. Muitos jovens abandonam as escolas. Há pesquisadores que falam da “mortalidade escolar”, tamanha a quantidade de estudantes que vão deixando ou sendo “expulsos” da escola.

Saber que existem escolas melhores (mais equipadas, com professores mais motivados, etc.) influencia na percepção dos estudantes de escolas piores (pouco equipadas, com professores despreparados)?

Lula – Essa percepção vem grudada com as próprias diferenças sociais existentes numa sociedade como a nossa.

Bel – Mesmo entre as escolas públicas há uma diferença brutal entre uma escola da periferia das cidades e as dos bairros mais centrais. Alguns adolescentes e jovens sequer acreditam que algumas sejam públicas. Algumas dessas escolas aparecem durante as campanhas eleitorais e na divulgação de projetos especiais. Esse fato choca os jovens moradores da periferia!

Lula – Diante das desigualdades, principalmente no acesso à educação, ouvimos dos jovens múltiplas respostas, entre elas: resignação (sou pobre e tenho que me contentar com o que tenho); egoísmo alienado (vou estudar sozinho e superar essas dificuldades); vandalismo (já que só me dão o pior vou quebrar tudo pra mostrar minha revolta).

Bel – Essas respostas não são apenas dos alunos. Os docentes também darão respostas distintas, de acordo com a localização da escola. Há uma crítica

muito grande, por parte dos jovens, aos administradores das escolas – diretores, funcionários e professores. Certa vez, uma adolescente disse que não se conformava com o fato de três de seus professores serem excelentes na escola municipal que ficava do outro lado da ponte e não “ensinarem nada” na escola “do lado de cá”, bairro mais periférico. Quando perguntou a um dos professores por que ele não dava as mesmas atividades, ouviu: “O pessoal daqui é muito desinteressado e a escola, desorganizada”! Como se organização, envolvimento, responsabilidade fossem apenas fatores externos, que nascessem por si! Voltamos à decepção do início da conversa.

Lula – Mas é importante lembrar que há espaço também para o protagonismo, para a busca de soluções que impliquem o engajamento e a co-responsabilidade.

Bel – Sem dúvida! Há experiências interessantes de valorização da escola, que se dão pela valorização das pessoas que fazem a escola: estudantes, educadores, funcionários, familiares. Enfim, toda a comunidade escolar e o entorno.

Todo mundo tem que entrar em uma faculdade?

Lula – As estatísticas mostram que um em cada dez jovens consegue chegar ao ensino superior.

Bel – Para a população negra, os dados são ainda mais graves: dois em cada cem conseguem chegar à universidade. Não me lembro do ensino superior ter sido assunto, em outros tempos, como é agora. É uma pena que a discussão seja tão distorcida: fala-se apenas de cotas (diga-se: fala-se mal das cotas) e pouco de qualidade da educação e do direito à educação de qualidade. Não penso que todos devam entrar na faculdade, mas defendo que todos aqueles que desejam tenham condições de fazê-lo.

Lula – Insistir na necessidade de um diploma universitário apenas aumenta a frustração da grande maioria que não consegue chegar lá, simplesmente porque não há vagas suficientes nas universidades públicas. As poucas que existem estão nas faculdades particulares e são caras.

Bel – Pois é! O que significa “não há vagas”? A formação superior nunca foi democrática nem democratizada em nosso país. Ela foi sempre pensada como uma educação para alguns: poucos médicos, poucos engenheiros, poucos advogados, poucos doutores. Por pressão dos movimentos sociais, especialmente das organizações dos movimentos negros, esse poder excludente está sendo posto em xeque. Como é possível que a “casa do saber”, o espaço de partilha dos conhecimentos socialmente construídos, de pesquisa, de produção de novos saberes, possa excluir mais da metade da população?! Isso não pode durar a vida toda! Isso não fará do Brasil um país democrático.

Lula – Concordo! O Brasil só dará passos significativos no seu desenvolvimento se investir na formação em massa de profissionais e de pesquisadores. O problema é que quem está “fora do circuito” não consegue entender o que está em jogo, isto é, o processo que conduz inevitavelmente à exclusão dos que não dispõem de ferramentas intelectuais para dominar a situação.

Bel – Ultimamente, está aumentando o número de jovens que depositam na formação universitária a sua realização profissional e pessoal. Sabemos que não é assim. Mas cabe-nos, como educadores, oferecer “ferramentas intelectuais” para que as situações sejam discutidas e as soluções, reinventadas. A presença da maioria nas universidades será uma fantástica contribuição para a transformação do Brasil e do mundo rumo à equidade, à igualdade de oportunidades para todos e todas.



EDITORIA SAÚDE

Desde que o mundo é mundo, a juventude é, ou deveria ser, um momento brilhante da vida. Momento de descobrir e experimentar diferentes formas de relacionamento entre o eu e o outro, entre o privado e o público. Momento dos primeiros relacionamentos afetivos íntimos e de experiências sexuais.

A sexualidade acompanha o ser humano do nascimento até a morte. Somos todos sexuados, independentemente das nossas idades. Porém, o sexo, que é um dos componentes da sexualidade, costuma ser bastante valorizado na juventude. Há uma natural curiosidade e muita vontade de experimentar. Daí ser a saúde sexual e reprodutiva um assunto de muita relevância para a vida e a saúde integral dos jovens.

Conhecer e ter acesso aos métodos de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis (DST) e aos métodos contraceptivos, optar pela gravidez ou não, exercitar a maternidade e a paternidade são temas que habitam a cabeça e o coração dos jovens. Para tomar decisões – que influenciarão no curso da própria vida – é preciso (e desejável) ter informações e apoio de amigos, familiares e dos serviços de educação e de saúde.

A questão das drogas também está presente. Julgamentos morais e religiosos à parte, as drogas podem fascinar e destruir. A discussão das drogas legais (principalmente o álcool e o tabaco) também precisa entrar na roda das reflexões.

A violência na rua, na escola, dentro de casa é fator de adoecimento físico, psicológico e de morte. E os serviços de saúde, comprovadamente, funcionam como porta de entrada das vítimas dessas violências.

“Com saúde, sem violência”, muito mais do que um slogan, é um conceito a ser aprofundado. As estatísticas mostram que são os jovens as grandes vítimas de mortes violentas – homicídios, acidentes de trânsito, suicídio.

A esdrúxula rima entre juventude, violência e morte precisa ser pensada por todos e urgentemente erradicada.

Os textos que virão a seguir formam um retrato das preocupações mais vívidas dos jovens redatores da Editoria Saúde. Os temas trabalhados vieram espontaneamente. São resultado de suas vivências.

Escrever um diário é algo muito especial. Funciona como um espaço de privacidade absoluta em meio à família, aos amigos, aos companheiros e companheiras. Existe um acordo tácito de que diários são escritas secretas. Aprendemos, desde a infância, que não devemos ler o diário dos outros.

Essa característica de “escrita secreta” cai como uma luva para os adolescentes, uma vez que é a garantia de que os adultos não irão se meter. É quase um confessorário, só que, do outro lado, no lugar de um padre que recomendará penitências, há um amigo maravilhoso que “escuta”. Amigo que “não fala”; “não critica” e, principalmente, “não julga”.

Meninas escrevem mais diários do que meninos. Por quê? As respostas podem ser valiosas para pedagogos, psicólogos, psicanalistas e educadores, dentre outros. Quem sabe a prática de escrever diários deva ser estimulada.

“Confusões de uma adolescente” foi escrito no feminino. Não somente a personagem é uma menina, como as autoras são mulheres. Foi o mais coletivo dos textos urdidos na Oficina de Redatores.

Nele, aparecem várias iniciações. A primeira menstruação, assunto, diga-se de passagem, pouquíssimo tratado na literatura e no cinema. O primeiro beijo. A primeira gravidez da colega de escola.

Trata-se, enfim, de um texto riquíssimo pela latitude dos assuntos abordados, entre eles o papel dos meninos, que aparecem como “fujões” do dia-a-dia com os filhos.

As autoras também ousaram ao saltar no tempo, fazendo as duas personagens – escritora e diário – se encontrarem “alguns anos depois”.

Confusões de uma adolescente

Andressa Queiroz Santos
Kelly Roberta Afonso Costa
Laniela Feitosa
Leda Messias Alves
Simone Camargo

• SEGUNDA-FEIRA

10 horas da noite. Estou no meu quarto. Nesta última semana, notei algumas coisas estranhas acontecendo comigo. A minha barriga dói, só que não é dor de ir ao banheiro. Sinto vontade de ficar deitada o tempo todo. Minha mãe fica enchendo

o saco, falando que é mentira. Ela acha que estou arranjando uma desculpa para não ajudar na arrumação da casa e para não ir à escola. Só para não ouvir sermão, eu fui à escola hoje, depois lavei a louça.

Diário, hora de dormir. Amanhã tenho aula cedo.

• TERÇA-FEIRA

Cheguei à escola e fui direto conversar com as minhas amigas sobre essa dor de barriga. A Carol disse que ela sente essas dores de vez em quando, antes da menstruação. Ela acha que são cólicas. Apesar de eu ter 13 anos, ainda não menstruei. A Carol é meio doida, só porque é a mais velha acha que sabe de tudo.

• QUARTA-FEIRA

Não é que a Carol estava certa? Eu acho que aconteceu aquilo comigo. Hoje, quando fui tomar banho, notei uma coisa estranha na minha calcinha. Não é muito sangue. Estou com vergonha, nervosa, não sei para quem contar, não sei o que faço. Vou fingir que não aconteceu nada, quase não tem sangue mesmo. Ainda bem que não foi na escola. Agora, vou tomar banho de novo e dormir. De repente, nem minha mãe fica sabendo. Amanhã vou conversar com a Carol. QUE VERGONHA!

• QUINTA-FEIRA

NÃO ACONTECEU DO JEITO QUE EU IMAGINEI! DIÁRIO, ACORDEI EM UM MAR DE SANGUE. FUI CORRENDO QUERER LAVAR O LENÇOL, SÓ QUE MINHA MÃE ME VIU COLOCANDO O LENÇOL NA MÁQUINA DE LAVAR. Sem saída, tive que contar tudo. Ela me abraçou e me beijou. Fez uma cara de contente e também me deu várias recomendações:

1. Não andar com os meninos.
2. Não pisar descalça no chão frio.
3. Nunca comer manga, ovo, alimentos gordurosos, etc.

Tudo isso foi o fim! Fiquei horas escutando aqueles conselhos. Claro que ela não agüentou e contou para as minhas tias. Agora, toda a rua vai saber. Que vergonha! A parte pior foi quando eu pus o absorvente. HORRÍVEL!

• DOMINGO

Querido diário, hoje tem uma festa superlegal na casa do Arthur. Não vou, porque meu mar vermelho não passou. Diário, você lembra das recomendações da minha mãe? Pois é, na festa haverá vários meninos. Um mais bonito do que o outro. Puxa,

essa droga cortou meu barato! As meninas estão enchendo minha paciência para eu ir. Mas estou com medo, sou BV [boca virgem]. Daqui a pouco volto, a Agnes está me chamado. Até!!!

• SEGUNDA-FEIRA

Desculpe, Diário. A Agnes falou um montão na minha cabeça, que acabei indo para a festa. Meu, foi horrível! Fiquei com medo de dançar, achei que ia manchar a calça. Senti vergonha. Fui com uma roupa nada a ver.

• QUINTA-FEIRA

Diário, estou cheia de novidades para você. A semana está bem agitada. Lembra do Thiago? Você sabe que eu pago o maior pau pra ele. Ele veio perguntar por que eu fui embora da festa. Fiquei sem reação! Ele é muito LINDO. Às vezes me olha diferente. ACHO que ele quer ficar comigo.

• SEXTA-FEIRA

Fiquei sabendo de uma bomba não confirmada: a Carol me contou que a Agnes esta grávida. Meu Deus! Acho que o mundo vai cair na cabeça dela. Ainda não tive tempo de conversar com ela. Acho estranho. A Agnes é uma garota tão esperta, tão informada. Bom, Diarizinho, vou averiguar a bomba. Depois conto tudinho.

• SÁBADO

O pessoal combinou de ir ao parque do Ibirapuera. Nossa, foi toda a galera. Até o gatinho do Thiago. O passeio foi supergostoso. De repente, aconteceu o grande momento esperado: fiquei com o Thiago. No comecinho, achei que era brincadeira. Ele veio conversar comigo, trocamos uma longa idéia e ele me deu um beijo na boca! Diário, não sou mais BV!!! Achei estranho e bom, afinal o Thiago é o garoto dos meus sonhos.

• SEGUNDA-FEIRA

Ainda estou sonhado com o beijo na boca. Estou nas nuvens, mas vou tratar de lhe contar outras novidades. Hoje foi a minha primeira ida ao ginecologista. Eu nem queria ir, mas minha mãe pegou muito no meu pé. Sabe quem encontrei lá? A Agnes! Confirmado: ela está grávida! Nossa! Ela está muito abatida, com muitas dúvidas! Coitada, ela contou que na casa dela está o maior clima chato. Não pude conversar mais com ela, porque logo o doutor me chamou. Bem, minha mãe também está gritando meu nome. Tenho que parar de escrever.

• TERÇA-FEIRA

Diário, a barra está pesada para a Agnes. A família dela entrou em pé de guerra. O pai, seu Jerônimo, joga a culpa em cima da mãe da Agnes e vice-versa. Lá na escola o clima também está ruim porque nossas colegas estão comovidas. O CACHORRO do Arthur até agora não se manifestou. Isso é um absurdo! Já pensou se ele não assumir o filho? Vai ser fogo! Mudando de assunto, vou falar de coisas alegres. Estou muito feliz com Thiago. Ele é muito legal. Vou ficar com ele pra sempre.

• QUARTA-FEIRA

Meu Deus! Aconteceu uma tragédia! Apareceram várias espinhas no meu rosto! Antes, eu tinha só um pouco. Tenho que fazer urgente alguma coisa. Sei lá, passar creme dental ou uma coisa assim. Depois que virei mocinha, aconteceram coisas engraçadas comigo. Às vezes, sinto dores fortes na barriga. Outras vezes, fico super de mau humor. Também não tenho vontade de fazer nada. Sei que é culpa da menstruação, mas ainda não me acostumei com isso.

• QUINTA-FEIRA

O Thiago anda diferente comigo. Diário, não sei o que eu fiz pra ele. Já perguntei, mas ele não responde. Fica mudo. Sabe o que aconteceu com a Agnes? O Arthur tomou coragem e foi falar com o pai dela. Ele jurou que vai assumir a criança, vai registrar e tudo. Mas não quer casar. Nossa, a Agnes ficou muito triste. No coração dela, ela achava que o Arthur queria se casar com ela. Pelo menos, a criança vai ter um pai...

• SEIS ANOS DEPOIS

São exatamente 22h de um sábado. Nossa, nem sei como começar a escrever. Hoje decidi mexer nos papéis velhos e dei de cara com você, meu querido Diário! Fazia tantos anos que não olhava nem contava nadinha pra você...

Olhando as últimas coisas escritas, nas últimas páginas, fiz uma viagem para trás no tempo. Com eu era ingênua! Hoje, estou com 19 anos!

Sabe, Diário, já tenho uma filha. Seu nome é Grazielle. Ela tem dois anos, é a coisa mais linda desse mundo. Eu trabalho em uma fábrica de embalagens. Fica bem longe de casa, mas é a vida.

Bem, para matar sua curiosidade, vou contar o que aconteceu com o pessoal da minha escola. Você sabe que depois que termina a escola fica difícil rever os colegas. Cada um pega um rumo.

Mas vamos lá. A sabida da Carol está bem. Outro dia encontrei o irmão dela, ele falou que ela está fazendo faculdade de pedagogia. Ela sempre foi inteligente. De dia, ela trabalha em uma escola infantil.

A Agnes. Lembra? Aquela que ficou grávida? Ela teve um menino, pôs um nome bonito: Ícaro. Depois dele, ela teve mais dois: Dédalo e Diana. Quando o Ícaro nasceu, Agnes abandonou a escola. Ela tem uma vida dura, faz bicos para sustentar as crianças. O Arthur, pai dos três filhos dela, sumiu no mundo. Ninguém sabe, ninguém viu.

Voltando a falar de mim. Tenho a Grazielle, trabalho bastante. Com dificuldade terminei o segundo grau, mas não deu para fazer uma faculdade. Você deve estar pensando que a minha filha é do Thiago. Negativo.

O Thiago foi meu primeiro amor, o cara que me deu o primeiro beijo. Depois dele, conheci outros garotos, tive alguns namorados. A Grazielle veio de um descuido. O pai dela chama-se Paulo Rubens. No momento, ele é taxista de frota.

Eu e o Paulo Rubens ficamos um bom tempo juntos. Todas as nossas transas foram com proteção. Mas, um belo dia, nenhum dos dois tinha camisinha, e não deu para segurar o tesão. Como a história da minha amiga Agnes, Paulo Rubens assumiu a criança mas não quis se casar comigo. Bom, somos mais ou menos amigos.

Olha, Diário, meu tempo de adolescente foi muito bom. Reler você me trouxe várias lembranças. Vou guardar você bem guardadinho. Quando a Grazielle for mocinha, deixarei ela ler. Quem sabe ela também escreve um diário. Estou emocionada. Agora vou fechá-lo e devolvê-lo à caixa onde guardo as fotos que amo. Até daqui a uns anos.

Sua *Tatiane Santos*

William Shakespeare (Inglaterra, 1564-1616) talvez seja um dos maiores comunicadores de todos os tempos. A tragédia *Romeu e Julieta* parece resistir à passagem dos séculos. Soa comovente dois jovens que, devido à intolerância, acabam mortos.

Ireldo Alves deu sua contribuição para a Editoria Saúde. Ele escreveu um diálogo teatral, no qual surgem papéis cristalizados de meninas e meninos.

O texto menciona problemas que rondam os adolescentes e os jovens. Entre eles, o “desejo” de ser mãe sem o amadurecimento necessário para a empreitada; a paternidade distraída, delegando a criação do filho à mulher; o HIV/aids como resultado do sexo não protegido; e, fundamentalmente, a violência machista.

A história é uma tragédia crua, dessas que acontecem em qualquer esquina e nunca saem nos jornais.

Romeu e Julieta no século 21

Ireldo Alves

1. *As amigas*

Fernanda: Minha mãe é uma chata, não me deixa fazer nada.

Larissa: Ah, se você soubesse como é bom ter mãe! Eu que mal conheci a minha e sinto tanta saudade dela...

Fernanda: Você nunca me contou a história da sua mãe.

Larissa: Você quer mesmo saber?

Fernanda: Claro, conta tudo.

2. *Anos antes, na casa dos avós de Larissa*

Cláudio: Você está o quê?!

Pérola: Grávida, papai. Grá-vi-da.

Cláudio: Meu Deus, o que os vizinhos vão dizer? Pérola, você vai tirar essa criança!

Pérola: Não, pai. Não vou tirar, nem morta.

Cláudio: A culpa é sua, Ana! Criou a filha solta. E agora, hein? Uma menininha de 16 anos acha que pode mandar na própria vida.

Ana: Pérola, minha filha, faça o que você quiser.

Cláudio: Ou você tira esse filho, ou eu boto você pra fora de casa.

3. *Pérola pensa e decide*

Pérola: Eu vou tirar! O Anderson sumiu, mesmo.

Cláudio: Então amanhã mesmo vou arranjar tudo.

4. *Com os gritos, Julieta acorda e entra na sala*

Julieta: A Pérola está doente? Vai tirar o quê?

Cláudio: Isso é conversa de adulto! Volta para a cama, filha.

5. *Dias depois, Pérola morre em consequência do aborto malfeito*

6. *Passam anos. Julieta agora tem 16 anos. Ela olha para uma foto da irmã Pérola*

Ana: Está com saudades da Pérola, filha?

Julieta: Coitada, morreu tão nova.

7. *Toca a campainha*

Tati: Vamos pra festa, Ju?

Julieta: Não posso. Meu pai me mata.

Ana: Pode ir, Juliana. Do seu pai cuido eu.

Julieta: Você é a melhor mãe do mundo.

8. *Na festa*

Julieta: Tati, olha só aquele gatinho.

Tati: Eu conheço ele. É o Romeu.

9. *Sós*

Romeu: Julieta! Que gata você é!

Julieta: Obrigada.

Romeu: Me dá o número do seu telefone.

Julieta: Vou escrever no guardanapo.

Romeu: Eu telefono, gata.

10. *Julieta chega em casa às duas da manhã, na ponta dos pés, tudo para não acordar o seu pai
E no outro dia... a campainha toca*

Carol, Tati, Mônica: (falam ao mesmo tempo) Oi, dona Ana, a Ju já acordou?

Ana: Já. (grita) Ju, suas amigas estão aqui.

11. *Ana se afasta, as amigas conversam*

Carol: Conta logo. Como é que foi ontem?

Tati: O Romeu beija bem?

Mônica: Ju, conta tudo! Quero saber os detalhes.

Julieta: Eu dei pra ele...

Carol, Tati, Mônica: (falam ao mesmo tempo) Mas já?!

Julieta: ... o meu telefone. Ele prometeu ligar.

12. *O telefone toca*

Romeu: Aí, gata. Quero ficar com você.

Julieta: Eu também, você vai para a escola?

Romeu: Vou. Que tal a gente cabular aula hoje?

Julieta: Mas...

Romeu: Qual o problema, Julieta?

Carol: (adivinhandando a conversa) Vai logo, Ju!

Julieta: Combinado, Romeu.

13. *Depois do telefonema*

Carol, Tati e Mônica: (falam ao mesmo tempo) E aí?

Julieta: Vou ficar com ele hoje na escola.

Carol, Tati e Mônica: (falam ao mesmo tempo) Mas já?!

14. *Depois de algumas semanas*

Romeu: Gata, eu estou a fim de aprofundar nosso namoro.

Julieta: Como assim, aprofundar?

Romeu: Vamos lá em casa amanhã de manhã. Não vai ter ninguém. Prometo que vai ser legal.

Julieta: Sei não. Mas eu telefono pra você depois.

15. *Os amigos*

Fred: E aí, garanhão, já comeu a Julieta?

Romeu: Direto! Amanhã mesmo ela vai lá em casa.

Marcos: Vamos tomar um baque?

Fred: Vamos, Romeu, ou você vai amarelar?

Romeu: Amarelar? Tá me estranhando? Como é que é?

Fred: Prepara a veia e manda ver. Cara, a gente fica doidão!

16. *Tati vai para a casa de Julieta*

Tati: Ju, como é que está esse namoro?

Julieta: Ele me chamou pra ir à casa dele amanhã.

Tati: Você vai?

Julieta: Vou, sim. Mas estou insegura. Não sei como é...

Tati: Relaxe e se proteja, tome.

Julieta: Pra que tanta camisinha?

Tati: Melhor prevenir do que remediar.

17. *Dia seguinte. Julieta na casa de Romeu*

Romeu: Vamos pro meu quarto, a gente fica mais à vontade.

18. *Música de fundo. De repente, a música pára*

Julieta: Romeu, você não vai pôr camisinha?

Romeu: Pra quê? Eu só namoro você.

Julieta: Sem camisinha eu tenho medo...

Romeu: Medo por quê? Não é a sua primeira vez?

Julieta: É.

Romeu: Então, confia em mim. Eu te amo.

19. *Dois meses depois*

Julieta: Faz dois meses que minha menstruação não desce.

Tati: Droga. Você tá transando com o Romeu sem camisinha?

Julieta: Ele disse que me ama.

Tati: Você contou pra ele que a menstruação não veio?

Julieta: Não. Ele sumiu, não acho ele em lugar nenhum.

Tati: Ju, você pode estar grávida. Vamos fazer o teste.

20. *Julieta conversa com os pais*

Julieta: Eu tenho um negocio sério pra falar.

Ana: O que é, filha?

Julieta: Estou grávida.

Cláudio: Como assim, grávida?

Julieta: Grávida, pai. As mulheres ficam grávidas.

Cláudio: E você fala assim, de cara lavada? Você vai tirar essa criança.

Julieta: Pra eu morrer que nem a Pérola?

Cláudio: Aquilo foi um acidente. Não vai acontecer com você.

Julieta: Pai, eu não vou abortar! Quero ser mãe!

Cláudio: Vai, sim! Deu por aí, agora vai tirar. Filha minha não é mãe solteira.

Julieta: Desta vez, você vai ter que aceitar.

Cláudio: Nunca! Ou você aborta, ou te boto pra fora de casa.

Julieta: Então eu saio.

Cláudio: Vagabunda!

Cláudio dá um tapa em Julieta. Ela sai de casa

21. *Julieta, grávida de cinco meses, encontra com o Romeu*

Julieta: Romeu, você está tão esquisito...

Romeu: Eu, não. Estou muito bem.

Julieta: Por que você sumiu? Está vendo minha barriga? Esse filho é nosso.

Romeu: É. Eu soube. Mas agora não dá pra conversar. Eu estou indo ao médico...

Julieta: Médico? Você está é caindo fora.

Romeu: Julieta, acho que estou com aids.

Julieta: Não acredito! Desgraçado, você passou isso pra mim. E agora?

Romeu: Vou fazer o teste e você vem comigo.

Julieta: Eu vou mesmo!

22. *Muitos anos depois*

Fernanda: E qual o final da história?

Larissa: Os dois tinham a doença. Graças ao teste, minha mãe fez o tratamento e eu nasci sem aids. Dois anos depois, minha mãe morreu junto com o meu pai. Eles morreram como Romeu e Julieta.

Para o autor do poema, os serviços de saúde têm que melhorar muito. Preconceitos precisam ser desconstruídos para que o sistema de saúde comece a enxergar seus usuários como pessoas com histórias distintas e pertencentes a grupos, faixas etárias, faixas de renda, caldo cultural, identidade racial específicos e, portanto, diferentes entre si.

Isso é saúde?

por Ireldo Alves

Preconceitos e conceitos

Alegrias e medos

Alergia, dor, apego

Tristezas e sentimentos.

Quando penso em saúde, vejo a figura exemplar do médico

Da rezadeira, do pastor

Ou do farmacêutico que me deu aquele remédio

Do chá da minha tia

Ou do remédio que foi bom pra vizinha

A informação é a melhor forma de prevenção?

Por que a jovem ficou grávida então?

Não sabia da pílula, do DIU ou da camisinha?

Ou pensou que não ia acontecer se tentasse só uma vezinha?

No posto em que vou, de vez enquanto, com minha mãe

Vejo senhores e senhoras cuidado da pressão

Meninas chamadas de mãezinhas, elas não tem nome não?

Parece que é todo mundo igual

O senhor, a dona de casa e o jovem

Pegam a fila e ali ficam
Esperando por uma vaga
São chamados pelo nome
Na porta
Depois nem olham na sua cara
Não sabem se Darci é mulher ou homem
Mesmo assim julgam...

Distribuído para todas as editorias, esse texto foi um esforço para tirar o tema “saúde” de um escaninho e ampliá-lo para outros contextos de vida.

Saúde no plural

por Fernanda Pompeu
Coordenadora da Oficina de Redatores

A palavra saúde vem do latim *salutare*, que significa “salvação”, “conservação da vida”. Se perguntarmos o que é saúde, muitas pessoas responderão: “Saúde é a ausência de doença”. Resposta correta, porém incompleta.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), agência da Organização das Nações Unidas (ONU), “saúde é o completo bem-estar físico, mental e social”. Essa definição vai muito além de “saúde como ausência de doença”.

Trata-se, então, de compreender a saúde com muitas presenças. A principal delas é viver com qualidade. Trocando em miúdos, saúde é:

- habitar bem
- ter acesso à educação (escolar e continuada)
- ter acesso a informações de saúde preventiva
- ter acesso ao lazer, ao entretenimento e à cultura
- ter acesso à qualidade no trabalho
- ter qualidade no relacionamento doméstico
- ter uma relação harmoniosa com o meio ambiente
- ter participação cidadã
- desenvolver uma boa auto-estima

DESTRINCHANDO AS NECESSIDADES

Habitar bem

Morar de forma adequada. Contar com saneamento básico: água tratada, esgoto, coleta de lixo, calçamento, luz elétrica, entre outros. A falta de saneamento básico é um disparador de enfermidades, sendo muitas delas mortais.

Acesso à educação (escolar e continuada)

Tanto a escola quanto a educação continuada (aquela que experimentamos por toda a vida) são, ou deveriam ser, espaços privilegiados para informa-

ções em saúde. A aquisição de conhecimentos e de habilidades favorece nossa capacidade de receber, processar e produzir informações, das mais simples às mais complexas.

Acesso a informações de saúde preventiva

Saúde preventiva é um conjunto de informações, saberes e conhecimentos que nos levam ao autocuidado e a escolhas de comportamentos de baixo risco. Por exemplo: informações acerca de métodos contraceptivos; informações acerca de acompanhamento pré-natal e pós-parto; informações acerca da nutrição e da alimentação, do controle de peso e do bem-estar físico, entre muitas outras.

Acesso ao lazer, ao entretenimento e à cultura

Encontrar o que fazer quando não estamos estudando ou trabalhando é uma questão de saúde mental. O lazer é descanso e gozo do ócio. O entretenimento é o divertimento e o desanuviamento da mente. A cultura é tudo que alimenta e refina nossa sensibilidade, alargando nossa capacidade de contextualizar.

A sociedade contemporânea tem uma verdadeira indústria de entretenimento. A questão é que se paga para se divertir, salvo quando o poder público cria opções gratuitas de lazer, de entretenimento e de cultura, entre elas, parques, praças poliesportivas, centros culturais e de lazer, bibliotecas, postos de internet.

Acesso à qualidade no trabalho

O trabalho tem tudo que ver com a saúde (física e mental). O ambiente físico deve ser adequado (limpo e seguro) e as tarefas devem preservar o maior patrimônio de qualquer empresa: o ser humano. A Organização Internacional do Trabalho (OIT), da ONU, tem uma longa lista de doenças relacionadas ao trabalho. Entre as mais modernas estão as LER (lesões por esforços repetitivos), que atingem em cheio caixas e digitadores, e o estresse causado por situações altamente competitivas e por uma avalanche de comportamentos antiéticos.

O ambiente psicológico do trabalho também tem que ver com a saúde. Ele deve estar livre dos assédios sexual e moral. Também deve ser livre do racismo, do sexismo e de qualquer discriminação.

Qualidade no relacionamento doméstico

A violência doméstica (física ou psicológica) atinge diretamente a saúde física e psíquica de toda a família. Já há um acúmulo de conhecimentos que atestam que a violência doméstica é uma “questão de saúde pública”.

Relação harmoniosa com o meio ambiente

A reciclagem do lixo, o bom uso da água, o plantio e a preservação das árvores, a recuperação dos saberes das plantas medicinais, a qualidade do ar, a limpeza das vias públicas, o controle dos alimentos consumidos fazem parte das inúmeras relações entre a saúde e o meio ambiente.

Participação cidadã

Como estamos constatando, saúde é um tema amplo e envolve atitudes pessoais, coletivas e a participação do poder público. Nós, como cidadãos e cidadãs, temos o direito e o dever de sugerir rumos para as políticas públicas de saúde e fiscalizar suas aplicações. Por exemplo, o coquetel contra a aids tem distribuição gratuita para as pessoas vivendo com HIV/aids. Essa foi uma conquista dos movimentos sociais organizados. Se faltar um dos remédios que compõem o coquetel, cabe à sociedade denunciar e protestar.

Também temos que lutar para que a Constituição Federal se cumpra e a saúde seja de fato universal, isto é, para todos. Inclusive com atenções focalizadas, por exemplo, para a população negra nas questões da anemia falciforme dos bebês e da pressão alta das gestantes.

Desenvolver uma boa auto-estima

Por que a auto-estima? Bem, respeitar a si mesmo significa ter autocuidado. E, para ter autocuidado, precisamos de informação e de serviços de saúde com qualidade.



EDITORIA SEGURANÇA

Segurança pública foi um dos temas mais candentes da Oficina de Redatores. A margem de diálogo entre policiais e jovens é estreita, para não dizer inexistente. A associação entre polícia e violência foi constante.

A consciência de que a polícia trabalha de forma desigual nos bairros mais ricos e nos mais pobres rondou todos os debates. A maior reclamação ficou por conta das abordagens policiais. Segundo os participantes, respeitosa com as camadas mais favorecidas, truculenta com os pobres. A discriminação racial exercida pelos policiais é uma percepção geral. “Com garotos pobres, eles pegam pesado. Se o garoto for negro, pior ainda.”

De outro lado, há a reivindicação de mais policiamento nas áreas periféricas. Isso nos leva a pensar que o problema não está na “existência da polícia”, constitucionalmente formada por agentes da lei e da segurança. Os problemas estão na “atuação” dos policiais, no modus operandi, contaminado pela herança histórica preconceituosa que qualificou as classes pobres como “classes perigosas”.

Os participantes também foram unânimes em reconhecer que policiais têm remuneração baixa e que deveriam ser capacitados não somente para a repressão, mas para a prevenção de delitos. E, principalmente, capacitados para seu objetivo-fim: o de proteger todos os cidadãos.

A idéia de uma polícia mais “humana” e comunitária é desejo que passa pela cabeça de todos.

Certamente, sabemos que a violência policial é uma entre muitas outras violências. Também sabemos do perigo das generalizações. Na condição de indivíduos, e mesmo como profissionais, há bons e maus policiais. O que se tem discutido é o papel e o comportamento da segurança pública e de seus agentes em uma realidade altamente complexa.

Lígia Sabino circulou pelo bairro de Campo Limpo e pelo município de Cotia (Grande São Paulo). Rigorosa, fez três perguntas iguais para dezoito pessoas.

Os entrevistados foram diretos em suas respostas. Vai aí uma idéia para a Secretaria da Segurança Pública e a Polícia Militar: ouvir o que o povo tem a dizer. Prestar atenção nessa avaliação espontânea – e, por isso mesmo, valiosa.

Se essa entrevista tivesse valor estatístico, a Secretaria da Segurança Pública e a Polícia Militar ficariam com os cabelos em pé. A percepção dos entrevistados, no que tange à atuação dos policiais, é claramente negativa. A bem da verdade, há contradições. Ao mesmo tempo em que a polícia é criticada, sua presença é reclamada. Como observou a própria Lígia: “Fazendo um resumo, a grande maioria dos entrevistados acha que a polícia está agindo mal e que precisa melhorar em tudo. Realizar uma mudança geral”.

Vox populi

por Lígia Sabino

Luiz Fernando, 16 anos, estudante

O que você acha da polícia?

Não presta para nada.

Por quê?

Porque, além de ter corrupção, os policiais ganham um “dinheirinho por fora”.

O que deveria ser feito para melhorar?

Colocar policiais competentes e disciplinados. Que eles sejam bem pagos para fazer seu trabalho, por exemplo, proteger as ruas.

Marcelo, 18 anos, operador de telemarketing

O que você acha da polícia?

Ruim.

Por quê?

Os piores são eles, não tanto os ladrões, mas eles.

O que deveria ser feito para melhorar?

Os policiais deveriam fazer o melhor. Mas esse melhor não sai deles, então não muda nada.

Anderson, 23 anos, auxiliar operacional

O que você acha da polícia?

Fraca.

Por quê?

Não oferece a segurança que a gente precisa.

O que deveria ser feito para melhorar?

Ter vigilância freqüente, principalmente na periferia.

Manoel, 54 anos, comerciante

O que você acha da polícia?

A polícia pública está desenvolvendo um bom trabalho.

Raimundo, 33 anos, vendedor

O que você acha da polícia?

Tem que trabalhar mais.

Por quê?

Está fraca, corrupta.

O que deveria ser feito para melhorar?

Tirar os corruptos, colocar pessoas sérias.

Deize, 34 anos, dona de casa

O que você acha da polícia?

Irregular.

Por quê?

Porque nós, que moramos na periferia, não temos segurança nenhuma.

O que deveria ser feito para melhorar?

Deveria ter policiais de plantão em cada periferia.

Marinete, 54 anos, dona de casa

O que você acha da polícia?

Regular.

Por quê?

Porque eles precisam de mais apoio dos governantes.

O que deveria se feito para melhorar?

Melhorar o seu salário e dar mais treinamento.

Lucimara, 16 anos, estudante

O que você acha da polícia?

Mais ou menos.

Por quê?

Em algumas situações, os policiais agem com correção, mas nem sempre.

O que deveria ser feito para melhorar?

Os governadores têm que investir mais. Reforçar a segurança policial nas ruas.

Ronaldo, 23 anos, sem emprego

O que você acha da polícia?

Ruim.

Por quê?

Porque são mal pagos e corruptos.

O que deveria ser feito para melhorar?

Ter policiais honestos e o governo pagar melhor para eles.

Erivaldo, 35 anos, cobrador de ônibus

O que você acha da polícia?

Negação.

Por quê?

Porque é mal administrada.

O que deveria ser feito para melhorar?

Pagar um salário digno para diminuir a corrupção.

Amilton, 45 anos, vendedor

O que você acha da polícia?

Sem muita experiência. Eles não têm treinamento nem respeito. Já vi policial espancar famílias. Problemas familiares quem resolve é a família, não a polícia.

O que deveria ser feito para melhorar?

Deve existir um trabalho de fortalecimento do caráter do policial. Quem trabalha resolvendo problema não pode criar outros. Na verdade, a gente acaba tendo mais medo da polícia do que do bandido.

Anilton, 36 anos, sem emprego

O que você acha da polícia?

Porcaria.

Por quê?

Porque eles agem como bandidos.

O que deveria ser feito para melhorar?

Deveria fazer uma mudança geral, expulsar os maus policiais.

Luís, 31 anos, não declarou a profissão

O que você acha da polícia?

Desunida.

Por quê?

Por falta de incentivo.

O que deveria ser feito para melhorar?

Unir, união.

Marilene, 38 anos, vendedora

O que você acha da polícia?

Despreparada física e financeiramente.

O que deveria se feito fazer para melhorar?

Eles precisam ter acompanhamento psicológico e melhor remuneração.

George, 37 anos, cobrador de ônibus

O que você acha da polícia?

Injustiçada.

Por quê?

Porque ela prende e o juiz solta.

O que deveria ser feito para melhorar?

Dar o direito de eles matarem.

Claudia, 37 anos, promotora de vendas

O que você acha da polícia?

Ruim.

Por quê?

Porque eles são mal treinados, mal remunerados, injustiçados, corruptos.

O que deveria ser feito para melhorar?

Uma melhor remuneração. De seis em seis meses, um novo treinamento para formar policiais competentes.

André, 17 anos, estudante

O que você acha da polícia?

Porcaria, lixo.

Por quê?

Porque tem corrupção. Fazem o serviço deles malfeito.

O que deveria ser feito para melhorar a polícia pública?

Colocar nas ruas só policiais competentes. Os incompetentes maltratam as pessoas.

Sebastiana, 37 anos, não declarou a profissão

O que você acha da polícia?

Péssima.

Por quê?

Porque não temos a nossa segurança. Só contamos com Jesus.

O que deveria ser feito para melhorar?

Ter mais policiais nas ruas e nas escolas. Ter policiais competentes para resolver os problemas da sociedade. A gente só vê, na televisão, policial matando cidadãos, índios. Antigamente as polícias eram para defender e não para matar. Hoje, eles matam, roubam e a sociedade sai prejudicada.

Ela quer ser policial

Lígia Sabino entrevista Diana, 19 anos, estudante

Por que você quer ser polícia?

Eu não quero ser exatamente policial. Desde os meus oito anos, me apaixonei pelo Direito. Entrar na polícia é um dos caminhos para me especializar nessa área. Eu quero trabalhar em alguma área do sistema judiciário.

Por que você tem esse desejo?

A polícia também une dois desejos que tenho: fazer faculdade de Direito e superar meus limites físicos e intelectuais. É um desafio!

Redator polivalente, Ireldo dá sua contribuição à Editoria Segurança. “Precisava tanto?” narra a inadequação do poder público ao lidar com os jovens. Notadamente, os jovens pobres, moradores da periferia. Mesmo porque, para os jovens da periferia, a presença do poder público, na maioria das vezes, é identificada com a escola e a Polícia Militar. O descrédito e a desconfiança relacionados ao Estado podem passar pela inadequação dessas duas instituições em trabalhar com situações de crise. Daí, poderíamos pensar na necessidade de uma ação mais sensibilizada da polícia quando atua nas periferias. O texto também fala do choque entre fantasia e falta de perspectivas.

Precisava tanto?

por Ireldo Alves da Silva

Eu moro no mesmo lugar desde que nasci.

Conheço cada canto e cada pessoa, mas hoje parece tudo diferente, parece que o lugar mudou e as pessoas não são mais as mesmas. É tudo muito complicado! É só a gente sair por dois meses que tudo muda. Ou será que fui eu quem mudou?

Eu trabalhava como office boy num escritório no centro de São Paulo. Estudava à noite, na segunda série do segundo grau, hoje ensino médio.

Levava uma vida normal, normal até demais. Nos finais de semana, jogava bola com o pessoal da rua. Tínhamos um time chamado “Não empurra que é pior”. Que nome!

Nessa época, conheci muitas pessoas, entre elas, o Marcelo. Um cara muito legal, vivia rodeado de meninas e tinha uma moto, mesmo sem ter carteira de habilitação. Ele não trabalhava em nenhuma empresa e tinha uma moto! Eu trabalhava e mal tinha dinheiro para tomar cerveja no final de semana. Ah! eu queria saber o que ele fazia!

Um dia ele contou que trabalhava para o Liro, um traficante lá do pedaço. Falou que tinha que “ficar esperto” com a polícia e, principalmente, com sua mãe, que não sabia de nada. Depois dessa conversa, eu e o Marcelo começamos a andar mais junto. Eu fui vendo que a vida dele era boa: as meninas ao redor, os “rolês” de moto.

Até que um dia, numa rodinha, depois da escola, Marcelo apareceu com um baseado (para quem não sabe, cigarro de maconha). Todos os meus colegas já tinham fumado. Eu me senti meio fora de sintonia com o resto do pessoal e então lembrei de uma letra de música do Gabriel Pensador: “Acende, puxa, prende, passa”. Fumei.

Senti uma sensação esquisita, foi como se eu viajasse dentro do meu próprio corpo. Quando percebi, a polícia estava chegando. Nem me perguntaram nada, fui tomando tapa e porrada até chegar a um lugar estranho. Não via ninguém, lembrei de Deus e rezei. Pensei que ia morrer. Um policial enfiou um papelote de cocaína no meu bolso. Perguntou: “Onde você comprou isso, moleque? Pilantra, eu só não te mato porque você é de menor. Vai, fala”! Um outro policial disse: “Isso deve ser só um baseadinho, vamos embora levar ele pra delegacia”.

Então agradei a Deus, Ele tinha me tirado daquele sufoco. Da delegacia me levaram direto pra Febem, no Tatuapé. Nem ligaram para meu pai ou para minha mãe. Mas eu estava vivo, era isso o que importava naquela hora.

Na Febem, senti o ódio no olhar dos outros meninos. Muitos estavam lá pelo mesmo motivo que eu: tráfico! Eu pensava: “Fumei um cigarro só, por que tudo isso?”. A culpa era do policial que pôs a droga no meu bolso ou será que eu estava pagando uma espécie de carma? Passei dois meses trancafiado na Febem.

Agora, estou desempregado e perdi o ano escolar. Não sei o que eu vou fazer. O que sei é que não me deram uma segunda chance.

O presente texto traz alguns questionamentos. A Constituição Brasileira estampa, logo no seu início, a afirmação de que somos todos iguais e, portanto, temos direitos iguais. No entanto, todos presenciamos um país extremamente desigual. Há um descompasso entre a letra da lei e a prosa da vida.

O autor do texto menciona tensões importantes, entre elas, a discriminação racial. Apesar de o texto não aprofundar o racismo e o machismo, presentes nas abordagens policiais, o assunto é de alta relevância. É verdade que os jovens da periferia, por serem pobres, são mais abordados, violados e, no limite, assassinados. Porém, entre estes, os negros e os gays são mais perseguidos ainda.

Algumas definições

por Wilq Vicente

Analisar o tema segurança pública é bem complexo por vários motivos. É possível pensar que desemprego, falta de saúde, falta de educação, não-atenção devida à família se relacionem com segurança pública e violência.

A relação entre os temas nos aponta as causas da falta de segurança pública e da violência nesse quadro complexo. Podemos citar outras dimensões que englobam esse tema e que se manifestam de várias formas, envolvendo agressores e vítimas.

Por exemplo, a questão da discriminação contra os negros. É intolerável que a questão da raça ou etnia seja usada para distinguir um criminoso de um não-criminoso. Isso acontece em todo o Brasil, principalmente, nas periferias. Racismo é crime previsto na lei. “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” (Capítulo I da Constituição da República Federativa do Brasil).

A segurança pública é dever do Estado e direito e responsabilidade de todos. É exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, por meio dos seguintes equipamentos sociais:

- Polícia Federal
- Polícia Federal Rodoviária
- Polícia Federal Ferroviária

- Polícia Civil
- Polícia Militar e Corpo de Bombeiros

Todos temos o direito à segurança pública. No entanto, a avaliação acerca da polícia traz muitas contradições. De um lado, ela é vista como corrupta, agressora, verbal e fisicamente, um mal necessário. De outro, há a consciência de que, muitas vezes, os policiais prestam serviços importantes para a comunidade.

A população reivindica um funcionamento mais adequado da instituição policial. Porém, como lidar com a violência no nosso cotidiano? Quais as transformações e melhorias que a polícia precisa fazer? Como a sociedade poderia ajudar?

Fabio D. S. N/CRT faz um esforço para compreender o que leva um jovem morador de periferia a querer ser policial. Ser policial é realmente ter poder? Não podemos esquecer que muitos soldados são oriundos das classes populares. Muitas mulheres de policiais, por medo de represálias dos traficantes, não estendem as fardas dos maridos no varal de seus quintais. Nitroglicerina pura! Nas entrelinhas, o texto dá a medida da falta de oportunidades que aflige boa parte da juventude brasileira.

Seremos o que queremos?

por Fabio D. S. N/CRT

Será que isto é certo? Será que isto é errado?

Para algumas pessoas aqui do bairro, o futuro é incerto. O jovem vive em um ambiente familiar que o pressiona a conseguir um “trampo”. Com isso, ele pára, muitas vezes, de estudar.

Também há a falta de bons exemplos. O jovem acaba se espelhando em quem está mais próximo, ou seja, traficantes, assaltantes e, até mesmo, policiais.

A influência da corporação policial sobre o jovem é muito grande, seja para o bem ou para o mal. Para o bem, é que nem todos os policiais são corruptos, muitos fazem com que as leis sejam cumpridas. Os policiais honestos fazem abordagens sem hostilidades nem ofensas. Para o mal, é que muitos policiais são corruptos e violentos.

A falta de oportunidades acaba gerando insatisfação no trabalho, fazendo com que ele seja malfeito. Talvez essa seja uma das explicações para as ações inadequadas dos policiais.

A presença da polícia é tão marcante que pode gerar ódio, porque as pessoas acabam cansadas de serem recriminadas e passam a generalizar que “todo policial é ruim”. A presença, também, pode gerar um futuro policial.

Alguns jovens vêm, na farda e na arma, poder. Vêm uma forma de ser mais do que os outros. O problema é que, uma vez policiais, eles vão se espelhar na atuação dos policiais que conheceram. Eles acabam reproduzindo o que passaram enquanto “vítimas”, só que do outro lado.

Essa história vira uma grande bola de neve.

Jean Karlo redigiu um texto com muitas perguntas. Ele arrola algumas informações que apontam não para uma única polícia, mas para diferentes formas de ser policial. Associa comportamento policial com a classe econômica dos usuários. Mais rápida e eficiente para os ricos, mais lenta e inoperante para os pobres. Medo, confusão, armas de fogo também entram na roda.

Qual polícia?

por Jean Karlo

Por muito tempo, a chamada segurança pública protegeu grupos privilegiados. Tomemos como exemplo o Japão da Idade Média, quando a segurança do imperador era feita pela sua guarda real, os samurais. Eles juravam morrer pelo monarca. Mais tarde, com o avanço do capitalismo na Ásia, o Japão começou a importar armas dos chamados “americanos”. Os samurais viraram lenda.

Nos dias de hoje, as coisas não são muito diferentes. A cada momento, surgem novas tecnologias bélicas. Objetivo: manter a ordem, reprimindo os excluídos dessa mesma ordem. Os serviços de inteligência das polícias são cada vez mais sofisticados.

Quem se beneficia?

No Brasil, o famoso caso de Paulo César Farias (em 1996, encontrado morto ao lado do corpo da namorada) contou com a mais alta tecnologia de investigação. Tratava-se de um crime cuja resolução mexia com o moral do governo e dos serviços de inteligências. Os testes de DNA ficaram prontos em questão de dias. A investigação concluiu por um crime passional.

Agora, vejamos a chacina da Candelária, em 1993, no Rio de Janeiro. No episódio, oito meninos foram mortos a tiros por policiais militares. Neste caso, os serviços de inteligência fizeram muito pouco. É caro usar alta tecnologia para os pobres e investigar homicídios para a plebe deste país.

Nos espetáculos da sociedade pós-moderna, principalmente nos bairros de periferia, corpos ficam espalhados pelas calçadas, expostos à luz do dia e da noite, aos olhares assustados de crianças, homens e mulheres.

Dentro desse espetáculo, não é difícil entender por que a grande maioria de crianças da periferia enxerga a polícia como o ópio do povo. Sua farda e suas atitudes impõem medo.

A população menos abastada tem medo da polícia, em vez de ter respeito. Já dizia um grande amigo meu: “Respeito se conquista, e medo um dia se perde”. Verdade,

basta olhar os inúmeros atentados que a corporação policial sofreu no início de 2005, ou seja, não houve respeito nem temor à corporação. Policiais foram mortos; carros-patrolha e batalhões, alvejados.

A questão

Qual é a grande questão da segurança pública? Por que, em São Paulo, vivemos com a sensação de medo e, ao mesmo tempo, de impotência? Será que se um policial ganhasse melhor ele seria menos corrupto? Será que a polícia precisa agir com tanta violência? Pois é, esse é o cerne da questão. O assunto vem sendo debatido por especialistas, porém não é pautado na agenda do secretário da Segurança.

Hoje, nas academias policiais, ingressam jovens em busca de um emprego e ariscam suas vidas por pouco mais de mil reais. Alguns também matam por essa quantia, inclusive quando é desnecessário apertar o gatilho.

Pagamos o salário dos servidores públicos, entre eles, os policiais. No entanto, é impressionante a diferença de tratamento policial nos bairros de São Paulo.

Polícia Militar! Pois é, o Brasil é uns dos poucos países do mundo onde a polícia é militarizada. Ela cumpre um papel como se estivesse em guerra. Para nós, cidadãos comuns, a polícia pode ser inimiga e amiga, sempre dependendo da situação. Acredito que a polícia seja um dos reflexos do antagonismo dentro da sociedade brasileira.

O “Não” ganhou

O plebiscito do desarmamento, em 2005, deu uma amostra do descontentamento da sociedade em relação à segurança pública. O fato é que, a cada dia, cresce a segurança privada, serviço que poucos podem pagar. A classe média, cada vez mais, responsabiliza o poder judiciário e a polícia. Faz uma avaliação de sua incompetência para acabar com a chamada “bandagem”. A polícia, como resposta, usa uma ação repressora, e não preventiva, contra os crimes.

O “Não” do plebiscito significa que a sociedade quer portar armas. Fica a pergunta: para que servem as armas? A resposta é uma só: armas ferem e matam. Esse não à proibição do comércio de armas também pode ser visto como um voto de eutanásia. Poderemos possuir armas para atirar em nós mesmos, seja no trânsito, nas escolas ou até em casa. Poderemos seguir o modelo da sociedade norte-americana, da cultura das armas.

A própria polícia adquire armas com alto poder de letalidade, utilizadas para proteger a propriedade privada. Mas, acreditem ou não, nossas vidas nos pertencem, é direito público o direito de viver. Observem policiais fardados fazendo segurança em grandes lojas de fast food ou grandes supermercados. Nesses casos, a polícia, que é pública, protege o direito privado.

Uma nova polícia?

Não podemos fechar os olhos para os esforços de pessoas progressistas em prol de uma polícia mais cidadã. Por vários anos, vivemos sob uma ditadura militar. Convivemos com uma polícia que seqüestrava, torturava, matava.

Hoje, evoluímos. Existe a corregedoria, que, mesmo conservadora e corporativista, é uma ferramenta para humanizar as ações policiais. Para lembrar, existem regras de respeito a todos os cidadãos, pobres ou ricos.

Aqui cabe a questão: uma pessoa deve ser policial por paixão ou por emprego?

Por fim, devemos participar dos conselhos de segurança e cobrar das autoridades um policiamento preventivo, não ostensivo, para os moradores de bairros periféricos. Só assim teremos uma polícia justa e cidadã.

A gente pensa e julga somente com as nossas cabeças? Até que ponto a televisão fabrica imagens e reforça estereótipos que “compramos” e reproduzimos por aí? Quais são as forças e expressões que se contrapõem à cultura midiática?

Fabio D. S. N/CRT fez um pequeno texto carregado de reflexões.

A polícia e seus olhares

por Fabio D. S. N/CRT

A mídia influencia muito as pessoas, a tal ponto que elas podem achar certo o errado, e o errado, certo. A mídia está muito presente em nossas vidas. Ela poderia chamar-se “manipuladora de massas”, já que influencia a vida nacional. Por exemplo, as eleições. Os meios de comunicação podem apoiar um candidato ruim e convencer o público de que ele é bom. Ou podem destruir um candidato decente alienando as mentes.

No caso da polícia, a mídia mostra, na maioria das vezes, policiais como “mocinhos”. Em programas policiaiscos, dificilmente a polícia é a vilã da história. Esses programas sensacionalistas chegam às favelas mostrando apenas o que há de negativo. Eles só vêem tiroteios, morte, drogas, entre outras coisas. Conduzem a imagem negativa que o público espectador e leitor fará das favelas.

Os jornais, em 2005, mostraram uma invasão policial em uma favela do Rio de Janeiro, em que o corpo de um morador era carregado como um saco em um carrinho de mão, empurrado por um policial.

A mídia tem grande participação no que a população pensa sobre a polícia. As classes alta e média, por exemplo, pensam que a polícia não faz mais do que sua obrigação colocando os “marginais” na prisão. Também pensam que a polícia é sempre honesta, que quase não tem corrupção.

Como contraponto a essa manipulação, o rap é uma música carregada de crítica. Suas letras contam fatos que acontecem diariamente nas favelas. São histórias que não aparecem na televisão nem em outros veículos de comunicação.

As pessoas que convivem com a polícia agressiva, rude, mal-educada não acham que há pouca corrupção, não acham que eles colocam os verdadeiros marginais na prisão.

O fato é que a polícia tem um olhar para quem mora nos bairros da alta e média sociedade e outro para quem mora nas favelas e periferias. Se a pessoa for negra, o olhar é pior ainda.

Instigado a pesquisar a história da polícia e também a romper visões maniqueístas e generalizantes em relação à polícia, em uma tentativa de enxergar a floresta além das árvores, Wilq Vicente foi aos livros. Aqui, ele reúne dados para um futuro trabalho. Experimente ler o texto ao som da abertura de “O guarani”, de Carlos Gomes.

Notas para pesquisa

por Wilq Vicente

Origem da Polícia Civil

O surgimento da Polícia Civil remonta à chegada, em 1808, de D. João VI ao Rio de Janeiro. Ele criou o cargo de “intendente-geral da Polícia da Corte e Estado do Brasil”, desempenhado por um desembargador do Paço. E cada província passou a contar com um delegado.

O fato é que, do descobrimento à chegada da corte portuguesa, não havia uma organização policial institucionalizada. A segurança das cidades, vilas e área rural era provida pelos alcaides (oficiais de Justiça), auxiliados pelos quadrilheiros e capitães-domato, estes últimos dedicados a capturar escravos foragidos. Era o “mundo da desordem e do imprevisto” agindo em nome da ordem colonial e escravista.

No século XX, as décadas de 1970 e 1980 marcam um período de crescimento e profissionalização dos organismos da Polícia Civil, com a criação de departamentos e delegacias especializados. A partir dos anos 1980, a Polícia Civil de vários estados editou seus estatutos com disposições para a estruturação de carreira. Estabeleceu-se, também, que o ingresso nos quadros fosse por concursos públicos. A constitucionalização da segurança pública deu-se com a Constituição Federal de 1988.

Origem da Polícia Militar

Em 1809, mediante proposta do intendente-geral de polícia, o desembargador Paulo Viana Fernandes, foi criada, por decreto real, a Divisão Militar da Guarda Real da Polícia da Corte do Rio de Janeiro (origem da Polícia Militar no Brasil). Sua finalidade era promover a segurança e a tranquilidade da população, coibir a desordem e o contrabando. A Divisão possuía características semelhantes às da Guarda Real de Polícia de Lisboa. Era o mesmo uniforme e o mesmo tipo de armamento.

Origem da polícia paulista

A instituição nasceu colada à Secretaria dos Negócios da Justiça. O primeiro chefe de polícia de São Paulo foi o conselheiro Rodrigo Antônio Monteiro de Barros.

Em 1904, o então secretário da Justiça propôs a criação da polícia de carreira. Um ano depois, no governo de Jorge Tibiriçá, com a promulgação da Lei 979, a polícia passou a ser dirigida por um chefe de polícia, sob a superintendência geral do titular da pasta da Justiça.

Em 1906, foi extinto o cargo de chefe de polícia. A polícia ficou subordinada à Secretaria dos Negócios da Justiça e da Segurança Pública. Em 1927, foram criadas as repartições centrais da polícia, às quais ficavam subordinados os diversos órgãos policiais.

Finalmente, em 1928, foi editado o Regulamento Policial, consolidando as disposições pertinentes ao serviço policial.

Com a criação, em 1930, da Secretaria da Segurança Pública, a polícia foi separada da Secretaria da Justiça. As corporações policiais existentes na ocasião – Polícia Civil e Força Pública – ficaram subordinadas ao novo órgão.

Polícia comunitária

Quase todos os exemplos de policiamento comunitário surgiram na Polícia Militar. Apesar da origem comum, diferem bastante entre si. Diferem quanto à abrangência e às definições doutrinárias.

Em catorze estados brasileiros existem experiências que podem ser qualificadas de “policiamento comunitário”. No Ceará, em 1986, surgiram as primeiras iniciativas consideradas como tal. Em Minas Gerais, desde 1993 procura-se implementar a filosofia comunitária nos níveis estratégicos e práticos do policiamento.

Inserido no contexto dessa “onda comunitária”, em 30 de setembro de 1997 a Polícia Militar do Estado de São Paulo adotou experimentalmente a filosofia do policiamento comunitário. Ela é definida como “filosofia e estratégia da organização para propiciar a parceria entre a população e a polícia”.

Atuando dentro de um território específico e voltado também para os aspectos preventivos do crime, a experiência promove a parceria entre polícia, comunidade local, autoridades eleitas, empresários locais e outros atores.

Redigido especialmente para os participantes da Editoria de Escrita, esse texto, com linguagem direta, traça um panorama despretensioso do tema “segurança”.

Do que estamos falando

por Fernanda Pompeu
Coordenadora da Oficina de Redatores

Quando falamos de segurança pública estamos falando de vários instrumentos do Estado e de vários serviços. Fazem parte da segurança pública as polícias Militar, Civil, Municipal e Rodoviária; o Corpo de Bombeiros, guardas de trânsito e guardas-florestais, entre outros.

É claro que, desse conjunto, o que mais nos interessa discutir é a instituição policial. E, dentro da polícia, nos interessa discutir os policiais militares que andam nas ruas, pois, ao lado do seu caráter protetor, há o caráter repressivo.

Diferentemente de outras instituições, como a escola, a família e a saúde, que também apresentam aspectos repressivos, a repressão policial é explícita: os policiais andam fardados e armados.

As percepções acerca da polícia variam de acordo com o ponto de vista, a localização geográfica, a classe social, o sexo e a raça/etnia.

Etimologia da palavra: polícia do grego politeía, pelo latim politia, significando originalmente “governo de uma cidade, administração, forma de governo”. Hoje, em definição institucional, “polícia é um instrumento do Estado para manter a ordem pública e defender o patrimônio e a pessoa física”.

Na definição do sociólogo Norberto Bobbio, em seu Dicionário de Política, “A polícia visa a pôr em ação as limitações que a lei impõe à liberdade dos indivíduos e dos grupos para salvaguarda e manutenção da ordem pública, em suas várias manifestações: da segurança das pessoas à segurança da propriedade, da tranqüilidade dos agregados humanos à proteção de qualquer outro bem tutelado com disposições legais”.

A definição de polícia é clara: “instrumento” para manutenção da segurança pública (de tudo e de todos, sob e dentro da lei). Mas, como toda definição, esta parte de uma idéia de sociedade ideal, e não de uma sociedade real eivada de injustiças. Sociedade dividida pelos que possuem bens materiais e simbólicos e os que não os possuem.

Pela lógica legal, a polícia pode “tirar à força”, esgotadas as negociações, invasores de propriedades, mesmo que essas propriedades estejam vazias e mesmos que esses invasores não possuam propriedade alguma.

O que presenciamos hoje é uma polícia-problema. Uma polícia que age com dureza na periferia e com respeito nas áreas de classe média para cima.

Os jovens, principalmente os jovens pobres e do sexo masculino, relatam discriminações e humilhações sofridas em revistas policiais. Há uma percepção negativa da atuação policial por uma parte considerável da população.

A população negra também tem reclamações muito precisas em relação à violência policial. Há casos de evidentes preconceitos e discriminações, notadamente contra os jovens.

Faz poucos anos, em São Paulo, um jovem negro foi assassinado em seu carro, simplesmente porque um homem branco o apontou como aquele que teria roubado sua carteira no aeroporto de Guarulhos. O policial se aproximou do carro e, sem pestanejar, atirou. O acusador acabou reconhecendo que o rapaz era inocente. Mas o inocente já estava morto.

Quem precisa da polícia?

Dizem que ela existe pra ajudar
Dizem que ela existe pra proteger
Eu sei que ela pode te parar
Eu sei que ela pode te prender
Polícia para quem precisa
Polícia para quem precisa de polícia
Polícia para quem precisa
Polícia para quem precisa de polícia

Dizem pra você obedecer
Dizem pra você responder
Dizem pra você cooperar
Dizem pra você respeitar

Polícia para quem precisa
Polícia para quem precisa de polícia
Polícia para quem precisa
Polícia para quem precisa de polícia

Esta é uma letra famosa de uma música igualmente famosa (“Polícia,” dos Titãs, 1996). O fato é que todos precisamos da polícia; tanto é verdade, que é o povo quem paga o salário dos policiais. Eles são funcionários públicos. Cumprem horários, têm responsabilidades. Eles têm direitos trabalhistas, recebem salários e se aposentam.

Sua função é zelar pela ordem, reprimindo aqueles que atentam contra as pessoas e a propriedade. Todo o mundo gostaria de ser socorrido por um policial em um momento de perigo. Ninguém gosta de ser assaltado, agredido, passado para trás.

Então, onde está o problema em relação à polícia? O maior de todos talvez seja seu método de trabalho: a violência na abordagem, a desigualdade com que trata os cidadãos. Alguns policiais também são acusados de práticas de tortura quando dos interrogatórios. A tortura é considerada crime hediondo pela legislação brasileira.

Outra reclamação é da ineficiência. Muitos cidadãos simplesmente desistem de procurar a polícia (quando precisam) por não acreditarem que terão suas demandas resolvidas.

VIOLÊNCIA POLICIAL

Assistimos recentemente ao assassinato a sangue-frio – oito tiros na cabeça – de um cidadão brasileiro no metrô de Londres. Quem matou? A polícia inglesa, considerada como uma das mais “respeitosas” do mundo. Como se justificou? “Na repressão ao terrorismo é recomendável matar suspeitos, mesmo que inocentes possam ser vitimados.”

Ora, em nenhum lugar do mundo existe polícia desassociada da repressão. Ninguém porta uma arma por brincadeira. Armas existem para matar pessoas. A pergunta fundamental é: alguma sociedade pode viver sem polícia? A resposta certamente é não.

Mais outra pergunta fundamental: a polícia tem que ser violenta? A resposta certamente é, na maioria das situações, não!

A violência não pode ser aceita como método de trabalho. Melhor utilizar a inteligência, a técnica. E também eficiente seria diminuir as desigualdades e os graus de discriminação dentro da sociedade.

O que a maioria deseja é uma polícia que tivesse como finalidade a repressão efetiva aos assaltantes, aos assassinos, aos estupradores, aos criminosos do colarinho-branco, etc. Trocando em miúdos: uma polícia que perseguisse todos os tipos de bandidos e protegesse os cidadãos.

O OUTRO LADO

Toda vez que a polícia se envolve em “excessos”, a resposta oficial é de que haverá investigações e os maus policiais serão expulsos da corporação. Também é dito que em todas as associações humanas há os bons e os maus.

Verdade, há maus médicos, maus professores, maus alunos, maus engenheiros, maus políticos, maus redatores, maus TUDO. E claro que há policiais honestos e bem-intencionados. O nó da questão não está no caráter dos indivíduos, mas na estrutura em que eles estão inseridos.

Muitos policiais reclamam de salários baixos, de correrem riscos constantes, de sofrerem preconceitos, de estarem despreparados e “desaparelhados” para enfrentar criminosos organizados e fortemente armados.

Tudo isso é fato. Mas não é justificativa para a banalização da violência policial. Tudo isso também põe na ordem do dia a necessidade de discutirmos uma nova polícia, assim como discutimos uma nova escola.

POLÍCIA E COMUNIDADE

Há setores, dentro da própria polícia, preocupados com sua atuação na sociedade. É possível pensarmos uma polícia mais comunitária, mais humana também.

Como concretizar idéias de aproximação entre a polícia e os cidadãos – independentemente de sua posição social, seu sexo, sua raça/etnia – é que são elas.

Então, aí vão algumas questões:

- Que polícia desejamos?
- Qual o diálogo possível?
- Como seria o diálogo entre policiais e comunidade?
- Como seria o diálogo entre policiais e jovens?
- A polícia precisa ser mais bem formada?
- O que poderia mudar?

Mudança pela ação do diálogo

A relação entre policiais militares e adolescentes e jovens das periferias não está, necessariamente, fadada ao fracasso. Um dos caminhos para a mudança é a criação e manutenção de parcerias cidadãs.

Exemplo é o Projeto Metamorfoses: Tomando Novas Atitudes, uma parceria entre a 4a Companhia do 16o Batalhão de Polícia Militar Metropolitana, cinco escolas estaduais, empresas, a Associação Nova Atitude e o IBEAC.

O Projeto Metamorfoses acontece no distrito de Raposo Tavares, zona oeste da cidade de São Paulo. Trata-se de uma região com altas taxas de pobreza, violência, desigualdade e exclusão sociais.

O objetivo principal do Projeto é aproximar a comunidade dos serviços públicos, entre eles a polícia e a escola, e vice-versa. Quanto à Polícia Militar, trabalha-se uma ressignificação do papel do policial, que, além de responsável pela segurança, pode e está preparado para ser um orientador social. Inclui-se aí a elevação de sua auto-estima e a melhoria da interlocução com a comunidade.

Para alcançar esse objetivo, um grupo de policiais da 4a Companhia participa de formações em Direitos Humanos, Estatuto da Criança e do Adolescente, Questões de Gênero e de Raça/Etnia, Sexualidade de Adolescentes e Jovens, entre outras.

De forma concreta, o Projeto, iniciado em fevereiro de 2003, já trouxe benefícios para todos os parceiros. Os estudantes, educadores, funcionários das cinco escolas, médicos, agentes comunitários de saúde e o grupo de policiais realizam ações conjuntas, visando a melhoria das relações e dos espaços escolares e a construção de novas esperanças para todos os envolvidos.

A tarefa não é fácil, pois os problemas são complexos e as dificuldades, abundantes. No entanto, por meio do diálogo e da solidariedade, policiais e comunidade experimentam vivenciar, sem violência, os conflitos.

Hoje, a grande novidade é a implantação da Biblioteca Comunitária Nova Atitude, nas dependências da 4a Companhia, prevista para o primeiro semestre de 2006.



Para saber melhor

Para ler mais

REDAÇÃO

A Arte de Escrever Bem, de Dad Squarisi e Arlete Salvador
Editora Contexto, 2005

A Pontuação Hoje, de Odacir Beltrão e Mariúsa Beltrão
Editora Atlas, 1999

Comunicação em Prosa Moderna, de Othon M. Garcia
Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1985

Decifrando a Crase, de Celso Pedro Luft
Editora Globo, 2005

Descomplicando a Redação, de Jaqueline da Silva Aguiar e Ednir Melo Barbosa
Editora FTD, 2003

Dicionário de Gramática, de Gilio Giacomozzi e outros
Editora FTD, 2004

Dicionário Aurélio, de Aurélio Buarque de Hollanda
Editora Nova Fronteira (* existe versão eletrônica), 2003

Dicionário de usos do Português do Brasil, de Francisco S. Borba
Editora Ática, 2002

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, de Antônio Houaiss
Editora Objetiva (* existe versão eletrônica), 2001

Dicionário Houaiss de Sinônimos e Antônimos, de Antônio Houaiss
Editora Objetiva, 2003

Guia de uso do Português, de Maria Helena de Moura Neves
Editora Unesp, 2003

Manual de Expressão Oral e Escrita, de J. Mattoso Câmara Jr
Editora Vozes, 2001

Manual de Redação e Estilo – O Globo
Editora Globo, 1992

Manual de Redação da Folha de S. Paulo
Publifolha, 2001

Manual de Redação Profissional, de José Maria da Costa
Editora Millennium, 2002

O Português do Dia-a-Dia, de Sérgio Nogueira Duarte da Silva
Editora Rocco, 2003

Os segredos da ficção, de Raimundo Carrero
Agir Editora, 2005

Português Descomplicado, de Carlos Pimentel
Editora Saraiva, 2004

Redação linha a linha, de Thaís Nicoletti de Carmago
Publifolha, 2004

JUVENTUDE

Amor e Sexo: Assunto Complexo? de Beatriz Monteiro da Cunha
Editora Evoluir, 2000

Esmeralda por que não dancei, de Esmeralda do Carmo Ortiz
Editora Senac, 2001

Essa tal primeira vez, de Katia Geiling
Editora Moderna, 1995

Kit com 4 vídeos e 4 publicações: Estatuto do Futuro, do CECIP – Centro de
Criação de Imagem Popular

O Jovem e seus direitos, de Anna Christina Cardoso de Mello
Editora Moderna, 1997

O Preconceito de Julio Lerner
Imprensa Oficial do Estado, 1996/1997

Os Adolescentes e a Mídia - Impacto Psicológico, de Victor C. Strasburger
Artes Médicas Sul, 1999

Projeto Fala, Juventude nas Escolas - Manual das Oficinas de Rádio, de Camilo Capiberibe
Associação Amapaense de Apoio à Juventude, 2002

Rap e educação, rap é educação, de Eliane N. de Andrade (org.)
Editorial Summus, 1999

Sampa \$em para Jovens, de Guida Amaral e Lia Zatz
Amankay, 2004

Para ver com olhos grandes

A Hora do Show

Direção Spike Lee, 2000
Locadoras comerciais

Acorda Raimundo... Acorda!

Direção: Alfredo Alves, 1999
Ibase

Além da Lousa

Direção Denise Marta, 2000
Ação Educativa

Bicho de Sete Cabeça

Direção: Laís Bodazky, 2001
Locadoras comerciais

Cidade de Deus

Direção: Fernando Meirelles, 2002
Locadoras comerciais

Crianças Invisíveis

Direção: John Woo, Spike lee- Katia Lund, 2006

Locadoras comerciais

De passagem

Direção: Ricardo Elias, 2003

Locadoras comerciais

Faça A Coisa Certa

Direção Spiki Lee, 1989

Locadoras comerciais

Falcão-Meninos do Tráfico

Direção MV Bill E Celso Athayde, 2006

Rede Globo

Fio da Memória

Direção: Eduardo Coutinho, 1991

Sagres

Kids

Direção Larry Clark, 1995

Locadoras comerciais

Má Educação

Direção Pedro Almodóvar, 2004

Locadoras comerciais

MVBIII- Programa Roda Viva-2005

Fundação Padre Anchieta

Noticias de uma Guerra Particular

Direção: João Moreira Salles e Kátia Lund, 1999

Locadoras comerciais

O dia em que Dorival encarou guarda

Direção: Jorge Furtado e José Pedro Goulart, 1996

Sagres

O Rap do pequeno príncipe contra as almas sebosas

Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas, 2000

Locadoras comerciais

O prisioneiro da grade de ferro

Direção: Paulo Sacramento, 2003

Locadoras comerciais

Ônibus 174

Direção: José Padilha, 2002

Locadoras comerciais

Os Donos da Rua

Direção John Singleton, 1991

Locadoras comerciais

Perigo para a Sociedade

Direção: Allen Hughes, Albert Hughes, 1993

Locadoras comerciais

Pixote

Direção: Hector Babenco, 1991

Locadoras comerciais

Tiros em Columbane

Direção: Michael Moore, 2002

Locadoras comerciais

Uma onda no Ar

Direção Helvécio Ratton, 2002

Locadoras comerciais

Vista Minha Pele

Direção Joelzito Araújo, 2003

Ceert

Para www melhor

A internet é um mundo dentro do mundo. Sabendo procurar encontramos não apenas o que buscamos. Encontramos caminhos que iluminam atalhos, picadas, sendas, veredas.

Experimente usar o Google para suas pesquisas. Digite títulos de livros, filmes, vídeos, DVD, revistas, jornais. Ou nomes de autores, diretores, educadores, organizações, etc.

Experimente também a Wikipedia, uma enciclopédia dinâmica, na qual todos podem escrever. É muito boa para encontrar biografias e histórias de gente que nos interessa.

Na gigantesca rede, encontramos os textos, na íntegra, da Constituição Federal, do Estatuto da Criança e do Adolescente, dos documentos da ONU. Também podemos conhecer a maioria das ONG e associações cidadãs. Há inúmeras imagens (desanimadas e animadas), músicas e ruídos.

A internet é uma fabulosa caixa de ferramentas. Vamos nos apropriar dela e transformá-la em nossa casa, em nosso local de trabalho, biblioteca, videoteca, páginas amarelas, cadernos de expressão.

E não se esqueça de arrumar um endereço eletrônico para você. Existem muitos que são gratuitos. O e-mail possibilita a comunicação entre amigos, o diálogo com aliados e oponentes. Ele também facilita a recolha e a entrega de cartas de amor, de cartas de amizade, de informações e de trabalhos.

As Coordenadoras

BEL SANTOS MAYER sempre gostou da arte de educar. Foi professora da Rede Pública Municipal de São Paulo, educadora social da Casa das Meninas e de Centros de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente. Depois de fazer Ciências Matemáticas, formou-se em Pedagogia Social e passou a coordenar Programas de Educação de organizações não governamentais, sem deixar de fazer parcerias com a rede pública, realizando formações para educadores e integrando comissões do MEC. Desde 1988, trabalha pela inclusão da diversidade racial-étnica nos currículos escolares. Em 1997, chegou ao Programa de Formação de Direitos Humanos do IBEAC. Em 2004, entrou para a rede de empreendedores sociais da Ashoka. Pode ser contatada pelo e-mail: belsantos@uol.com.br

FERNANDA POMPEU é redatora e editora. Sua maior paixão é escrever e incentivar os outros a escreverem. Já facilitou Oficinas de Redação em vários espaços e para públicos diferentes. É co-autora do livro “Brasileiras – Guerreiras da Paz”, Editora Contexto. É autora do livro de microcontos “64”, Editora Brasiliense. Mantém um blog: <http://fpompeu.blog.uol.com.br>. Pode ser contatada pelo e-mail: fpompeu@uol.com.br

VERA LION é socióloga e doutora em Serviço Social. Está no IBEAC desde sua fundação, onde, em mais de duas décadas, assumiu várias funções. A partir de 1996, criou o Programa de Formação em Direitos Humanos, com o desafio de investir nas potencialidades de grupos de jovens, de mulheres, agentes de saúde e agentes de direitos humanos. O Programa vem desenvolvendo experiências inovadoras, reconhecidas, em 2003, pelo Prêmio Herbert de Souza – Betinho de Cidadania da Câmara Municipal de São Paulo e, em 2005, pelo Prêmio Unicsul de Intervenção Social. Como consultora, assessora e coordena projetos sociais, sempre nas áreas de participação social e de promoção de direitos. Pode ser contatada pelo e-mail: veralion@uol.com.br

ILUSTRAÇÕES DA OFICINA



VESTIBULAR
NA CLASSE MÉDIA



Vestibular
NA PERIFERIA.



O analista político



O pai analista

é o analista político.

Ele não ouve,

não fala,

non participa

dos acontecimentos políticos.

Ele não sabe

o que é o custo de votar

o peso do fisco, do poder

da família, do abajur,

do sapato e do Sinalito

dependem dos decisões políticas.

O analista político

é aquele que não sabe nada disso

e mesmo assim dá as opiniões.

É diz que sabe a política.



Ele não sabe que da sua ignorância política

nace a política,

o menor abajurador e o avultant

é também o pai dos bandidos

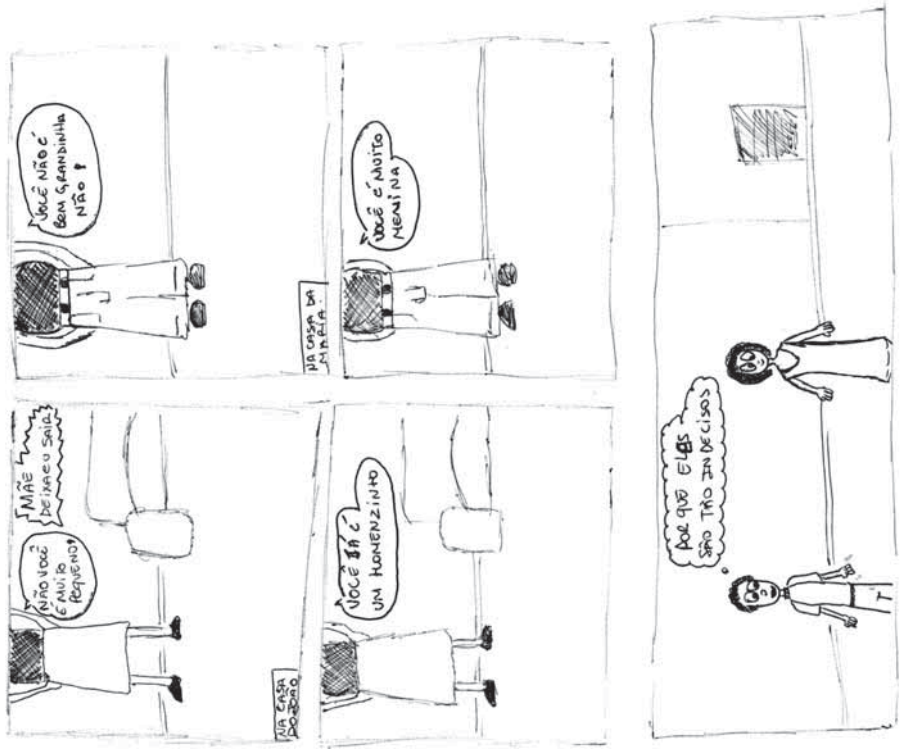
que é o político corrupto

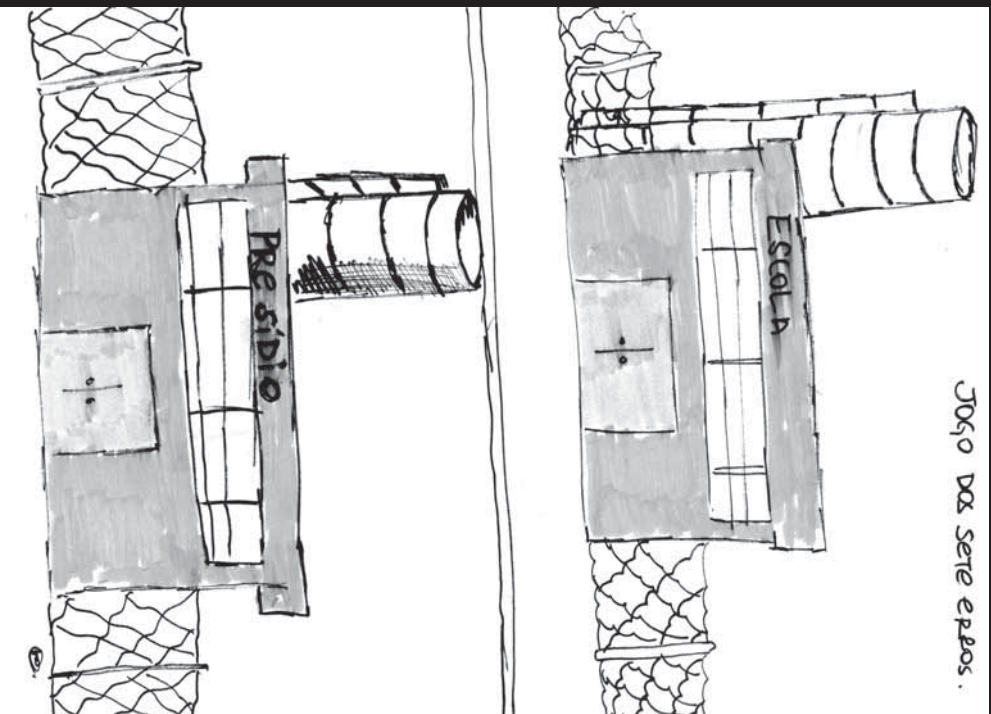
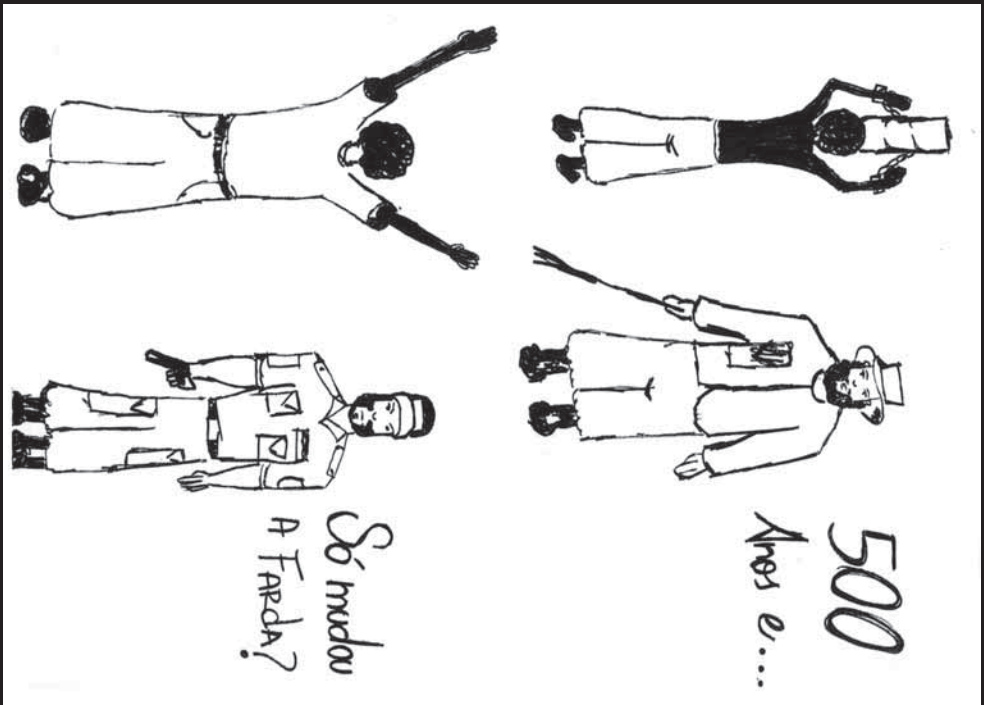
que vive agarrando o povo

com impiedade nos impérios

nacionais e internacionais.

Bertold Brecht





COORDENAÇÃO EDITORIAL: Bel Santos Mayer
Vera Lion

COORDENAÇÃO DA OFICINA DE REDATORES & EDIÇÃO: Fernanda Pompeu

REVISÃO: Vera Roselli

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: TREZE Comunicação

CAPA: Vinicius Rossignol Felipe

EQUIPE DE APOIO: Jean Karlo Oliveira de Souza
Lídia Diniz
Niela Feitosa
Nil Morais

São Paulo, 2007

INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTUDOS E APOIO COMUNITÁRIO – IBEAC

PRESIDENTE: Maria Lucia Carvalho da Silva

DIRETOR TÉCNICO: Luiz Henrique Proença Soares

DIRETOR ADMINISTRATIVO – FINANCEIRO: Marcos Giannetti da Fonseca

DIRETOR EXECUTIVO: José Luiz Gaeta Paixão

PROJETO DIALOGO – PROGRAMA DE FORMAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

CONCEPÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL: Bel Santos Mayer
Vera Lion

REALIZAÇÃO:

IBEAC e Secretaria Especial de Direitos Humanos – Presidência da República

IBEAC

Av. Doutor Arnaldo, 2083
01255-000 São Paulo / SP

Tel (11) 3864.3133

Fax (11) 3865.3211

www.ibeac.org.br

ibeacdh@uol.com.br